PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

ANDRÉIA APARECIDA DOS SANTOS

A literatura de Carolina Maria de Jesus no ensino de história: uma sequência de atividades didáticas a partir da obra "Quarto de despejo" (1960)

Universidade Estadual do Paraná – Unespar

Setembro / 2020

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
NÍVEL DE MESTRADO PROFISSIONAL – PROFHISTÓRIA

ANDRÉIA APARECIDA DOS SANTOS

A LITERATURA DE CAROLINA MARIA DE JESUS NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES DIDÁTICAS A PARTIR DA OBRA "QUARTO DE DESPEJO" (1960)

CAMPO MOURÃO – PR
2020

ANDRÉIA APARECIDA DOS SANTOS

A LITERATURA DE CAROLINA MARIA DE JESUS NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES DIDÁTICAS A PARTIR DA OBRA "QUARTO DE DESPEJO" (1960)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, nível de Mestrado Profissional, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Ensino de História
Orientador(a): Dra. Eulália Maria A de Moraes

CAMPO MOURÃO – PR
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pela Biblioteca
UNESPAR/Campus de Campo Mourão
Bibliotecária: Liane Cordeiro da Silva-CRB 1153/9

Santos, Andréia Aparecida dos
S237L A literatura de Carolina Maria de Jesus no ensino de história: uma sequência de atividades didáticas a partir da obra "Quarto de despejo" (1960). / Andréia Aparecida dos Santos. -- Campo Mourão, PR : UNESPAR, 2020.
140 f. : il.; Fotos; Color.

Orientador (a): Dra. Eulália Maria A. de Moraes.
Dissertação (Mestrado Profissional) – UNESPAR - Universidade Estadual do Paraná, Programa Pós-Graduação em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), 2020.
Área de Concentração: Ensino de História.

1. História-Estudo-Ensino. 2. Ensino-Aprendizagem. 3. Literatura feminina. I. Moraes, Eulália Maria A. de (orient). II. Jesus, Carolina Maria de. III. Universidade Estadual do Paraná–Campus Campo Mourão, PR. IV. UNESPAR. V. Campo Mourão. VI. Título.

CDD 21.ed. 907
371.3
372.4

ANDRÉIA APARECIDA DOS SANTOS

A LITERATURA DE CAROLINA MARIA DE JESUS NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES DIDÁTICAS A PARTIR DA OBRA "QUARTO DE DESPEJO" (1960)

BANCA EXAMINADORA

Dra. Eulália Maria A de Moraes (Orientadora) – UNESPAR, Campus de Campo Mourão.

Dr. Otávio Ribeiro Chaves – UNEMAT, Cáceres – MT.

Dr. Ricardo Tadeu Caires da Silva – UNESPAR, Campus de Campo Mourão.

Data de Aprovação

23/09/2020

Campo Mourão

AGRADECIMENTOS

Emociono-me ao escrever essas linhas: o percurso para chegar a esse momento foi exaustivo, permeado de angústias, desafios e, acima de tudo, de muito aprendizado. Nesse período, minha família foi essencial. Obrigada Alisson Gabriel e Luís Felipe, meus filhos que amo tanto, obrigado Danilo, meu companheiro de todas as horas, meus pais Antônio e Renilda... Enfim, meu agradecimento a toda a minha família e amigos. Obrigada pela paciência e por todo o incentivo. Desculpe pela ausência em alguns momentos. Não teria conseguido sem o apoio de vocês.

Agradeço especialmente à minha orientadora, a professora Dra. Eulália Maria A de Moraes, que me acompanhou durante esse percurso. Além de me orientar, animou e encorajou em muitos momentos. Estendo essa gratidão ao colegiado do ProfHistória da Unespar, Campus de Campo Mourão: todos foram fundamentais para a conclusão desse trabalho. Obrigada pela oportunidade de aperfeiçoar meus conhecimentos e minha prática pedagógica.

Minha gratidão e afeição aos meus colegas de mestrado, companheiros de todas as horas. Foram muitas as angústias e dificuldades enfrentadas, mas acima de tudo muito conhecimento e alegrias acumuladas durante a caminhada.

Meu agradecimento e carinho aos meus alunos dos colégios Arroio Grande e Antonio Dorigon. Vocês foram peça chave no desenvolvimento do meu trabalho. O meu muito obrigada a todos os meus colegas professores, pelas palavras de apoio e incentivo, meus amigos e companheiros de luta, na busca de uma educação mais igualitária e justa.

A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde moro.

Carolina Maria de Jesus.

RESUMO

SANTOS, Andréia Aparecida dos. **A literatura de Carolina Maria de Jesus no ensino de história: uma sequência de atividades didáticas a partir da obra "Quarto de despejo" (1960).** 140f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – Mestrado Profissional. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2020.

Nos dias atuais os professores de diversas áreas do conhecimento, incluindo a História, enfrentam o desafio da superação diária para despertar o interesse dos alunos no processo de ensino-aprendizagem. Diante da necessidade de novas metodologias para o Ensino de História, lançamos mão da narrativa literária como forma de promover, junto aos alunos, a construção de conhecimento histórico. A pesquisa consistiu no planejamento e aplicação de uma sequência didática para utilização em sala de aula, o material contém orientações didáticas para o trabalho da literatura como fonte histórica. A aplicação das atividades aconteceu em duas turmas do 3º ano do Ensino Médio dos colégios Antonio Dorigon e Arroio Grande, ambos localizados no município de Pitanga – PR. Partimos da análise da biografia de Carolina Maria de Jesus e sua principal obra "Quarto de despejo: diário de uma favelada" (1960). O conhecimento histórico desenvolve o senso crítico, determinados acontecimentos semelhantes ou não à nossa temporalidade nos permitem posicionamentos que resultam em uma autocompreensão e/ou autoconhecimento. Apoiados na afirmativa de Jörn Rüsen, quando este afirma que o Ensino de História deve contagiar o aprendizado e determinar a sagacidade com a qual o sujeito orientará sua vida, pensamos no Ensino de História para a Educação Básica objetivando contribuir para com mudanças substanciais nas práticas historicamente construídas encaminhando reflexões da consciência política e histórica ao abordar aspectos espaço/temporais presentes na obra literária.

Palavras-chave: Ensino de história; Fonte documental; Literatura Feminina; Carolina Maria de Jesus.

ABSTRACT

SANTOS, Andréia Aparecida dos. **Carolina Maria de Jesus' literature on history teaching: a sequence of didactic activities based on the work "Quarto de evpejo" (1960).** 140f. Dissertation. History Graduate Program - Professional Master's. Paraná State University, Campo Mourão Campus. Campo Mourão, 2020.

Nowadays, teachers from different areas of knowledge, including history, face the challenge of overcoming daily challenges to arouse students' interest in the teaching-learning process. In view of the need for new methodologies for Teaching History, we use literary narrative as a way to promote, together with students, the construction of historical knowledge. The research consisted of planning and applying a didactic sequence for use in the classroom, the material contains didactic guidelines for the work of literature as a historical source. The application of the activities took place in two classes of the 3rd year of high school at Antonio Dorigon and Arroio Grande schools, both located in the city of Pitanga - PR. We started from the analysis of the biography of Carolina Maria de Jesus and her main work "Quarto de evpejo: diary of a favela" (1960). Historical knowledge develops a critical sense, certain events similar or not to our temporality allow positions that result in a self-understanding and / or self-knowledge. Supported by Jörn Rüsen's statement, when he affirms that History Teaching must infect learning and determine the sagacity with which the subject will guide his life, we think of History Teaching for Basic Education aiming to contribute to substantial changes in historically practices constructed forwarding reflections of the political and historical conscience when addressing space / time aspects present in the literary work.

Keywords: History teaching; Documentary source; Women's Literature; Carolina Maria de Jesus.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 14

CAPÍTULO 1: A LITERATURA E O ENSINO DE HISTÓRIA 22
1.1 História e Ensino 23
1.2 A Literatura como Fonte Histórica 28
1.3 A Literatura e o Ensino de História 32

CAPÍTULO 2: VIDA E OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS 37
2.1 Biografia de Carolina Maria de Jesus 41
2.1.1 Infância 41
2.1.2 Adolescência 46
2.1.3 Vida Adulta 50
2.2 A obra "Quarto de despejo: Diário de uma favelada" (1960) 58
2.3 Representações do discurso feminino em Carolina Maria de Jesus 67

CAPÍTULO 3: CAROLINA MARIA DE JESUS EM SALA DE AULA 71
3.1 Sequência didática 74
3.2 Aplicação das atividades e análise dos resultados 75

CONSIDERAÇÕES FINAIS 95

REFERÊNCIAS 98

APÊNDICE 102

INTRODUÇÃO

Para que serve a história? Qual sua utilidade? Por que estudar o passado? Esses entre tantos outros questionamentos permeiam o cotidiano de um professor de história, pois somos constantemente indagados sobre a utilidade da nossa disciplina. Enquanto professora de história da rede pública, além da pergunta "Para que serve a história?", outras questões têm propiciado o repensar de minha prática pedagógica. Entre elas, destaco: "Como ensinar história aos meus alunos?".

Nas discussões relacionadas ao ensino de História, uma das questões que constantemente vêm à tona é a relação do conhecimento histórico acadêmico com o ensino de História. Durante muito tempo o trabalho do professor foi visto apenas como o de um transmissor de conhecimento produzido pela Academia. A História ensinada era vista por muitos como um subproduto, uma adaptação simplificadora da História acadêmica.

Muitos estudiosos têm se preocupado com a questão da finalidade do ensinar e aprender história na educação básica. A autora Flávia Eloísa Caimi em seu texto "História escolar e memória coletiva: como se ensina? Como se aprende?", Nos leva a refletir sobre a especificidade da história escolar e sua finalidade no processo formativo dos alunos que frequentam a escola, onde muitas vezes o professor agrega técnicas e recursos pedagógicos de forma superficial e dessa forma "…, não se desestrutura a perspectiva cronológica linear, verbalista, memorística, de verdades prontas e acabadas que tem sido característica central da história ensinada" (CAIMI, 2009, p.67).

Diante disso, é urgente discutir questões relacionadas à prática docente, considerando nosso aluno enquanto sujeito e focando em uma aprendizagem significativa que contemple a dimensão construtiva do saber, pensando no ensino de história como um instrumento para a emancipação individual e coletiva.

Com relação à prática docente é pertinente citar o estudo de Durval Muniz de Albuquerque Júnior "Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história" (2012), onde o autor afirma que a partir das várias mudanças no processo histórico e de transformações paradigmáticas no campo do conhecimento, se faz necessário refletir sobre para que serve a história e que utilidades sociais podem ter a produção e o ensino do saber histórico nos dias atuais. O autor apresenta várias ponderações sobre as funções da história, dentre as quais destacamos que a história tem a importante função de "desnaturalizar o tempo presente", de diferencia-lo em relação ao passado e ao futuro, para que o ser do presente se

perceba como parte de um processo marcado por rupturas e descontinuidades, mas também por continuidades e permanências. “A história possui, assim, essa função lúdica de brincarmos de sair do presente, de tentarmos imaginar como viviam como sentiam como pensavam os homens e mulheres do passado” (ALBUQUERQUE, 2012, p. 31).

Pensando no nosso papel enquanto professores da educação básica, considero muito pertinente a ponderação de Albuquerque sobre a utilidade da história em produzir o artefato mais complexo e mais importante da vida social – o próprio ser humano:

> Quando, muitas vezes, somos interpelados com certo ar de desprezo sobre para que serve o que ensinamos e o que escrevemos, devemos responder que a história serve para produzir subjetividades humanas, para humanizar, para construir e edificar pessoas, para lapidar e esmerilhar espíritos, para fazer de um animal um erudito, um sábio, um ser não apenas formado, mas informado, de um ser sensível fazer um ser sensibilizado. Fabricar pessoas no mundo de hoje, como em tantas outras épocas, não é tarefa das mais fáceis. (ALBUQUERQUE, 2012, p.31).

A partir dessas considerações e como professora de história da Educação básica, há doze anos, por inúmeras vezes me questionei e fui questionada quanto à finalidade da minha disciplina, via-me tão imersa no cotidiano da sala de aula e tão longe das discussões acadêmicas, tinha a sensação de que precisava de novos desafios. Foi então que fui convidada por uma amiga e colega de profissão a participar do processo de seleção para o Mestrado profissional em Ensino de História – PROFHISTORIA, fui aprovada e entrei na turma de 2018, na Unespar, em Campo Mourão, foi uma experiência única em minha vida profissional e pessoal, sou imensamente grata a todos que compartilharam comigo essa experiência, uma realidade que parecia tão longe inicialmente, mostrou- se possível e gratificante. O mestrado me proporcionou compartilhar experiências com colegas de profissão e uma aproximação entre a teoria da história em processo de reflexão didática e prática cotidiana de ensino.

Nossa análise se deu a partir da aplicação de um procedimento didático pedagógico, pautado na produção de conhecimento histórico, levando os educandos a produzirem conhecimento histórico, levando-os a perceber aspectos relacionados à desigualdade racial e de gênero presentes no livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada” (1960) de Carolina Maria de Jesus, bem como analisar a manifestação do discurso feminino no contexto da obra e como esse discurso se faz presente no contexto atual.

Propomos ao final do trabalho a produção de um material de apoio ao professor (uma metodologia de ensino que possa ser utilizada em sala de aula, apresentando questões

relevantes para nortear o uso didático da literatura no ensino de história). Para a realização do projeto e aplicação do procedimento didático/metodológico – a partir da análise da obra "Quarto de Despejo" da escritora Carolina Maria de Jesus, desenvolvemos o trabalho com duas turmas da 3ª série do Ensino Médio, sendo uma do Colégio Estadual do Campo Arroio Grande – EFM, localizado na zona rural e a outra do Colégio Estadual Antonio Dorigon – EFM zona urbana, ambos localizados na cidade de Pitanga/PR;

O Colégio Estadual Antonio Dorigon- Ensino Fundamental e Médio está situado na zona urbana do município de Pitanga e atende alunos de vários bairros da cidade e alguns da zona rural, gerando dessa forma, uma grande diversidade sócio cultural. O nível sócio econômico das famílias dos alunos enquadra-se entre médio e baixo, sendo que boa parte dos pais não possui o ensino fundamental completo, em que a falta de emprego é uma realidade preocupante principalmente para a juventude, que migra para os centros maiores em busca de trabalho.[1] O Colégio Estadual do Campo Arroio Grande, situado na zona rural do município de Pitanga, funciona em dualidade administrativa em prédio cedido pela prefeitura municipal. Os alunos pertencentes à essa escola são oriundos de onze comunidades e a maioria utiliza transporte escolar para chegar até a escola. A comunidade atendida pelo colégio, pertence em grande maioria, à famílias de pequenos produtores rurais[2].

A escolha do tema foi motivada por experiências em minha trajetória profissional, com o desenvolvimento de atividades e projetos envolvendo o uso da literatura em sala de aula, e temas voltados para a história das mulheres. Conheci Carolina Maria de Jesus através da professora Eulália Maria A. de Moraes, e vislumbrei a partir da leitura de algumas obras de Carolina a possibilidade de conciliar assuntos pertinentes para a discussão em sala de aula, como a valorização da história das mulheres, preconceito, desigualdades sócias, pautada na discussão entre história e literatura.

Carolina Maria de Jesus pertenceu a um meio que a excluiu por não ser letrada e não conseguiu se encaixar numa sociedade de valores culturais pautados pela erudição, foi mulher de muita fibra, com plena consciência racial e social. É uma escritora especial não só pelo que escreveu, mas pela forma como o fez. Ela não teve medo de expor e também de sustentar sua fala, por vezes desvalorizada, e sua obra sempre contou com uma aliada, a verdade marginal, ou seja, a narrativa de um cotidiano conflituoso com os vizinhos moradores da favela Canindé

[1] Informações retiradas do Projeto político Pedagógico da escola, disponível em http://www.pigantoniodorigon.seed.pr.gov.br/

[2] Informações retiradas do Projeto político Pedagógico da escola, disponível em http://www.pigarroiogrande.seed.pr.gov.br/

em contraste com o restante da sociedade conforme ela mesma organiza ao definir o seu lugar social como ‘quarto de despejo’. A autora de “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada” fez literatura de negros, escritura feminista, provou a opressão social e a negligência dos direitos humanos, colocou-se como exemplo vivo da diferença (TOLEDO, 2010).

Vivemos na era da informação e da comunicação, somos bombardeados constantemente com notícias das mais diversas áreas e assim, nossos alunos trazem muita informação para a sala de aula. Contudo, poucos sabem filtrar esse saber, pois não estão habituados a desenvolver o senso crítico e a capacidade interpretativa e questionadora dos fatos e acontecimentos. O ensino de História é alvo de críticas por parte dos alunos no Ensino Fundamental e Médio, no que diz respeito à sua finalidade: com algumas exceções, percebemos uma grande apatia em nossos alunos. Além disso**,** compreendemos que, por ser um conhecimento permeado de subjetividade, o saber histórico, para assumir um sentido prático, voltado para a realidade de nossos alunos, necessita que os sujeitos envolvidos no seu processo de ensino aprendizagem exercitem habilidades como a de interpretar, analisar, associar, comparar, reconhecer, selecionar e avaliar.

Assim, acreditamos ser de extrema importância a reflexão contínua por parte do professor de História no que se refere à sua prática pedagógica. Nesse sentido é pertinente citar a obra organizada por Leandro Karnal “História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas” (2018), que traz contribuições de especialistas em diversos recortes históricos e que apresentam contribuições significativas para o problema da renovação do enfoque da História. Leandro Karnal, na introdução da referida obra, aponta que o ofício do professor é permeado por mudanças e permanências, o “fazer histórico” é transformado pelas mudanças sociais, debate metodológico, surgimento de novas documentações, novas pesquisas e descobertas arqueológicas; e da mesma forma a “ação pedagógica” muda, porque mudam os envolvidos (professores, alunos, escola), sendo necessário assim pensar na renovação do ensino de História, “Nós professores, precisamos ter cada vez mais consciência de que qualquer prática em sala nasce de uma concepção teórica” (KARNAL, 2018, p. 9).

Diante da necessidade de novas metodologias para o ensino de História, lançamos mão da narrativa literária como forma de promover, junto aos alunos, a criticidade e a produção de conhecimento a partir de variados olhares, analisar diversas interpretações e representações tanto do passado quanto do presente. Neste sentido a proposta de pesquisa, aqui delineada, propõe pensar a linguagem como expressão da experiência em história como componente de lutas. Por meio dessa prática, acreditamos oportunizar, ao educando um ensino de História

que se desocupe das habilidades cognitivas universais e passe a investir em uma educação que busque desenvolver habilidades cognitivas específicas da história (SHIMIDT, 2009, p. 9).

O uso de textos de literatura é muito comum nas aulas de história e em quase todos os livros didáticos há propostas de trabalhos que se dispõem a trazer textos literários para contribuir com o aprendizado escolar. Também são comuns em nossas escolas os trabalhos que integram história e língua portuguesa, em atividades transdisciplinares o que contribui para demonstrar que o conhecimento não é limitado pelas barreiras de uma disciplina e assim tornar o aprendizado mais significativo.

No entanto, temos que tomar alguns cuidados, com o diálogo entre história e literatura, pois para além das proximidades e semelhanças, a história e a ficção têm compromissos distintos:

> Da ficção se espera o uso sistemático da imaginação e, em boa parte dos casos, um compromisso com a verossimilhança; da história se pretende o trabalho com a verdade, mesmo que saibamos que essa verdade não é plena, total ou definitiva, mas aquela possível num dado momento e em função da documentação disponível. (PINTO; TURAZZI, 2012, p. 14).

É o que pode acontecer quando, por exemplo, utilizamos a literatura de forma simplista, apenas para ilustrar uma determinada discussão ou certo período histórico. Ou ao contrário, quando recorremos à história de forma instrumental para buscar dados que ajudem a esclarecer o texto ficcional. Assim, não se está estabelecendo um diálogo de fato entre história e ficção. Nesse sentido é que acreditamos na necessidade de examinar com mais cuidados a discussão sobre os vínculos e interações possíveis entre essas narrativas. Buscamos, em nossa pesquisa, além de colaborar com tal discussão, oferecer um recurso didático que facilite e amplie o uso de textos literários nas aulas de história.

Nos dias de hoje, na sociedade em que vivemos, temos acesso aos meios tecnológicos e ferramentas cada vez mais eficazes para a transmissão de informações com variados níveis de complexidade para iniciantes ou conhecedores dos estudos das possibilidades da Tecnologia da Internet (T.I.). A leitura de narrativas textuais ou visuais vive uma transformação sem precedentes. Assim coloca-se um desafio para os professores de história: “Como lidar com a infinidade de informações disponíveis graças à internet sem perder de vista que a grande rede também representa apenas uma ‘parte do saber’, mas não o saber em si”? Acreditamos no papel do professor como aquele que promove o diálogo e a interatividade

com os alunos, formulando problemas, provocando situações, incentivando percursos, mobilizando experiências, enfim ajudando a compreender e interpretar o mundo em vivemos:

> Os professores tornam-se professores de História aprendendo e ensinando, relacionando-se com o mundo, com os sujeitos, com os saberes e com a história. Formação e prática não são atividades distintas para os professores. Ensinar é confrontar-se, cotidianamente, com a heterogeneidade e partilhar saberes. Assim, por caminhos distintos, movidos por visões teóricas e políticas, o papel do professor de História é contribuir para formar o cidadão. (GUIMARÃES, 2012. p. 115).

Após a publicação de "Quarto de despejo" em 1960, Carolina Maria de Jesus deixa de ser a desconhecida "favelada, catadora de papel" para viver seu sonho de escritora famosa. Como seu livro principal, a obra se posiciona nesta pesquisa como o "carro chefe", e nos permitirá adentrar neste universo espaço/ temporal periférico. O livro, uma vez publicado "foi editado oito vezes, em tiragens de 10 mil exemplares cada". Contudo, no ano seguinte (1961), a obra no Brasil se tornara descartável, "carta fora do baralho". Conforme afirmaria a autora mais tarde, a curiosidade com a qual foi recebido no Brasil a sua obra variou de "artigo de consumo" ao descarte de moda passageira. Hoje, sabemos que há mais que descarte de moda passageira na obra de Carolina Maria de Jesus. No exterior ocorre um fenômeno inverso, pois as traduções da obra ganham novas geopolíticas, inicialmente Holanda, Dinamarca e na segunda metade da década de 1960 as publicações já foram traduzidas em 14 idiomas (CASTRO, 2007, p. 11).

A escolha da referida obra, como objeto de pesquisa justifica-se desde a sua apresentação, com o subtítulo "Favela, o quarto de despejo de uma cidade". A perspectiva da obra literária é de quem vive a realidade de favelado cotidianamente: uma catadora de papel que só teve acesso ao segundo ano do ensino fundamental. O espaço/temporal da obra é a primeira grande favela de São Paulo dos anos de 1960: Canindé – favela que foi desativada para a construção da marginal do Tietê[3] –, é no cenário que margeia o rio Tietê que a autora, bafejada pela "amarga realidade dos favelados na década de 1950", relata um cotidiano

[3]Atualmente a Avenida Marginal Tietê (oficialmente denominada SP-15 ou Rod. Professor Simão Faiguenboim) é um conjunto de avenidas e uma rodovia longitudinal que se transformam fisicamente em apenas uma e que margeiam o rio Tietê, na cidade de São Paulo, no Brasil.

repassado de crueza onde “os costumes de seus habitantes, a violência, a miséria, a fome, as dificuldades para se obter comida” é uma constante (JESUS, 2014, p. 05).

Os pesquisadores da obra de Carolina Maria de Jesus são unânimes em reconhecer que “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” escancara, para sempre, a porta do quarto de despejo do Brasil. Desconstrói-se “a imagem romântica de alguns músicos e intelectuais sobre esse espaço”. Denuncia-se um descaso do poder público para com os pobres, em especial de um componente social afrodescendentes vivendo literalmente às margens, vivendo uma periferia que, na linha temporal, ainda está muito próxima do passado escravista – depois de séculos de escravidão as periferias urbanas do Brasil República exibiam a paisagem dos cortiços, daquilo que chegaria até nossos dias como uma precariedade de moradia humana e que receberia o nome de favelas.

Em 2014, depois de décadas de silenciamento – no ano do centenário de seu nascimento – Carolina Maria de Jesus volta à cena cultural brasileira. Aquela que viveu a ousadia de contrariar um contexto político, cultural, econômico e social excludente e foi silenciada é escritora que tem sido abordado sobre diferentes olhares: a cultura elitista e academicista, sua postura polêmica, valendo-lhe o apelido de “língua de fogo” e a sua posição literária, sem compromisso com a abstração, criam impedimento para a continuidade de sua atuação, assim Carolina Maria de Jesus com o Golpe Civil Militar de 1964, sai de cena. Nada mais destoante do que no auge do “Milagre Econômico” as confissões de uma favelada. A autora de “Quarto de Despejo” fazia literatura de negros, escritura feminista, comprovava a opressão social e a negligência dos direitos humanos, colocando-se como exemplo vivo da diferença (TOLEDO, 2010).

No capítulo I **“A Literatura e o Ensino de História”** estabelecemos diálogo com o debate que teve início nas últimas décadas do século XX, entre História e o Ensino: mudanças que se ombrearam com o avanço da tecnologia para a indústria cultural brasileira colocando em cheque o uso restrito do livro didático. A metodologia do ensino de História ganhou novos interlocutores, a interdisciplinaridade ganhou espaço e o horizonte da pesquisa apontou para novos objetos, novas abordagens, novos problemas, modificando os setores tradicionais da história. Aprendemos que é impossível estabelecer distinção entre cultura popular e erudita, não havendo relevância entre o popular e o letrado. Neste aspecto trabalhar ensino de História com a literatura de Carolina Maria de Jesus gera grande interesse. Aspecto que pode ser comprovado pelo grande número de pesquisadores com pesquisas de mestrado e doutorado e que buscam nas obras da escritora as temáticas abordadas. Assim, neste primeiro capítulo tecemos a panorâmica da Educação Básica da escola pública e a possibilidade de ensino de

História apresentando a literatura como linguagem alternativa, uma literatura marginal que conquistou fama e foi traduzida e mais de duas dezenas de idioma como linguagem alternativa.

No capítulo II, "**Vida e obra de Carolina Maria de Jesus"**, apresentamos nossos objetos de pesquisa: Carolina Maria de Jesus e sua obra porque não é possível dissociar na pesquisa "Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada" da autora/ escritora. Conhecida como a escritora que foi descoberta pelo jornalista Audálio Dantas em 1958 quando este fazia uma reportagem na favela do Canindé com o sucesso de vendagem de seu primeiro livro. Carolina deixa a favela mudando-se para uma "casa de alvenaria". Recebe homenagens acadêmicas no Brasil e em 1961 viaja para a Argentina onde é agraciada com a "Orden Caballero Del Tornillo". O seu livro foi traduzido para outros 13 idiomas e nos últimos 35 anos segue denunciando uma realidade perversa, cruel e ainda atual, pois a temática discriminação, ainda hoje, afeta a identidade coletiva do humano genérico. No Brasil a violência mostra um mapa que desfavorece as mulheres negras. Enquanto no século XXI o homicídio de mulheres brancas caiu 9,8%, entre as mulheres negras a violência alcançou crescimentos alarmantes com 54,2% de crescimento[4].

No capítulo III de título: "**Carolina Maria de Jesus em sala de aula"** acompanhamos e narramos os desdobramentos da pesquisa que adentra a sala de aula. Contextualizamos obra e autora no espaço/ temporal de um Brasil de cerca de duas décadas 1950 e 1960. Na atualidade do oficio de ensinar História, sem desconsiderar os segmentos letrados ou eruditos, assumimos uma preferência por manifestações populares, uma predileção pelo informal, por aquele considerado ilegítimo. Chegamos ao momento em que o trabalho de pesquisa desenvolvido com duas turmas da 3ª série do Ensino Médio – no Colégio Estadual do Campo Arroio Grande (EFM), localizado na zona rural e no Colégio Estadual Antonio Dorigon (EFM) zona urbana, ambos localizados na cidade de Pitanga/PR – pode ser avaliado em suas práxis. Apresentamos a sequência didática que foi trabalhada com os alunos e compartilhamos alguns resultados e experiências a partir dos trabalhos desenvolvidos.

[4] Informação disponível em www.mapadaviolencia.org.br. Ver também https://azmina.com.br/reportagens/a-violencia-tem-cor-e-genero-no-brasil/

CAPÍTULO 1
A LITERATURA E O ENSINO DE HISTÓRIA

É impossível negar a importância, sempre atual, do ensino de história frente ao contexto histórico, social e político em que vivemos. Os autores Jaime e Carla Pinsky no texto "Por uma história prazerosa e consequente", apontam que o grande desafio que se apresenta neste novo milênio é adequar nosso olhar às exigências do mundo real. Afirmam que "é preciso, nesse momento, mostrar que é possível desenvolver uma prática de ensino de História adequada aos novos tempos (e alunos): rica de conteúdo, socialmente responsável e sem ingenuidade ou nostalgia" (PINSKY, 2018, p. 19). O professor não pode na busca de "dar conta de todo o conteúdo", deixar de lado questões sociais e culturais (desigualdades sociais, raciais, sexuais, diferenças culturais), pois acreditamos que o passado deve ser interrogado a partir de questões que nos inquietam no presente. Assim devemos priorizar um ensino de História onde,

> Nosso aluno, cada aluno, tem de se perceber como um ser social, alguém que vive numa determinada época, num determinado país ou região, oriundo de determinada classe social, contemporâneo de determinados acontecimentos (…). Quanto mais o aluno sentir a História como algo próximo dele, mais terá vontade de interagir com ela, não como uma coisa externa, distante, mas como uma prática que ele se sentirá qualificado e inclinado a exercer. (PINSKY, 2018, p. 26).

O professor no seu cotidiano profissional "incorpora noções, representações, linguagens do mundo vivido fora da escola, na família, no trabalho, nos espaços de lazer, na mídia e etc. A formação do aluno/cidadão se inicia e se processa ao longo de sua vida" (FONSECA, 2003, p. 164). Desta forma, tudo que o cerca cotidianamente, como as experiências culturais, as diversas linguagens e os processos de vida que vão desde o trabalho aos espaços de convívio e lazer, são responsáveis pela formação de seus pensamentos e valores. A literatura, o cinema, a música, as tradições que o cercam são parte do ensino-aprendizagem que, hoje sabemos, não estão confinados no espaço escolar unicamente.

No livro "A História tem um sentido?" (2001), Remo Bodei levanta questionamentos sobre de que forma se atribui sentidos para história. E ao fazermos esse exercício dissociamos a história meramente narrativa, factual, desfazemos o sentido que nos direciona aos modelos globais coerentes e que, diversamente do que pensamos estes acontecimentos, não estão

necessariamente, vinculados ao passado. Nas últimas décadas do século XX um debate crítico fez um balanço do avanço tecnológico da indústria cultural brasileira, do uso restrito dos livros didáticos e de uma propagação dos paradidáticos. A argumentação ganhou espaço direcionando reflexões para o campo da metodologia do ensino de história. As fronteiras disciplinares foram questionadas e a interdisciplinaridade ganhou espaço com aprofundamento da pesquisa, conduzindo a historiografia para uma ampliação documental e temática.

Assim sendo, ao oportunizar aos alunos a visão da História como um conhecimento construído por intermédio de um método, levando-os ao entendimento de questões referentes ao caráter subjetivo do ofício do historiador, está se potencializando a construção de um saber histórico que identifica o passado como algo repleto de significados em um presente. Afinal, acreditamos que essas reflexões podem levar os alunos à percepção de que são os nossos interesses que dirigem nossa compreensão histórica e, esta, por sua vez, permite que nos orientemos, no tempo.

1.1 História e Ensino

Dentre as reflexões que têm sido feitas por educadores e historiadores preocupados com o ensino de história, destacamos aquelas emanadas da corrente teórica denominada de Educação Histórica[5]. Fundamentada nas análises acerca do aprendizado histórico feitas por Jörn Rüsen, pressupõe o ensino e a aprendizagem em História como um processo que ultrapassa a ministração de conteúdos, percebendo-o como uma produção narrativa com critérios próprios, que o distinguem de outros relatos.

Jörn Rüsen tem contribuído para a análise e reflexão sobre o ensino e aprendizagem da história. Estevão de Rezende Martins, responsável por parte da tradução de suas obras, afirma que ele é conhecido no Brasil por sua tríade de Teoria da história: livro I – razão Histórica (2001), livro II – Reconstrução do Passado (2007), e livro III – História Viva (2007). O livro que utilizaremos como embasamento para discutir o conceito de consciência histórica é "Jörn Rüsen e o Ensino de História", publicado pela editora da Universidade Federal do Paraná por

[5] Linha de pesquisa também denominada de Cognição Histórica Situada, que tem se expandido gradativamente, como demonstra a formação e consolidação de grupos de pesquisa em diversas universidades brasileiras e em outros países (Como exemplo citamos o Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica- LAPEDUH- do Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal do Paraná- UFPR). As pesquisas têm em comum a preocupação em compreender os elementos do pensamento histórico de crianças e jovens. Nessa perspectiva, ensinar e aprender história significa desenvolver competências pautadas no conhecimento histórico. SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; URBAN, Ana Cláudia. (Org). **Passados possíveis: a educação histórica em debate.** Ijuí: Unijuí, 2014.

meio do Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica, no qual se encontram organizados vários textos que foram escritos por Rüsen em revistas científicas na Inglaterra, Espanha e Alemanha, e foram traduzidos por pesquisadores brasileiros envolvidos com as áreas da Didática da História, da Educação Histórica e da Teoria da História.

Com relação à narrativa histórica, para Jörn Rüsen, a História está multifacetada em vários paradigmas, que são uma forma de explicação técnica de um tipo de racionalidade da constituição histórica de sentido (RÜSEN, 2001, p. 161). O paradigma, ou "matriz disciplinar" é onde estariam agrupados cinco elementos: ideias, métodos, formas, funções e interesses. O autor ainda destaca cinco fatores determinantes para a constituição de sentido da narrativa histórica: as carências de orientação da vida humana prática, as diretrizes de interpretação que se referem à experiência do passado, os métodos de inserção do passado empírico nas diretrizes de interpretação, as formas de representação da experiência do passado incorporada a diretrizes de interpretação e as funções de orientação cultural. Ainda segundo Rüsen, levando-se em consideração os fatores que constituem o sentido da narrativa, esta assume importante papel ao apresentar-se como modelo de explicação histórica, já que "o pensamento histórico, em todas as suas formas e versões, está condicionado por um determinado procedimento mental de o homem interpretar a si mesmo e a seu mundo [e que] narrar é uma prática cultural de interpretação do tempo, antropologicamente universal" (RÜSEN, 2001, p. 149).

Dessa forma, a história que se faz presente assume a forma de uma narrativa, e sendo assim, a narrativa histórica também possui uma importância significativa para a efetuação do aprendizado histórico. É por meio dela que podemos desenvolver as competências geradoras de uma consciência histórica em sala de aula. É ela que nos permite verificar a História como um processo em que o tempo apresenta seu curso e, assim, servindo de orientação para as situações reais apresentadas na vida presente de nossos alunos (RÜSEN, 2001, p. 79).

No livro "Ensino de história e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea", Luiz Fernando Cerri nos apresenta o conceito de consciência histórica como uma importante ferramenta para pensar as relações entre o conhecimento histórico, produzido pela Academia, e a vida prática, refletindo sobre o papel da História dentro e fora da escola. O autor propõe promover uma maior aproximação entre a Teoria da História em processo de reflexão didática e a prática cotidiana de ensino, reconhecendo o professor política e teoricamente como um intelectual.

É importante pensar e discutir sobre as questões que permeiam nossa prática docente, a forma como ensinamos história, uma vez que a rejeição de muitos alunos pela disciplina de

História pode não ser somente falta de interesse ou habilidade, "mas um confronto de concepções muito distintas sobre o tempo, que não encontram nenhum ponto de contato com o tempo histórico tal como aparece na narrativa de caráter quase biográfico das nações ou da humanidade" (CERRI, 2011, p.17). Talvez a forma como ensinamos história não se encaixa nas visões das novas gerações, marcadas por perspectivas de futuro diferentes.

Luiz Fernando Cerri nos apresenta, na introdução de sua obra, a necessidade do ser humano em atribuir sentido ao tempo, as origens do mundo, do nosso grupo e da humanidade, agregando o conceito de consciência histórica, apresentado por ele como uma das estruturas do pensamento humano, que coloca em movimento a definição da identidade coletiva e pessoal, a memória e a necessidade de agir no mundo em que se está inserido. Em todas as nossas atividades cotidianas sofremos a influência de nosso passado, nossa memória e nossa cultura. No entanto, a consciência histórica, não se resume ao passado e a memória, mas as projeções que fazemos para o futuro. O autor ainda destaca o papel do professor nesse contexto, afirmando que profissionalmente, produzimos com nosso trabalho, parte de nossas identidades pessoais, políticas e profissionais e também participamos da constituição das identidades dos outros. Nesse sentido,

> Formar o cidadão em nossos tempos, o que envolve formação de senso crítico e da reflexão autônoma, exige compreender que o professor de história (assim como os professores em geral) é um intelectual. Essa afirmativa vem a ser, a um só tempo, uma constatação e um programa. O professor da escola trabalha com uma forma de conhecimento que o professor universitário de história, o historiador 'em senso estrito', na maior parte das vezes não domina (…). Por fim, então, um dos efeitos mais importantes do conceito de consciência histórica é recolocar o papel do professor de história. De um operário do saber histórico, ele passa a poder ser considerado o mediador privilegiado entre as contribuições da ciência histórica e das diversas conformações da consciência histórica dos alunos e comunidade em que se insere devido ao seu trabalho. Essa história está apenas começando. (CERRI, 2011, p. 132).

Os saberes históricos escolares, os valores culturais e políticos que são ensinados na escola são direcionados a um público/ sujeitos que já trazem consigo várias crenças, valores, comportamentos e atitudes adquiridos em espaços educativos heterogêneos. Resulta desse panorama social dos ambientes escolares a necessidade, por parte do professor, da incorporação de variadas fontes e estratégias de ensino. Ao fazer essa diversificação e dinamizar suas práxis, o docente dinamiza a prática de ensino e leva a democratização do acesso ao saber, além de possibilitar o confronto e o debate de diferentes visões. Uma postura

reflexiva evita práticas e atitudes que desvalorizam os saberes produzidos em outras culturas não escolares, por diferentes grupos sociais, étnicos ou religiosos. O que leva a valorização de atitudes de respeito à diversidade e de crítica às desigualdades.

Entendemos que a História precisa incorporar diferentes linguagens para o processo de ensino/aprendizagem e como disciplina escolar precisou reconhecer a estreita comunhão entre saberes aprendido na escola e a experiência da vida em sociedade. No novo conceito de ensino/aprendizagem as metodologias estão em um contínuo processo de investigação e ampliação significativa do conceito de fonte documental. Nesse sentido, destacamos mais uma vez o papel do professor, e da necessidade de reflexão sobre o papel formativo do ensino de história,

> Devemos pensar sobre a possibilidade educativa da História, ou seja, a História como saber disciplinar que tem um papel fundamental na formação da consciência histórica do homem, sujeito de uma sociedade marcada por diferenças e desigualdades múltiplas. Requer assumir o ofício de professor de História como uma forma de luta política e cultural. As relações entre ensino e aprendizagem podem ser, a um só tempo (por que não?), um convite e um desafio para alunos e professores cruzarem ou mesmo subverterem as fronteiras impostas entre diferentes culturas e grupos sociais, entre a teoria e a prática, a política e o cotidiano, a história e a vida. (GUIMARÃES, 2012. p. 70).

Dentre as concepções historiográficas e as práticas dos professores já podemos observar uma nova configuração do ensino de história. Houve uma ampliação dos objetos de estudo, dos temas, dos problemas e das fontes históricas utilizadas em salas de aula. Os referenciais teórico-metodológicos são diversificados. Questões que até então foram debatidas somente no ensino de graduação chegaram ao ensino médio e fundamental, mediadas pela ação pedagógica de professores que não se contentam com a reprodução dos velhos manuais.

A Literatura, ou “as literaturas”, são vestígios do passado e compõe parte da documentação por meio da qual o historiador pode se valer para acessar a vida humana em outras épocas e construir conhecimentos sobre ela. Assim, também podem se converter em fontes históricas. Essa viabilidade, no entanto, é resultado de uma série de transformações pelas quais tem passado a historiografia desde o final do século XIX, e que promoveram uma importante redefinição do conceito de fonte histórica.

Em um primeiro momento, quando a História foi postulada a um campo científico do conhecimento pelos historiadores do século XIX, a fonte histórica esteve associada

exclusivamente aos chamados documentos escritos oficiais, que tratavam predominantemente de feitos e acontecimentos relacionados a personalidades políticas e militares. O processo de crítica da fonte consistia apenas em confirmar a autenticidade de um documento e sua veracidade. Partia-se do princípio de que existia uma verdade incontestável e absoluta que poderia ser reconstituída de forma objetiva a partir de determinados textos. Entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, porém, a relação dos historiadores com parte dos vestígios do passado transformou-se, e a noção de documento foi ampliando-se consideravelmente. A constatação dos limites de se utilizar apenas textos escritos oficiais para a pesquisa histórica e a possibilidade de os mesmos materiais serem abordados de formas diferentes foram o ponto de partida para essa mudança. O resultado foi o alargamento dos documentos possíveis de serem utilizados e a compreensão de que são as perguntas do historiador que transformam um documento em fonte. Assim, passou a ser considerada fonte histórica todo o vestígio do passado que forneça informações sobre a vida humana quando interrogado por um historiador (BURKE, 2010).

Contribuiu para o enriquecimento das fontes históricas as mudanças na historiografia do período, especialmente o papel da chamada "Escola" dos *Annales*, que trouxe para a pesquisa novos objetos de estudo, exigindo também outras abordagens e formas de acessar o passado,

> Os documentos referem- se à vida cotidiana das massas anônimas, à sua vida produtiva, às suas crenças coletivas. Os documentos não são mais ofícios, cartas, editais, textos explícitos sobre a intenção do sujeito, mas listas de preços, de salários, séries de certidões de batismo, de óbito, casamento, nascimento, fontes notariais, contratos, testamentos, inventários. A documentação massiva e involuntária é prioritária em relação aos documentos voluntários e oficiais. Todos os meios são tentados para se vencer as lacunas e silêncios das fontes. Os Annales foram engenhosos para inventar, reinventar e reciclar fontes históricas. Eles usavam escritos de todos os tipos: psicológicos, orais, estatísticos, plásticos, musicais, literários, poéticos, religiosos. (REIS, 2000, p. 23).

Essa ampliação da noção do conceito de fontes históricas continuou ao longo do século XX, alcançando seu auge a partir da década de 1960, quando foi caracterizada como uma verdadeira revolução documental. Mas o uso mais frequente e em maior quantidade de outros tipos de documentos pelos historiadores não foi a única transformação importante relacionada às fontes históricas. Alterou-se também a noção de verdade associada a elas, o

que impôs novos procedimentos de crítica, para além da mera verificação de sua autenticidade.

1.2 A Literatura como Fonte Histórica

O uso de textos literários como fonte histórica nas aulas de história não é assunto inédito e já foi abordado em inúmeros estudos e pesquisas,

> Afirmar que a literatura integra o repertório das fontes históricas não provoca hoje qualquer polêmica, mas nem sempre foi assim. Mais do que isso, nas últimas décadas os textos literários passaram a ser vistos pelos historiadores como materiais propícios a múltiplas leituras, especialmente por sua riqueza de significados para o entendimento do universo cultural, dos valores sociais e das experiências subjetivas de homens e mulheres no tempo. Dessa perspectiva resultaram numerosos trabalhos históricos que abrangem tanto os estudos aplicados quanto as análises teórico-metodológicas sobre a exploração desse tipo de fonte. (FERREIRA, 2009, p. 61)

O mesmo autor nos oferece em seu texto algumas orientações básicas para o tratamento da fonte literária na pesquisa histórica e aponta que a historiografia contemporânea abriu espaço para vários temas e problemas que demandam o auxílio da literatura. Mas seja qual for o assunto escolhido pelo historiador, a interpretação dos textos literários exige algo além do método- um modo especial de sensibilidade, que só é possível alcançar quem gosta de literatura. (FERREIRA, 2009).

Assim, os estudos na disciplina de História, através dos textos literários, estão assentados na ideia da literatura como campo privilegiado para a investigação histórica, vista como valiosa fonte de análise, na medida em que possibilita um melhor entendimento relativo as representações construídas numa dada sociedade. É importante destacar a literatura como documento ou testemunho histórico, no sentido de valorizar a riqueza do texto ficcional como fonte que, de forma indireta, fala do mundo, através de uma linguagem metafórica. O conteúdo narrativo do texto literário, por conseguinte é expressão de formas de pensar e agir, dotadas de credibilidade e significado.

As discussões que dizem respeito à História e à Literatura inserem-se no âmbito da História Cultural. Para este domínio da História, "[...] a relação entre a História e a Literatura se resolve no plano epistemológico, mediante aproximações e distanciamentos, entendendo-as como diferentes formas de dizer o mundo, que guardam distintas aproximações com o real"

(PESAVENTO, 2004, p.80). Tanto História quanto Literatura são modos de explicar o presente, inventar o passado, pensar o futuro, e utilizam de estratégias retóricas para colocar em forma de narrativa os fatos sobre os quais se propõem a abordar. Ambas são formas de representar questões que são pertinentes aos homens da época em que são produzidas, possuindo um público destinatário e leitor. Ainda de acordo com Pesavento (2004), a História é regida pela relação que estabelece com seu objeto, e sua meta é atingir uma verdade sobre o acontecido que tenha a maior proximidade possível com o passado, e isto seria uma diferença fundamental entre ela e a Literatura (PESAVENTO, 2004, p. 82).

A mesma autora aponta que a literatura pode operar também como um suporte para os estudos historiográficos. A coerência de sentido do texto literário pode ajudar a orientar o olhar do historiador para muitas outras fontes e contribuir para que ele enxergue o que ainda não viu, de forma que literatura possui, então, o efeito de multiplicar as possibilidades de leitura. Estaríamos, portanto, "[...] diante do "efeito de real" fornecido pelo texto literário que consegue fazer seu leitor privilegiado — no caso, o historiador, com o seu capital específico de conhecimento — divisar sob nova luz o seu objeto de análise, numa temporalidade passada" (PESAVENTO, 2006, p. 6). A Literatura é, portanto, uma fonte privilegiada para o historiador, pois lhe garante acesso diferenciado ao imaginário, permitindo que ele enxergue traços que outras fontes não lhe forneceriam. Ela é "[...] narrativa que, de modo ancestral, pelo mito, pela poesia ou pela prosa romanesca fala do mundo de forma indireta, metafórica e alegórica" (PESAVENTO, 2006, p. 6).

A aplicação de obras literárias como subsídio para construir conhecimento histórico tem se tornado prática frequente entre os professores de história. A utilização de textos literários são objetos desafiadores e ao mesmo tempo prazerosos para o docente que visa diversificar sua prática de ensino. No entanto, reforçamos a necessidade de superar a utilização da literatura apenas como introdução a um assunto ou a um conceito, ou até mesmo como uma fonte histórica lida de maneira anacrônica. Acreditamos assim, na necessidade de refletir sobre a aplicação da literatura não só na prática, mas também a partir de uma discussão teórica, objetivando uma prática pedagógica que possibilite aos alunos a construção de seu próprio conhecimento histórico.

Ao utilizar a literatura como fonte histórica, os historiadores não estão preocupados em investigar se a representação do passado criada pelo literato confere com a historiografia, nem somente colher informações históricas do texto literário, mas, seu objetivo é analisar a mentalidade de uma época,

> O desafio da História, nesse âmbito, é estudar as mudanças e permanências das mentalidades ao longo do tempo. É investigar como os seres humanos concebem sua forma de estar no mundo e vivenciá- lo. Nesse quesito, a Literatura tem a primazia sobre quaisquer fontes passíveis de investigação. Como fonte, ela possibilita ao historiador estudar as construções e aplicações do pensamento dos indivíduos e grupos sociais, o que é essencial ou superficial, quais as vissitudes e idiossincrasias estão presentes, o que é visceral ou desprezível numa sociedade, quais tabus e preconceitos são reforçados ou questionados em determinado momento histórico e tantos outros aspectos constituintes da mentalidade de uma época. (PINTO, TURAZZI, 2012. p. 16).

De qualquer forma, ao optar por utilizar a Literatura enquanto fonte, o historiador deve tomar os mesmos cuidados que toma ao lidar com todas as categorias de fontes, sendo necessário que se volte para ela de maneira adequada, entendendo que um livro é expressão tanto de um autor quanto de sua época e também de seus leitores, já que não se pode imaginar a Literatura sem levar em conta sua recepção.

A literatura é acima de tudo arte e como produto artístico está situada em um espaço/temporal, ou seja, possuí origem social. Como linguagem literária ela pode informar ao historiador sobre a história que não logrou êxito, sobre sonhos malogrados, planos que não se consumaram. Ao historiador a análise dos textos literários disponibilizarão as pistas, os vestígios que denunciam valores, costumes, modo de ser, viver e agir das pessoas em meio a não realidade, a tensão e a possibilidade. Caberá ao professor respeitar os limites do texto literário e a sensibilidade com a narrativa que poderá tornar seu ensino de história mais prazeroso.

Assim, acreditamos que a literatura é uma fonte de grande valor que nos propicia uma renovada representação da sociedade, bem como de uma época. Ela pode nos indicar o imaginário que os grupos humanos constroem sobre si mesmos, tais como mitos, ideologias, conceitos, valores etc. Assim como a história, a literatura é uma das formas que possibilitam ver o mundo, sendo que a história tem a pretensão de alcançar o real acontecido e a literatura não tem esse mesmo compromisso:

> A Literatura permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores. Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário. Porque se fala disto e não daquilo em um texto? O que é recorrente em uma época, o que escandaliza, o que emociona, o que é aceito socialmente e o que é condenado ou proibido? Para além das disposições legais ou de códigos de etiquetas de uma sociedade, é a

> literatura que fornece os indícios para pensar como e por que as pessoas agiam desta e daquela forma. (PESAVENTO, 2004, p.82).

A estética de uma obra literária é também uma expressão das principais características políticas, sociais e culturais de um período. Pois, a obra literária procura, nesses elementos, uma lógica para que ela seja aceita na sociedade. Sendo assim, as expressões artísticas e, entre elas, a literatura, cumpre uma função política, podendo assumir o papel de instrumentos para reafirmação de uma ordem vigente ou como um mecanismo para a sua transformação.

Essas influências da realidade que perpassam o texto literário nos montam um cenário propício à pesquisa histórica, pois o autor se vale de um recurso de aproximação com a realidade que nos oportuniza o contato com vestígios do passado: a verossimilhança. É esse artifício que deixa a narrativa literária com a sensação de credibilidade, pois "um escritor que inventa uma história (...), deve representar personagens baseados nos usos e costumes da época em que viveram: do contrário eles não serão críveis" (GINZBURG, 2007, p. 82).

Ensinar os alunos a analisarem essas diferentes dimensões temporais apresentadas pela literatura é o primeiro passo para efetivar a construção do conhecimento histórico pelos alunos, depois o desafio está na interpretação dessas representações temporais, com o objetivo de compreender a mentalidade da época do escrito; e por fim levar os alunos a analisar as relações dessas representações os âmbitos político, social, econômico e cultural, com o atual momento histórico. Levar o aluno a refletir criticamente sobre a forma contemporânea de conceber e vivenciar o mundo e em que medida há o encontro ou o desencontro com o passado analisado por meio do texto literário, propiciando a produção de conhecimento histórico, mas também a aplicação desse conhecimento no cotidiano.

> ..., o uso da Literatura no ensino de História possibilita a efetividade de uma série de habilidades compartilhadas por professores e alunos. Juntos, eles podem perceber qual é modalidade temporal do escrito, além de discutir e analisar as representações do tempo apresentado da mesma forma podem descrever grupos sociais de um período histórico, perceber hierarquizações, enxergar posicionamentos políticos, desigualdades econômicas, diferenças culturais... finalmente, é possível desvelar aspectos da mentalidade de uma época que nem sempre são descritos em textos de caráter historiográfico. Por meio do estudo da Historia, com base em documentos literários é possível resgatar, por exemplo, elementos da historia de grupos excluídos, aqueles que não puderam se expressar em sua sociedade num determinado período. (ABUD; SILVA; ALVES, 2013, p. 25).

O historiador trabalha seguindo determinadas concepções teóricas e metodológicas que distinguem sua narrativa sobre o passado da narrativa literária. Seguindo algumas reflexões de Certeau (1982), o compromisso do profissional de História com o verdadeiro se efetua a partir do cumprimento de um conjunto de técnicas - como a seleção, crítica e descrição das fontes – que legitimam e dão credibilidade ao seu discurso sobre o passado. Ainda assim, embora seguindo um processo diferente de construção, com menos liberdade criativa, o historiador pode e deve servir-se dos conhecimentos da Literatura para sua construção textual. Esta tem muito a enriquecer e complexificar o argumento de seu discurso, permitindo pensar de outras formas, por exemplo, o conjunto variado de possibilidades que compõem a vida de seus personagens históricos, bem como as diferentes temporalidades que se entrecruzam nas trajetórias dos indivíduos.

1.3 A Literatura e o Ensino de História

Nos dias atuais os professores de diversas áreas do conhecimento, incluindo a História, enfrentam o desafio da superação diária para despertar o interesse dos alunos no processo de ensino-aprendizagem. As aulas de História tradicionais, geralmente pouco atrativas para os alunos, podem ser renovadas ao se aproximar o fazer historiográfico com a prática pedagógica. As fontes históricas utilizadas por historiadores para produção do conhecimento histórico podem ser usadas em sala de aula, criando um ambiente de socialização e de conhecimento, no qual os educandos participam de maneira ativa.

Pode- se dizer que o livro didático seja ainda hoje, o protagonista do cenário do ensino de história na maioria das escolas brasileiras. Entretanto, existem muitas outras possibilidades de ensinar a partir de fontes históricas, e no nosso caso, através da literatura. Para Selva Guimarães Fonseca (2003) os professores que assumem o compromisso de trabalhar com discursos literários enfrentam os seguintes questionamentos: "qual a especificidade do discurso literário e do discurso histórico? Quais fronteiras que delimitam esses dois discursos? Como trabalhar literatura e história, respeitando as especificidades do discurso literário?". O que aproxima o discurso histórico e o literário é o fato de ambos serem narrativos. O discurso histórico tem compromisso com a explicação do real uma vez que se estabelece um diálogo do historiador com os testemunhos, os documentos que apresentam as evidências. Apoiado nesta comunicação o historiador relata "o real em movimento", descreve a ação, as discrepâncias, aquilo que permaneceu ou as transições. "A obra literária não tem compromisso, nem a preocupação de explicar o real, nem tampouco de comprovar fatos. Trata-se de uma criação, um teatro mental"; um afastamento do real (FONSECA, 2003, p. 165).

A literatura é acima de tudo arte e como produto artístico está situada em um espaço/temporal, ou seja, possuí origem social. Como linguagem literária ela pode informar ao historiador sobre a história que não logrou êxito, sobre sonhos malogrados, planos que não se consumaram. Ao historiador a análise dos textos literários disponibilizarão as pistas, os vestígios que denunciam valores, costumes, modo de ser, viver e agir das pessoas em meio a não realidade, a tensão e a possibilidade. Caberá ao professor respeitar os limites do texto literário e a sensibilidade com a narrativa que poderá tornar seu ensino de história mais prazeroso.

Consideramos que a narrativa literária pode facilitar a compreensão do passado ao ser utilizada como fonte em sala de aula, pois promove uma identificação entre os alunos com o passado a partir das "pessoas" ou personagens – observando suas emoções e experiências, como comiam, vestiam, reconhecendo como estas viviam em outro tempo. A narrativa literária traz contribuições significativas para o ensino de História, o vislumbre de aspectos do cotidiano de um literato e sua realidade, bem como a referência espaço-temporal implícita em seus escritos. Sobre esse aspecto, Bittencourt (2011) menciona que:

> Para a História, esse referencial torna possível analisar textos literários como documentos de época, cujos autores (os criadores das obras) pertencem a determinado contexto histórico e são portadores de cultura exposta em suas criações, os seguidores de determinada corrente e representantes de seu tempo. (BITTENCOURT, 2011, p.342).

Assim sendo, o ensino de história pode utilizar a literatura para problematizar com os educandos como os autores de textos literários constroem as representações do passado para dialogar com os seu presente, levando- o a "captar e compreender as discussões politicas, sociais, econômicas e culturais do autor com seu tempo são funções do historiador e importante material de discussão na prática do ensino de história" (PINTO, TURAZZI, 2012. p. 17).

Dentro do debate entre literatura e o ensino de história, além de questões ligadas ao campo conceitual, vários autores abordam em suas obras e pesquisas, exemplos e sugestões de como esse diálogo entre história e literatura pode ser encaminhado em sala de aula.

> No ensino Fundamental, é possível desenvolver projetos Inter/ transdisciplinares (História, Literatura e outras disciplinas), adequados ao universo dos alunos, sobre diversos temas e problemas. Experiências didáticas tem mostrado como obras clássicas e contemporâneas da Literatura Brasileira e internacional possibilitam o desenvolvimento do gosto pela História, leitura, criatividade e criticidade, contribuindo para a ampliação do

> universo cultural e para a compreensão do mundo. Trata- se de uma opção metodológica que pode ser assumida no interior do projeto pedagógico da escola, coo forma de integrar professores, projetos, interpenetrar conteúdos e métodos e transpor as rígidas fronteiras das disciplinas escolares. (GUIMARÃES, 2012, p. 317).

O livro "Ensino de história: diálogos com a literatura e a fotografia" (2012) dos autores Julio Pimentel Pinto e Maria Inez Turazzi, traz reflexões teóricas e percorre os caminhos da criação literária, apresenta diálogos entre história e literatura e oferece alternativas para o ensino de história e a construção de um conhecimento plural e interdisciplinar, estratégias que podem ser incorporadas ao dia a dia escolar. O livro faz parte do acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE do Professor de 2013, o material é um bom recurso para aqueles professores que buscam desenvolvimento profissional e diversificar sua prática pedagógica.

A autora Marcella Lopes Guimarães, na obra "Capítulos de História: o trabalho com fontes" (2012) traz questões relevantes sobre o trabalho com fontes históricas em sala de aula, a partir da experimentação em diferentes séries, turmas e contextos. A obra também faz parte do Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE do Professor de 2013, e está disponível na biblioteca das escolas onde trabalho. No capítulo "História e literatura: um debate desde Aristóteles", Guimarães, além do debate teórico, apresenta textos literários e aponta como estes podem ser trabalhados em sala de aula[6].

Partindo da premissa de que no processo de ensino/aprendizagem as metodologias estão em um contínuo processo de investigação e ampliação significativa do conceito de fonte documental, a pesquisa de Lucialene Duarte Silva Viana intitulada "Fontes Literárias e a construção de saberes históricos: uma proposta didático-pedagógica no ensino de história"[7]. A referida pesquisa leva a questionamentos relacionados a prática docente bem como com a questão da finalidade do ensinar e aprender história na educação básica, pensando no aluno enquanto sujeito e na aprendizagem significativa que contemple a dimensão construtiva do

[6] Nas páginas 136 a 139 do livro "Capítulos de História: o trabalho com fontes", a autora sugere um roteiro muito interessante para o trabalho com a literatura no cotidiano escolar, a partir da apresentação de sete etapas a serem seguidas/ adaptadas pelo professor.

[7] Pesquisa vinculada ao Mestrado em Ensino de Historia oferecido pela Universidade Federal do Tocantins proporciona uma reflexão sobre a prática docente, já que a mesma atua como professora da educação básica na rede pública de ensino; possui graduação em História pela Universidade de Tocantins em 2006 e mestrado em Ensino de Historia oferecido pela Universidade Federal do Tocantins em 2017

saber, pensando no ensino de história como um instrumento para emancipação individual e coletiva.

A autora relata a implementação de uma proposta didática, realizada com uma turma do 3° ano do Ensino Médio, localizado na cidade de Araguaína no estado de Tocantins, partindo da análise de dois contos de Monteiro Lobato "Urupês e Velha Praga" escritos em 1910, no contexto da República Velha (História do Brasil), conteúdo esse que foi trabalhado em sala de aula. Inicialmente a autora apresenta um panorama da História enquanto ciência, destacando as contribuições das principais correntes historiográficas para a constituição da disciplina, na sequência é feita uma análise sobre as relações entre História e Literatura, destacando as discussões recentes sobre essas duas modalidades de representação da realidade, e ainda apresenta o material didático produzido, bem como, analisa as produções textuais feitas pelos alunos.

Viana (2017) aponta para a importância da efetivação de um ensino de história voltado para o aluno enquanto sujeito no processo educativo, que proporcione o entendimento de questões referentes ao caráter subjetivo do ofício do historiador, potencializando a construção de um saber histórico que identifica o passado como algo repleto de significados em um presente. A autora aponta que diante da necessidade de novas metodologias para o ensino de história a narrativa literária pode ser um recurso eficaz na construção de saberes históricos; e afirma que por mais que alguns objetivos propostos não foram alcançados, durante todo o processo de aplicação os alunos se dispuseram a ampliar sua perspectiva sobre a disciplina, bem como ampliaram seu entendimento sobre questões relativas à construção do conhecimento histórico.

A dissertação de Cristiane Reis Mattos de Oliveira, intitulada "Contos da África Lusófona: Fontes literárias para o ensino de história" defendida no rio de Janeiro em 2018, a pesquisadora propõe uma sequência didática a partir de fontes literárias para o ensino de história. Especificamente, o gênero textual conto para o ensino de história da África Lusófona. Através das discussões sobre a história do ensino de história africana na educação básica brasileira; o uso da literatura como fonte histórica em sala de aula; e ainda sugere um material pedagógico destinado aos anos finais do ensino fundamental e médio, para servir de auxílio no tratamento do tema. (OLIVEIRA, 2018).

A pesquisa "Ensino de história, cotiado e literatura: escravidão e paternalismo em contos de Machado de Assis", de autoria de Raul Costa de Carvalho, defendida em 2016 em Porto Alegre, apresenta algumas reflexões sobre a relação entre História e Literatura, em alguns contos de Machado de Assis como recursos para o ensino de dois temas: a escravidão e

o paternalismo no período conhecido como Segundo Reinado (1840-1889). O resultado da proposta pedagógica foi a produção de um material didático, denominado Caderno do Professor, voltado para professores de História do 8º ano do Ensino Fundamental. Neste material, apresentam-se interpretações possíveis dos contos, de acordo com o objetivo de aprendizagem proposto, bem como algumas sugestões de atividades para serem desenvolvidas em sala de aula. (CARVALHO, 2016).

Na mesma linha de autores que trabalham com literatura em sala de aula, Alexandre Barbosa, no trabalho "A narrativa como ensaio para a aprendizagem da história: a arte e ficção na constituição do tempo e de si" (2016), procura discutir a conveniência de promover o intercâmbio entre ciência e ficção no âmbito das práticas de ensino de História, argumentando a partir de reflexões teóricas seguidas por experimentos realizados com estudantes das séries finais do ensino fundamental, o autor procurou articular as mais recentes discussões no campo da Didática da História e do ensino de História, seu estudo é destinado aos docentes da educação básica, buscando oferecer uma referência a mais para refletir acerca da abordagem e do método que empregam na sua prática educativa. (BARBOSA, 2016).

Citamos acima alguns trabalhos que tratam do uso da literatura como fonte histórica em sala de aula, são algumas dissertações defendidas no PROFHISTÓRIA, e que já fizeram discussões relevantes, principalmente, em se tratando de experiências realizadas na Educação Básica com esta nova proposta de tipologia documental. Esses trabalhos corroboram para com a nossa análise sobre a frequência com que a utilização da literatura nas aulas de história vem sendo refletidas e experimentadas pelo professor que entende que sua função não é de mero reprodutor do livro didático. Essas novas propostas metodológicas vem sendo alvo de análises de discussões em diferentes programas de pesquisa pelo país.

Assim, seguimos no nosso propósito de analisar o uso das Fontes Literárias no Ensino de História buscando problematizar e ressignificar a sua prática quando os empregamos na realidade das salas de aula da educação básica. Acreditamos que ensinar história, articulando-a com a literatura, aumenta o diálogo com outras áreas do conhecimento, outras manifestações da experiência humana. História e literatura são dimensões do nosso viver, modos de ler e interpretar o mundo.

CAPÍTULO 2
VIDA E OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Nosso objetivo na primeira parte desse capítulo é apresentar Carolina Maria de Jesus através de suas principais obras: "Quarto de despejo: diário de uma favelada" (1960); "Casa de Alvenaria: diário de um ex-favelada" (1961) e "Diário de Bitita" (1986). Também nos embasaremos em três biografias da referida autora, que serviram como material de análise e pesquisa são elas: 1. "Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus" primeira edição de 1994, escrita por Robert M. Levine e José Carlos Sebe Bom Meihy; 2. "Muito bem, Carolina!" primeira edição de 2007, das autoras Eliana de Moura Castro e Marília Novais da Mata Machado; e 3. "Carolina – uma biografia" de Tom Farias, publicada em 2017.

Concomitante à biografia de Carolina Maria de Jesus faremos a apresentação e análise do livro "Quarto de despejo: diário de uma favelada". Foi por meio desta obra que Carolina e seu estilo literário foram apresentados ao leitor. "Quarto de Despejo" foi um grande fenômeno editorial, não só no Brasil, sendo vendido em mais de 40 países. Nesta obra, a autora Maria Carolina de Jesus narra fatos cotidianos vivenciados por ela e por sua família, no período em que viveu na Favela do Canindé, em São Paulo. Em uma narrativa forte, com muita crueza valendo-se da autobiografia e de um testemunho sem retoques, Carolina apresenta as particularidades de suas condições de vida, sobretudo dos desafios enfrentados cotidianamente para garantia de sua sobrevivência e dos seus filhos.

"Quarto de Despejo: diário de uma favelada" (1960) é uma edição dos diários de Carolina Maria de Jesus, migrante de Sacramento, Minas Gerais, mãe solteira e moradora do Canindé, primeira grande favela de São Paulo, que foi desocupada em meados dos anos 1960 para a construção da Marginal do Tietê. O livro relata a realidade dos favelados na década de 1950: os costumes, a violência, a miséria, a fome e as dificuldades de sobrevivência. O tempo é outro, a cidade cresceu, mas a realidade de quem vive na miséria não mudou muito. Isso faz do relato de Carolina uma obra atemporal.

A obra "Casa de Alvenaria: diário de um ex- favelada", foi publicada em 1961 pela Editora Paulo de Azevedo Ltda. Nesta obra, Carolina narra episódios ocorridos em sua vida entre os dias 05 de maio de 1960 e 21 de maio de 1961. A cronologia literária de seu segundo livro apresenta um espaço temporal que narra os acontecimentos, por ela vividos, em alguns meses antes do advento literário de o "Quarto de Despejo", nesse período a vida da escritora

passa por grandes mudanças, pois ela se torna famosa e conhecida nacional e internacionalmente, deixa a favela do Canindé e passa a viver na tão sonhada casa de alvenaria.

> O sucesso de seu segundo livro foi bem menor, apesar de ser a continuação de seu diário, escrito inclusive no mesmo estilo. Em novembro de 1961, antes de se ter completado um ano do lançamento de *Quarto de despejo*, seus editores publicaram *Casa de alvenaria: diário de uma ex- favelada*, obedecendo ao mesmo critério do *Quarto*. O novo livro cobria o período desde a saída da família do Canindé até a propalada *Casa de Alvenaria*. Apesar de Audálio Dantas e muitos outros jornalistas e intelectuais terem dito que o segundo livro era tão importante como o primeiro, este só vendeu de pronto apenas 3 mil exemplares de uma edição de 10 mil. Logicamente isto refletia a rejeição proposta pelos grupos simbolizados pela classe média de Santana, pela esquerda decepcionada e pela critica que cobrava de Carolina dotes de escritora de carreira. *Casa de alvenaria* é um texto de conteúdo muito mais agressivo que *Quarto de despejo*, e, no entanto, atraiu muito menos. Nele Carolina adotou uma linguagem mais radical e é provável que essa linguagem, por ser tão mais próxima da argumentação comum da esquerda, não tenha encantado a direita nem tenha se distinguido da esquerda. Estudantes e intelectuais não aceitaram sua 'nova' empáfia e desprezaram seus posicionamentos públicos. Carolina aos poucos ia vestindo a roupagem de 'oportunista' garantida pela opinião pública. (LEVINE, MEIHY, 2015, p. 42)

Sobre a infância de Carolina, uma rica fonte de informações é o seu livro de publicação póstuma "Diário de Bitita", que apesar de trazer em seu título a palavra "diário", não se trata de um diário. É, na verdade, um livro de contos autobiográficos e têm como base as memórias da escritora do período em que viveu em Sacramento, Minas Gerais, com a sua família.

> Embora intitulado diário, trata- se na realidade, de memórias da infância. Se, num diário, o tempo decorrido entre o acontecido e o relatado é o menor possível, como se o imediato reproduzisse melhor a realidade, o Diário de Bitita é uma reelaboração, na maturidade, das experiências infantis. Obviamente, há elementos de fantasia na percepção da própria infância. Por isso, pode- se falar de uma construção autobiográfica com conteúdos ficcionais. A distância, geográfica e temporal, permite uma visão panorâmica da própria vida e, ao mesmo tempo, convida a uma idealização de si e de membros da família. Ao lado de lembranças quase idílicas do passado, relatos muito amargos e revolta contra injustiça e preconceito. (CASTRO; MACHADO, 2007, p. 16)

Publicado a primeira vez na França em 1982[8], nele temos a luta diária de uma família negra, pós Lei Áurea através do olhar de uma menina muito esperta de apelido Bitita. O esforço para conseguir trabalho e a tentativa de viver de forma digna, é um dos destaques do livro. Ela narra também a infância humilde, sua relação com a família, o período que pode frequentar uma escola, como surgiu nela o desejo e o gosto pela leitura e sobre os preconceitos que sofreu na sua caminhada, principalmente por ser mulher e negra. Ao retraçar seu caminho, aludindo a seus primeiros contatos com os livros Carolina quer, sobretudo, mostrar como estava destinada, desde a infância, a se tornar escritora.

A obra "Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus", cuja primeira edição é de 1994 é fruto de uma colaboração envolvendo o brasilianista norte-americano Robert M. Levine, e um historiador brasileiro José Carlos Sebe Bom Meihy. A obra tem por objetivo resgatar a história de Carolina Maria de Jesus, que é apresentada no livro através de textos analíticos dos autores da biografia, depoimentos dos filhos de Carolina, Vera Eunice e José Carlos, e do jornalista Audálio Dantas. Foram incluídos na obra dois textos inéditos de Carolina: "Minha vida" e "Sócrates africano" [9].

Na introdução da obra "Muito bem, Carolina!" as autoras Eliana de Moura Castro e Marília Novais da Mata Machado (2007) sugerem que a escreveram com o objetivo de desvendar os mistérios que cercam sua vida e, mais especificamente, de responder às perguntas relativas ao sucesso do livro "Quarto de despejo: diário de uma favelada" editado oito vezes, em tiragens de 10 mil exemplares cada, procurando saber também "por que Carolina tinha uma necessidade tão premente de escrever". Parece que o que intrigou as autoras foi, sobretudo, essa escrita de uma mulher favelada e negra. Escrita que, como elas relatam, teve muito sucesso, embora um sucesso muito breve – "no ano seguinte, ela já era carta fora do baralho". Para elas, é parte do mistério, também, Carolina ter sido mais bem aceita no exterior, especialmente nos Estados Unidos do que no Brasil. O livro busca entender como essa mulher negra, favelada, pobre e semianalfabeta, que catava papel nas ruas, escreveu um livro publicado em 14 países, sendo as primeiras traduções curiosamente a dinamarquesa e a holandesa.

[8] Em 1982 foi publicado, na França, pela Editora Métailié, Journal de Bitita, livro póstumo de Carolina Maria de Jesus, o manuscrito foi traduzido e editado visando o público francês. O prefácio de Clelia Pisa oferece uma visão panorâmica do Brasil com suas desigualdades sociais e suas contradições, enfatizando a contribuição do negro para a cultura brasileira. Em 1986, a Nova Fronteira publicou Diário de Bitita, uma tradução do texto em francês.

[9] Ambos os textos estão disponíveis no livro "Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus", e foram cedidos aos autores Robert M. Levine e José Carlos Sebe Bom Meihy por Vera Eunice, que datilografou e guardou os textos da mãe.

Nessa busca de entender a escrita de Carolina, o livro se divide em nove capítulos. Uma parte deles refaz seu percurso, desde a infância em Sacramento, interior de Minas Gerais, onde ela nasceu; passando por São Paulo, onde trabalhou como empregada doméstica; depois a favela do Canindé, às margens do Tietê, onde viveu grande parte de sua vida adulta e onde conheceu o repórter Audálio Dantas, que publicou Quarto de despejo; e, finalmente, o sítio em Parelheiros, interior de São Paulo, onde Carolina morreu, em 1977, aos 62 anos. Uma segunda parte dos capítulos se refere especificamente à escrita de Carolina: Carolina e Audálio; o sucesso de Carolina; Carolina maldita; a obra de Carolina; e Carolina redescoberta, que é o capítulo final.

Outro livro sobre Carolina Maria de Jesus foi escrito por Tom Farias (2017) cujo título é "Carolina – uma biografia". Este livro pode ser considerado uma das mais completas biografias já publicadas sobre Carolina Maria de Jesus. Na primeira parte, o autor apresenta a infância de Bitita analisando o contexto histórico da época, abordando dados geográficos e sociais da região, as origens afro brasileiras de Carolina e seu curto percurso escolar. Na segunda parte da obra Tom Farias apresenta uma Carolina das grandes cidades, especialmente São Paulo, onde se estabeleceu até a morte. Ele descreve como Carolina chegou à favela do Canindé: mulher, mãe de três filhos, em cotidiano de extrema carência, mas que já possuía seu projeto literário como objetivo de vida, visitava jornais e correspondia-se com revistas. A escrita era sua companheira diária, assim como o ofício de catar materiais que pudesse vender, seu meio de sustento por muitos anos após deixar a vida de doméstica para se dedicar aos filhos e aos cadernos onde registrava tudo. Na terceira parte do livro, o autor Tom Farias informa com detalhes sobre o contexto da publicação de Quarto de despejo: diário de uma favelada, em 1960.

Seu trabalho de biógrafo oferece minuciosas informações e o resultado é uma trajetória triunfante da mulher negra favelada do lançamento à recepção que o livro teve dentro e fora do país em pouco tempo; a relação de Carolina com o movimento negro e com personalidades com que conviveu durante sua fama até o declínio de sua projeção. Por fim, relata a reviravolta na vida da escritora, seus problemas de adaptação à nova realidade, sua relação com a imprensa na época e o esquecimento de que foi Tom Farias (2017) apresenta a vida de Carolina Maria de Jesus de maneira linear, recupera imagens do acervo fotográfico da autora e dos arquivos pesquisados, contribuindo com novas informações para a biografia da escritora marginal.

2.1 Biografia de Carolina Maria de Jesus

Para apresentar Carolina Maria de Jesus, optamos por mesclar trechos de análise dos biógrafos elencados anteriormente, bem como trechos de obras da própria autora.

2.1.1 Infância

Carolina Maria de Jesus, a menina Bitita, nasceu em Sacramento[10], MG no dia 14 de março de 1914, filha de João Candido Veloso e de Carolina Maria de Jesus, também conhecida como Dona Cota. Sobre seu local de nascimento Carolina aponta que,

> Os pobres moravam num terreno da Camara: o 'Patrimonio'. Não tinha agua. Nos morávamos num terreno que o vovô comprou do mestre, um professor que tinha uma escola particular... o vovô dizia que não queria morrer e deixar seus filhos ao relento... a nossa casinha era recoberta de sapé. As paredes de adobe cobertas com capim... o chão não era soalhado, era de terra dura, condensada de tanto pisar. (JESUS, 2014, p.13)

A região mineira em que Carolina nasceu e passou sua infância era uma localidade marcada pela desigualdade. Sobre isso Tom Farias aponta que:

> ... Os negros mineiros desse período do desenvolvimento de Sacramento, cidade pioneira, continuaram a margem da sociedade local, explorados de todas as maneiras e conveniências, sem direitos, como no tempo do escravagismo. Práticas antigas de exploração da população negra se mantiveram com outra roupagem, mostrando o desnível social, o cunho de poder econômico sobre o humanitário. Os negros viviam acuados, aceitando qualquer migalha, com receio da reação dos brancos. (FARIAS 2017, p.18).

Pelos relatos de Carolina Maria de Jesus e seus biógrafos, ela veio de uma família muito humilde e em vários momentos passou por dificuldades financeiras. Sua mãe, dona

[10] A cidade de Sacramento, fundada pelo cônego Hermógenes, tinha extensão de aproximadamente 214 alqueires de terras, e tinha o perfil das cidades interioranas surgidas com a exploração do garimpo de ouro. O povoamento surgiu como um vilarejo de características rurais, mas com grande histórico de violência pela cobiça causada por terras férteis e abundancia de agua. Toda essa região era povoada por negros quilombolas e povos indígenas. Dessas regiões, fugidos ou capturados a força, é que surgiram boa parte dos negros que povoariam a Sacramento até hoje. Os negros ocupavam terrenos de um local que passou a se chamar Patrimônio, pertencente a igreja, núcleo básico de onde surgiu a cidade (FARIAS, 2017, p.14).

Cota, trabalhava como doméstica e era principal responsável pela criação de Bitita e seus irmãos. Pelo que se sabe, Carolina não chegou a conhecer o pai ou não deixou relatos sobre isso: "Várias vezes pensei em interroga-la para saber quem era meu pai. Mas faltou-me coragem... Para mim as pessoas mais importantes eram minha mãe e meu avô". (JESUS, 2014, p.14).

O avô foi uma pessoa muito importante para Carolina. Sobre ele, ela escreveu um texto "O Sócrates africano" [11], relatando o respeito que impunha e os valores que defendia, a retidão de seu caráter e sua integridade moral. Benedito Jose teve oito filhos, a respeito dos quais "Diário de Bitita" traz algumas informações e relatos. Segundo Tom Farias (2017), Benedito foi apelidado de "o Sócrates africano' pelo então prefeito José Afonso de Almeida, seu amigo ate o fim da vida, devido à sua grande sabedoria. Embora fosse analfabeto, era um homem ativo e muito rigoroso. O avô representava para ela a figura paterna e foi objeto de idealização. Em suas palavras ele era elogiado "... Ele nunca brigou com alguém. Nunca foi preso". Para alguém que vivia um tempo tão próximo da escravidão e era negro, a condição de nunca ter sido preso era honraria que devia ser mencionada. E Carolina pensava: "o vovô chegou ao mundo antes, e eu vim depois. Quero ouvir o que falam dele para saber como foi que ele viveu". (JESUS, 2014, p.117). Nesse mesmo texto ela escreve sobre o avô, que agonizava no leito de morte e ressalta sua sabedoria, proeminência moral e de caráter que se sobrepunham aos familiares, vizinhos e até mesmo a algumas autoridades locais.

No contexto histórico em que nasceu Carolina Maria de Jesus, 1914, o afrodescendente ainda era muito estigmatizado. Mantinha-se ainda muito forte os estigmas da cor, mesmo após a abolição da escravatura, nas cidades afastadas dos grandes centros as informações eram insuficientes para se entende as causas e os efeitos do pós-abolição, e a cidade de Sacramento em Minas Gerais não era excessão. A população negra, além de iletrada sofria injustiça e violência próprias de um tempo em que a memória escravista se fazia presente na sociedade,

> O nível de empobrecimento das famílias negras era deprimente, social e culturalmente, e gritante, do ponto de vista politico e econômico. Sem estudos ou qualquer profissão certa, largados a própria sorte, totalmente desamparados por governos, negros e negras se tornaram alvo exploratório da mão de obra barata, da violência do sistema, e do genocídio incondicional da polícia. Se a polícia não matava, no entanto, matava a penúria, a fome e as doenças. Os homens tinham uma baixíssima expectativa de vida, pelo

[11] Texto disponível no livro de José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine "Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus" (2ª ed. Editora Bertolucci, 2015)

> estilo de vida que levavam: bebida, excesso de cigarro que fumavam e, sobretudo, o pesado trabalho insalubre. Imaginem-se as crianças. Era alto o nível de óbito entre elas. Estas nasciam, em geral, em casa, sob os cuidados das parteiras. As mães dessas crianças recém-nascidas muitas vezes tinham apenas o leite do peito para oferecer as crias. Carolina, como toda criança negra daquela fase da vida, nasceu de parteira e a história da mãe não é muito diferente das demais histórias de outras mães sacramentanas. (FARIAS, 2017, p.33).

A inquietação sempre foi algo predominante na vida de Bitita. Suas perguntas à mãe dona Cota ou aos tios e tias, davam o tom de maturidade precoce, que provocava preocupação não só da mãe, mas de todos. A menina era excessivamente curiosa. Tudo ela perguntava a todos, o que causava muitas vezes irritação: "eu era insuportável. Quando queria alguma coisa, era capaz de chorar dia e noite até conseguir. Eu era persistente em todos os caprichos. Pensava que é importante conseguir o que desejamos" (JESUS, 2014, p.18). A vizinhança também reclamava. Aquilo não podia ser algo normal. Quando a menina encasquetava com alguma coisa, ninguém mais tinha sossego, as perguntas se multiplicavam numa sequência alucinante até alguém responder ou espancar ela. E depois que respondia, surgiam novas indagações. A única pessoa que conseguia controla-la era o avô.

A vida escolar de Bitita teve início graças à ação de dona Mariquinha (Maria Leite Monteiro de Barros), com quem Cota trabalhava lavando e passando roupas. Ela carregava consigo a filha pequena, que não tinha com quem deixar e porque ela não dar sossego à ninguém. Dona Mariquinha, filantrópica, teve a ideia de matricular a menina no Colégio Allan Kardec, não por acaso o melhor existente na região. Era 1921, e Carolina tinha seis ou sete anos.

> Oficialmente a noticia que se tem é que Cota obedeceu às ordens da patroa. E graças a isso é que Bitita começou a estudar no melhor colégio da cidade. O Allan Kardec era uma escola mista, para meninas e meninos. O prédio, localizado no centro da cidade, onde esta ainda hoje, tinha uma única sala de aula, ampla. Nela ficavam todas as classes, separadas por fileiras de cadeiras. Cada professor ou professora comandava a sua classe. Mas todos aprendiam juntos, cada qual no seu nível educacional. (FARIAS 2017, p.46).

Inicialmente Carolina não se animou muito com a ideia de ir para a escola. Segundo ela, esforçava-se para ir à escola "porque o comparecimento era obrigatório. Mas não me

interessava pelos estudos. A minha professora insistia para eu aprender a ler. Me dirigia um olhar carinhoso. Eu achava tão difícil aprender a ler" (JESUS, 2014. P.127). Quando ela faltava às aulas a professora Lonita mandava um colega ir buscá-la. Em sala de aula, na falta de disciplina ou atenção às matérias, a autoridade da professora falava mais alto. De certa maneira a professora percebe que só dobraria Carolina com métodos mais terríveis e desenhou no quadro negro um homem com um tridente nas mãos que transpassava uma criança e falou a menina que se ela não aprendesse a ler até o final do ano ela seria espetada com o garfo. Isso impressionou muito Carolina, que decidiu "... estudar com assiduidade, compreendendo que devemos ate agradecer quando alguém quer nos ensinar... o desenho permaneceu no quadro por três meses. Depois percebi que já sabia ler. Que bom! Senti um grande contentamento interior". (JESUS, 2014. P.128)

Após aprender a ler, Bitita enfrenta outro problema, em sua casa não tinha nenhum livro, a mãe sugeriu que ela pedisse emprestado aos seus vizinhos. Seu primeiro livro lido foi "A escrava Isaura" de Bernardo Guimarães. Carolina se encantou pela história de sofrimento por qual passava a protagonista,

> Eu, que já estava farta de ouvir falar na nefasta escravidão, decidi que deveria ler tudo que mencionasse o que foi a escravidão. Compreendi tão bem o romance que chorei com dó da escrava. Analisei o livro. Compreendi que naquela época os escravizadores eram ignorantes, porque quem é culto não escraviza, e os que são cultos... os brancos retirando os negros da África não previam que iam criar o racismo no mundo, que é problema e dilema. Eu lia o livro, retirava a síntese. E assim foi duplicando o meu interesse pelos livros. Não mais deixei de ler. (JESUS, 2014, p.129).

A vida escolar de Bitita durou pouco mais de um ano. De uma hora para outra, ela teve de atender a uma necessidade crucial da sobrevivência familiar: acompanhar a mãe a um trabalho fora da cidade de Sacramento. Ao contrário dos primeiros dias de aula, quando ela não queria estudar de jeito nenhum devido a implicância dos colegas, agora ela estava revoltada por ter que deixar aquele lugar onde tinha uma professora que respondia tudo o que ela queria saber sobre a vida e sobre o mundo. Ela ficou triste e revoltou-se como pode, mas não teve outro jeito: a mãe precisava ganhar a vida e sobreviver!

Segundo Tom Farias (2017), Carolina Maria de Jesus deixou o colégio Allan Kardec em 1923, aos nove anos de idade. Ela, sua mãe e o padrasto Jose Romualdo foram para o interior, na fazenda Lajeado, onde passou a trabalhar com a agricultura. O fazendeiro deu

terra para a família trabalhar e manter sua subsistência. “o fazendeiro nos deu três alqueires de terra para plantarmos. Plantamos arroz, feijão, milho, cana e vassouras... como é bom ter terras para plantar! Eu já estava compreendendo o valor da terra que sabe recompensar o esforço do homem... a terra é feminina, é a mãe da humanidade” (JESUS, 2014, p.133). Com o cultivo dos alimentos, a família de Carolina viveu tempos de fartura, passando a ter uma renda extra com a venda de parte da produção.

No entanto, a alegria da família durou pouco e logo o dono da fazenda, Olímpio Rodrigues de Araújo, expulsou toda a família de suas terras alegando que eles se beneficiavam das verduras vendidas e nada dividiam com ele. Dona Cota e o marido ficaram atordoados diante da possibilidade de ficarem sem teto e sem comida de uma hora para outra. A indignação e o desespero da família logo se misturaram com revolta e desesperança. Tiveram que deixar a propriedade sem direito a nada: “chorei com dó de deixar a nossa casinha, as verduras, os pés de jiló... oferecemos a um motorista nossos porcos e aves, e ele nos levou de volta para Sacramento” (JESUS, 2014, p.138). No seu regresso, a família chegou à cidade numa situação pior do que a de quando haviam saído, pelo menos em termos financeiros.

O retorno à cidade de Sacramento foi um choque para todos. A possibilidade de faltar o essencial dentro de casa passou a ser uma preocupação diária,

> Achei horroroso ter que comprar um quilo de arroz, um quilo de feijão. Por que é que nós não podíamos ter terras para plantar e não podíamos comprar? Na cidade era horrível a convivência com aquelas pessoas que não se respeitavam. E havia briga todos os dias, com a interferência dos policiais que espancavam os rixentos. Aquele povo não mudava seus hábitos, que eram trabalhar, beber e dançar. Que saudades da vida ridente do campo! Recordava quando mamãe torrava farinha. A agua acionando o monjolo. Quando fazíamos pão com vinte ovos para ficar macio. Tudo era preparado com leite. Tinha saudades da minha enxada. Sentia saudades dos calos nas minhas mãos. Do cavalo, o maçarico. O amanha não me preocupava. Não era nervosa, porque vivia com fartura em casa. (JESUS, 2014, p.139).

A partir de então a família passou a trabalhar no que aparecia: “Conseguimos trabalho no sítio do japonês Napoleão, para carpir arroz... fomos suportando aquela vida. Minha mãe lavava roupas para os ricos... Um dia, apareceu um preto procurando empregado para trabalhar na lavoura de café no estado de São Paulo... reunimos oito pessoas”. (JESUS, 2014, p.139-140). A experiência da família nessa região não foi das melhores, trabalhavam muito,

recebiam pouco, passaram por muitas dificuldades: "Não tínhamos permissão para plantar. O fazendeiro nos dava uma ordem de cento e cinquenta mil reis para fazermos compras... tínhamos que andar quatro horas... o dinheiro não dava... que fraqueza!" (p. 140). Diante de tanta exploração, depois de um ano tramaram a fuga "Fomos fugindo de um a um. Deixamos os nossos cacarecos... fomos para a cidade sem ter onde morar, não recebemos nada, e perdemos o pouco que tínhamos" [12]. Essa situação relatada por Carolina era comum nas áreas rurais, ou seja, a exploração do trabalhador rural, em sua maioria formada por negros, era uma naturalização de três séculos de escravidão no território brasileiro. Dona Cota e José Romualdo, mãe e padrasto de Bitita, voltaram para Sacramento. Carolina inicialmente ficou, mas como não tinha experiência para trabalhar como doméstica logo retornou a Sacramento, indo juntar- se a mãe (JESUS, 2014, p.139-140).

2.1.2 Adolescência

A adolescência de Carolina é descrita como sendo muito difícil, haja visto que sua condição como trabalhadora era muito complexa. Vivendo as condições de um componente social marginalizado, com pouco ou quase nenhum direito, submetida às condições de exploração em vários tipos de trabalho, incluindo o de empregada doméstica, sua pequena e única vantagem, como um escudo de defesa pessoal, era saber ler e escrever. Isso a diferenciava das demais pessoas, embora não representasse muita coisa:

> Esta quadra da vida de Carolina é marcada por muitos altos e baixos. No âmbito profissional, ela vai experimentar grandes desilusões na convivência com o ser humano, sobretudo quanto à exploração da sua mão de obra. Nova, ingênua e, sobretudo, sonhadora, acreditava que podia vencer e mudar de vida apenas usando sua força produtiva de trabalho, acordando bem cedo e sendo prestativa e educada com seus patrões. Depois de inúmeras vezes enganada, ludibriada e humilhada, Carolina foi, a força, caindo em si: tornou- se uma pessoa muito amargurada com tudo e com todos, além de desconfiada e seca... Outra coisa era a longa enfermidade que a acompanhava por anos a fio, sem lhe dar tréguas. Ainda muito moça, Carolina contraiu um conjunto de feridas nas pernas, que levaram anos para cicatrizar. Mesmo depois de adulta, e já morando em São Paulo, na favela do Canindé, ela reclamaria das sequelas dessas feridas, as quais a faria peregrinar muito ainda em busca de cura ate ser operada e ficar definitivamente boa. (FARIAS, 2017, p.71).

[12] Texto "Minha vida", disponível na obra "Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus" José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine (p. 140).

Mas ainda assim as sequelas perduraram. As cicatrizes dessas feridas obrigaram Carolina, por vergonha, a usar meias para escondê-las, algo que é visível em suas fotos por ocasião do lançamento de seus livros. Em sua obra "Diário de Bitita", a autora faz diversos relatos de como enfrentou sua enfermidade. Chegou a seguir para a cidade de Uberaba atrás de cura para suas pernas: "Ouvi dizer que em Uberaba tinha bons médicos. Decidi ir até lá a pé. Peguei minha trouxa e saí. Não me despedi de ninguém. Dormia nas estradas... quando cheguei a Uberaba, não conhecia ninguém. Mas reconheci uma preta que residia lá". (JESUS, 2014, p. 151). Mas como não foi bem recebida na casa de dona Maria Leonaldo, Carolina procurou auxílio em um asilo, onde permaneceu por quase dois anos, fazendo tratamento de saúde na Santa Casa de Misericórdia. Depois, apesar de ser bem tratada pelas irmãs responsáveis pelo asilo, resolveu voltar a Sacramento, "As irmãs disseram que eu deveria lavar as roupas dos asilados... As pernas não saravam... Cansei daquela vida, pedi a irmã Augusta que queria voltar para a minha terra. Não tinha um tratamento adequado" (p. 152).

Segundo Tom Farias (2017), Carolina voltaria à Sacramento entre 1929-1930, com o anseio de rever a mãe e demais familiares. Apesar de muito jovem, já havia passado por muitas experiências dolorosas. Ela chega a sacramento em um período em que o Brasil passava por uma crise econômica[13] e politica[14] que vai repercutir também nessa região.

Carolina vai encontrar a cidade de Sacramento totalmente imersa no clima da Revolução de 1930. Nas ruas soldados iam de casa em casa arregimentando homens para engrossar as fileiras militares. Impunham bandeiras verdes em apoio a Getúlio Vargas. Carolina, talvez em função do viu nessa época, se tornaria uma getulista aguerrida, "... Carolina conta que a revolução era favor dos pobres, pois o povo dizia que Getúlio era o farol, identidade popular que será a marca da chamada Era Vargas. Usando toda a experiência política, a força de Getúlio foi crescendo, seu carisma foi contagiando o povão, que o via como o salvador da pátria" (FARIAS, 2017, p.71) e a própria Carolina escreve,

[13] Em outubro de 1929, com a Grande depressão e a consequente queda da Bolsa de valores de Nova York, a crise econômica mundial atingiu uma escala jamais vista, afetando, entre outros países, o Brasil, sobretudo na exportação de café. Consequentemente Sacramento também sofreu muito com essa crise. O desemprego e a carestia que já eram bem significativos, sobretudo para a população pobre negra, tornaram- se insuportáveis. Com isso, veio à violência, o aumento da fome e da miséria, naufragando na desesperança ainda mais a sociedade 'sacramentana'.

[14] Essa fase da história do Brasil é conhecida como Revolução de 1930 ou Golpe de 1930 e se refere ao movimento armado iniciado no dia 3 de outubro de 1930, sob a liderança civil de Getúlio Vargas e sob a chefia militar do tenente-coronel Pedro Aurélio de Góis Monteiro, com o objetivo imediato de derrubar o governo de Washington Luís e impedir a posse de Júlio Prestes, eleito presidente da República em 1º de março anterior. O movimento tornou-se vitorioso em 24 de outubro e Vargas assumiu o cargo de presidente provisório a 3 de novembro do mesmo ano. As mudanças políticas, sociais e econômicas que tiveram lugar na sociedade brasileira no pós-1930 fizeram com que esse movimento revolucionário fosse considerado o marco inicial da Segunda República no Brasil. Ver o texto de Boris Fausto: FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930: historiografia e historia.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

> E os homens, quando se reuniam, falavam no Getúlio. Que era o pai dos pobres. E eu comecei a gostar do Getúlio e pensava: 'será esse político que vai preparar um Brasil para os brasileiros? '. Ele havia reanimado o povo, aquele povo apático, ' deixa para amanhã", e estava sonhando, idealizando e projetando, porque podia confiar no governo que não decepcionava... Os que faziam projetos diziam: – eu vou para São Paulo e vou conseguir um empréstimo com o Getúlio e abrir uma indústria com cinquenta operários, porque o Getúlio diz que se o operário tiver emprego, ele não terá tempo para transviar- se e desajustar- se. (JESUS, 2014, p. 158-159).

Em seu retorno à cidade de Sacramento, Carolina continuou a encarar os tempos difíceis na busca por trabalho remunerado. Mesmo sabendo ler e escrever, a única oportunidade de trabalho que lhe aparecia era a de empregada doméstica, auxiliar de cozinha ou babá. Porém ela não parava em emprego algum e não somente por causa do serviço ou das leituras que fazia no horário de trabalho, mas por uma revolta social que a acompanharia até o final da vida. Assim, nossa autora voltaria às suas andanças migratórias, seguindo para a cidade de Ribeirão Preto/ SP, em busca de cura para sua enfermidade nas pernas. "Cheguei em Ribeirão as seis da tarde. Paguei seis mil reis para dormir... cheguei na Santa Casa e pedi uma consulta. Fizeram um curativo e disseram que eu deveria voltar depois de três dias" (JESUS, 2014, p.163). Ela ficou inicialmente na casa de uma irmã de sua mãe, Ana Marcelina, onde não foi bem recebida e sofria maus tratos: "Voltei para a casa da tia Ana. Eu estava suja. Três dias sem tomar banho... mas eles não iam me deixar tomar banho no banheiro. Compreendi que eles me tratavam como profundo desprezo, para eu deixar a casa" (JESUS, 2014, p.166).

Sem o apoio da parenta próxima, sem dinheiro, resolveu caminhar a pé, sem destino certo.Foi parar em Jardinópolis/ SP, cidade a 18 quilômetros de Ribeirão Preto/ SP. Ao chegar à cidade, e com receio das ações violentas e dos maus tratos, resolveu buscar abrigo na Santa Casa do Município. Ali foi recebida por uma freira que avaliando a condição deplorável em que se encontrava, um verdadeiro trapo humano, e teve compaixão. Que alívio para Carolina! Ao menos por uma vez foi tratada com respeito. Recebeu roupas limpas para dormir e jantou com as freiras, onde comeu à vontade, com fartura e sem constrangimento.

Embora sendo bem tratada, Carolina seguiu adiante. Foi para a cidade de Sales de Oliveira/ SP, onde conseguiu emprego como doméstica "Expliquei para a patroa que eu podia lavar a roupa, encerar a casa, limpar os vidros, e ela podia me pagar vinte mil- reis por mês.

Ela aceitou-me, que alegria! Eu também ia ter uma patroa. Já não era relegada" (JESUS, 2014, p.163). Depois de um tempo ela foi trabalhar em Orlândia, na casa do Dr. Manso Pereira e Dra. Mietta Santiago. Assim Carolina teve passagens por várias cidades do interior paulista, mas depois de algum tempo retornou a Sacramento. "Depois do pouco tempo passado na casa Dra. Mietta Sampaio, Carolina regressa ao seio da família. Desta vez ao contrário das vezes anteriores, chega carregada de outros ares, como se estivesse se sentindo feliz, bonita, satisfeita" (FARIAS, 2017, p.90).

Seu retorno a Sacramento não foi muito comemorado pelos seus familiares. Mas Carolina, dona de uma personalidade forte, não se importava com os parentes, apenas estudava muito, lia cada vez mais, gostava muito da história do Brasil. E mantinha uma ideia fixa de ir para São Paulo capital, pois tinha uma imensa esperança de fazer fortuna lá. Nesse período, Carolina e sua mãe dona Cota foram presas, Carolina sob acusação de estar lendo o livro de São Cipriano para fazer feitiços contra os brancos; e dona Cota por tentar proteger a filha. Carolina relata esse episódio em seu livro Diário de Bitita,

> ... Assustei-me quando vi os policiais. Eles pararam na minha frente e deram ordem de prisão. Não preguntei por que estava sendo presa. Apenas obedeci. Minha mãe interferiu, dizendo que eu não estava fazendo nada de errado. – Cale a boca! Você também está presa. Seguimos na frente dos dois policiais... Ficamos presas dois dias sem comer. No terceiro dia, o sargento nos obrigou a carpir na frente da cadeia... O sargento mandou um soldado preto nos espancar. Ele nos espancava com um cacete de borracha. Minha mãe queria proteger-me, colocou o braço na minha frente recebendo pancadas. O braço quebrou ela desmaiou, eu fui ampará-la, o soldado continuou espancando- me. Cinco dias presas sem comer... O meu primo Paulo arranjou os vinte mil reis e me soltou.... As feridas inflamaram. A minha mãe não podia lavar roupa. Nós saímos andando nas roças pedindo esmolas. Minha mãe com o braço quebrado e eu com as pernas enfaixadas... (JESUS, 2014, p. 181-183).

Passado esses acontecimentos, Carolina atende ao pedido da mãe e deixa definitivamente Sacramento, pois depois do episódio da prisão não arrumava emprego de jeito nenhum. Era mal vista por todos.

2.1.3 Vida adulta

Depois da prisão, mãe e filha foram para a cidade de Franca e dona Cota logo conseguiu emprego na casa do senhor Ignácio Calheiros

> Quando a mãe terminava o seu dia de trabalho, pelo início da noite, como não tinham casa, as duas seguiam juntas até o velho circo do Chicholim, apelido de um velho palhaço argentino, que, bastante generoso, lhes oferecia abrigo. E ele – não encontramos outras informações- era o pai da atriz Carmem Cassnel, que chegou a atuar em companhias de teatro de comédias, tipo de revistas, ao lado de Herminia Mancini, atriz do ramo de outra grande família que também se estabeleceria com sucesso em São Paulo. (FARIAS, 2017, p.101).

O período em que viveram em Franca, dois ou três anos, foi difícil para ambas, Carolina não parava em emprego nenhum, era indisciplinada, desatenta, não sabia fazer direito serviço nenhum, só queria saber de ler e escrever, e assim era constantemente despedida. Elas moravam nas dependências de um circo, passavam por muitas dificuldades. Assim Carolina pensava cada vez mais em ir para a capital, e dona Cota pensava apenas em retornar a Sacramento.

Com o foco em ir para a capital, Carolina continuou aguardando a melhor oportunidade de deixar a cidade de Franca. Antes, conseguiu juntar dinheiro para que sua mãe retornasse a terra natal, como era de seu desejo: "Talvez tenha sido a ultima vez que Carolina tenha tido contato direto com a mãe dona Cota, pelo menos pessoalmente. Há indícios que Carolina ainda tenha, antes de seguir para São Paulo, voltado ocultamente a Sacramento. Não é totalmente certo, mas, em um dos seus escritos, ela dá a entender que não havia avisado aos parentes onde estava trabalhando..." (FARIAS, 2017, p.108). Depois do retorno de dona Cota a Sacramento, Carolina foi indicada para trabalhar com uma professora, dona Romélia e o marido, um dentista, que procuravam uma empregada para ir à São Paulo com eles. Ela ficou extasiada com a oportunidade. A viagem aconteceu em 31 de janeiro de 1937. Ela tinha 22 anos de idade. Rapidamente Carolina percebeu que São Paulo não era tudo aquilo que ela imaginava. Agora ela estava sozinha, na cidade grande, onde havia muitas desigualdades sociais e assim como tantos outros migrantes do período, que viam na grande cidade, uma esperança de vida melhor, acabou se tornando mão de obra barata e sem nenhum preparo para encarar os desafios da indústria calçadista e têxtil. O aumento da densidade populacional da capital, fruto da migração de trabalhadores rurais, levou a proliferação de abrigos noturnos, de

cortiços, e da favelização desenfreada, no final da década de 1940, início dos anos 1950 (FARIAS, 2017, p.114). Não se sabe ao certo quanto tempo ela trabalhou com a professora, mas pelo seu histórico de trabalho, acredita-se que foi por pouco tempo. Segundo Tom Farias (2017), provavelmente se manteve na casa da professora por alguns meses e depois passou a trabalhar numa fábrica. Neste cenário desolador de cidade grande o sofrimento e a desilusão de Carolina tomam conta de sua personalidade a deixando triste e deprimida.

Diante de tal situação, ela resolve dar outro rumo à vida. Segundo Tom Farias (2017), Carolina chegou a viver também no Rio de Janeiro entre 1940 e 1942, quando apareceu como personagem de uma reportagem do jornal *A Noite*. Descrita pelo repórter como alguém de olhos com brilho singular, "sintomático das pessoas de espírito inquieto e perscrutador", diz em um tom bem-humorado que para viver honestamente na antiga capital do país teve de trabalhar como cozinheira, mas que, querendo ver se era capaz de fazer bons quitutes, como fazia bons versos, descobriu que na cozinha "a inspiração falhou miseravelmente! ".

> É de todo factível supor- se que Carolina Maria de Jesus tenha chegado ao Rio de janeiro no período de meados de 1940 e tenha aí permanecido parte do ano de 1942, mais ou menos. O que é interessante na reportagem publicada no jornal 'A noite', do grupo Diário Associados, comandado por Assis Chateaubriand, é que vamos nos deparar com uma Carolina bastante falante, sem pudor, mas ao mesmo tempo ainda 'amargurada' com os percalços da sua vida. Ou seja, ao mesmo tempo, ela trabalha, sonha e sofre... na capital federal, se emprega como cozinheira na casa das famílias cariocas. É um trabalho que não a satisfaz esta sempre fora da sintonia das patroas que a empregam. Chega a dizer que é um a pessoa infeliz. (FARIAS, 2017, P. 115-116).

Sua passagem pelo Rio de Janeiro, assim como em São Paulo, não foi das melhores. Não tinha trabalho fixo, e só tinha uma ideia: tornar-se escritora: "Com isso vai batendo na porta dos jornais, visitando os profissionais das redações, para galgar oportunidades que não sejam as de beira de fogo, de tratos com patrões incultos, ignorantes de leitura e de cultura". (FARIAS, 2017, p. 138).

Assim sendo, retorna a São Paulo, ainda no ano de 1942, depois da frustrada passagem pelo Rio de Janeiro[15] Carolina vai continuar a encarar o trabalho nas casas das famílias ricas paulistanas, e também sua peregrinação e dificuldades na busca por moradia e trabalho.

[15] Sobre sua passagem pelo Rio de Janeiro, relatada por Tom Farias (2017) e até então desconhecida por seus biógrafos, Carolina Maria de Jesus não deixou qualquer registro escrito em seus diários. Farias chegou a tal informação através dos jornais cariocas que continham matérias sobre Carolina.

Devido a sua indisciplina no trabalho, não tinha estabilidade nos empregos, e consequentemente sua situação habitacional era instável, por falta de condições financeiras. Entre 1942 a 1945, passa por diversas casas de família, mas como já mencionado a relação de Carolina com os patrões era complicada,

> Nesse contexto, ganhará volume os atritos com os patrões, que viam nela uma 'péssima empregada', já que ela trabalhava 'com má vontade', doida para dar sua hora para ir para perto dos artistas, no teatro, ou com os 'colegas', nas redações dos jornais, que ela frequentava com muito mais frequência, pois eram comuns as publicações de suas fotos ou transcrições de poemas de sua autoria, aqui e ali, para o real gozo de suas aspirações literárias, poéticas ou intelectuais. (FARIAS, 2017, P. 144).

Além da falta de trabalho, gerada não só pelo fato de só querer escrever, mas também pela revolta social de uma vida que em nada melhorava, como ela sonhava desde quando morava no interior, a situação de penúria pela qual passava Carolina se agravou quando ela engravidou. Não era casada e sem o apoio de um companheiro estava na situação de mãe solteira, condição que a sociedade sempre segregou. O pai da criança (uma menina) [16], "era um americano, de nome Walace, que desapareceu tão logo soube da gravidez da namorada preta. A menina... nasceu morta. A mãe chorosa, então, deu-lhe o nome de Maria Carolina. O ano do fato era 1945" (FARIAS, 2017, p. 146). Sua situação em contínua busca por empregos agravou-se, pois, as patroas não toleravam empregadas grávidas. É evidente assim que a vulnerabilidade socioeconômica de Carolina, depois de sua primeira gravidez, só se agravou, situação que já afetava grande parcela da população que vivia em São Paulo neste período. Por volta de 1947 e 1948 Carolina Maria morava em terreno da rua Antonio de Barros, que ela caracterizava como sendo uma favela. De acordo com os relatos da própria Carolina, em fins de 1948 os proprietários do terreno, exigiram às autoridades a retomada do imóvel e os moradores foram expulsos pela polícia e obrigados a deixar o local. Era uma multidão que não sabia para onde ir,

> Carolina Maria e seus colegas de infortúnio suportaram tudo isso de forma brava e decisiva. Sem saber a quem mais recorrer, alguém teve a ideia de

[16] Não há muitas informações sobre a primeira gravidez de Carolina Maria de Jesus, Vera Eunice, filha de Carolina, dá um breve relato sobre esse episódio em entrevista disponível na obra "Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus" (p. 78).

> falar com o então governador Adhemar de Barros (1901- 1969) e com sua mulher, dona Leonor Mendes de Barros (1905- 1992). Data desse período o início da relação de Carolina com Adhemar e muitos outros políticos paulistanos, como Jânio Quadros, Carvalho Pinto... Dr Adhemar, como era conhecido, estava no auge do populismo, que o manteria anos no poder... Não se sabe se Carolina Maria esteve no Palácio dos Campos Elíseos nesse momento crucial de sua vida, juntamente com seus pares desabrigados, mas se esteve, provavelmente, foi dos primeiros contatos que Carolina Maria teve com a política e os políticos, no âmbito da reivindicação social. Nasce daí sua grande admiração por Adhemar de Barros, tendo deixado vários registros sobre encontros com ele e sua ida ao Palácio, onde era recebida sem qualquer cerimônia. (FARIAS, 2017, p. 149- 150).

O governador, depois de uma consulta com o então prefeito Paulo Lauro, conseguiu a promessa de instalar a todos, num prazo de três dias, na margem do rio Tietê, no bairro do Canindé. Esse foi o destino de Carolina Maria de Jesus e tantos outros: o Canindé, que se constituiria em uma das favelas mais famosas de toda a cidade de São Paulo, poucos anos depois, até ser desativada e extinta em meados de 1960 para dar lugar à Marginal Tietê.

Carolina chegou à favela do Canindé, no finalzinho de 1948, já bem perto do desfecho da gravidez de seu segundo filho, João José. Começa então a construção de seu barraco, com as sobras de madeira, doadas a ela pelo padre e deputado estadual João Batista de Carvalho. A igreja ficava bem distante da favela, cerca de 10 quilômetros. Depois que chegava do trabalho ela ia de bonde até a igreja, recolhia a madeira que podia carregar e voltava a pé, com as tábuas sobre a cabeça. Depois do nascimento do filho, passou a catar papel pelas ruas, como alternativa para a falta de emprego fixo. Ela até conseguiu arrumar trabalho como doméstica, mas foi despedida oito dias depois, pois além do filho pequeno, estava novamente grávida. Após o nascimento de seu filho José Carlos (seis de agosto de 1950), Carolina teve que se esforçar para sobreviver. Precisava trabalhar em dobro, pois agora tinha que deixar duas crianças sozinhas para sair catar papel, já que não tinha com quem deixar os filhos. Assim foi levando sua vida miserável, até que em 1953, nasce sua filha Vera Eunice.

Assim, a vida de Carolina era muito corrida e cansativa. Ela saía todos os dias pela manhã para catar papel e outros materiais que pudesse vender, deixando as crianças sozinhas, trancadas no barraco. Quando regressava da rua, por volta do meio dia, tinha que se apressar em preparar algo para alimentá-los. Mas em meio à correria e desafios do dia a dia, ela não deixava de lado seu sonho de se tornar escritora. Continuava visitando as redações de jornais, conversando com jornalistas e políticos, pois foi justamente o acesso aos meios de comunicação que tornou possível – graças a seu contato com políticos –, principalmente

Adhemar de Barros, que era dono ou tinha ligação com os jornais. Carolina Maria de Jesus "ia às redações dos jornais onde estava basicamente 'recomendada". Assim foi com a 'Folha da Manhã', do grupo Folha de S. Paulo, onde foi recebida pelo jornalista Willy Aureli, sendo fotografada ao lado dele, de acordo com o que saiu publicadas semanas seguintes. Da mesma forma, com o jornal "O dia" e "A época" (FARIAS, 2017, p. 179).

Quando Carolina Maria de Jesus iniciou a redação dos diários que resultariam no livro "Quarto de despejo" ela já era escritora com certa experiência, que dominava a condução de uma história e possuía uma imaginação muito rica. Não se pode dizer que Carolina nasceu a partir de "Quarto de despejo", mas que essa é uma de suas obras mais importantes, que lhe deu as merecidas projeções. "De 1940 (ano da publicação da reportagem na 'Folha da Manhã', supostamente a primeira, por assim dizer), até 1955 (ano que data o primeiro texto apontado em 'Quarto de despejo'), foram, ao menos, 15 anos transcorridos de lida literária. Não é pouco tempo, e não foi fácil" (FARIAS, 2017, p. 185).

Na favela do Canindé ela sempre foi uma pessoa destacada em função da escrita e da leitura, pois todo o tempo livre que tinha passava escrevendo a ponto de seus vizinhos questionarem o que tanto ela escrevia. Carolina lia tudo que lhe caia nas mãos, sobretudo jornais, ainda mais aqueles cuja redação ela visitava com certa frequência. Nas suas andanças à procura de papeis e outros materiais recicláveis, encontrava livros e revistas, que prendiam muito a sua atenção. Encontrava também cadernos, nos quais registrava em prosa ou poesia todos os momentos de sua vida.

O repórter Audálio Dantas conheceu Carolina Maria de Jesus quando foi fazer uma reportagem[17] sobre a instalação de uns brinquedos na favela. Mas sua ida ao local se deu a partir de uma denúncia sobre o uso indevido dos aparelhos. Ao chegar à favela, ele se depara com uma mulher falando alto, indignada com os homens grandes tomando brinquedo de criança, ela ameaçava colocá-los no seu livro. Era Carolina Maria de Jesus. O repórter fica curioso para saber que livro é esse. Carolina conta que está escrevendo um livro relatando tudo que acontece na favela e convida o repórter para ir ate seu barraco. Chegando ao barraco, ele se depara com 35 cadernos escritos por ela.

Na reportagem que publicou no jornal "Folha da Noite", Audálio Dantas escreve sobre Carolina Maria de Jesus, relata como ela vivia, as dificuldades que enfrentava como mulher e mãe solteira, mas também destaca sua origem e seu potencial como escritora. A matéria

[17] Tom Farias narra que em uma das entrevistas de Carolina Maria de Jesus em dezembro de 1976, para a Folha de São Paulo, ela confessa que chamou a reportagem para a favela com o intuito de criar um fato sobre si, resultando na matéria "Folha da Noite". (FARIAS, 2017, p. 186).

jornalística foi um sucesso. Carolina era muito conhecida dentro e fora do Canindé. Andava pelas ruas da cidade diariamente e na favela era a negra que vivia lendo e escrevendo. Foram inúmeras as situações vividas, como catadora de papel, com namorados, nas brigas da favela, desentendimentos com os vizinhos, surras dadas aos filhos. Carolina aparecia muito como membro de sua comunidade. Ela se envolvia em todas as situações e boa parte dessas histórias foram parar no seu livro "Quarto de despejo", editado por Audálio Dantas:

> Como agente e mentor de Carolina, trabalhou editando seu diário, durante um ano, publicando inclusive trechos adicionais, mas recusando-se a publicar outras de suas histórias ou poemas que, paradoxalmente, para Carolina, pareciam mais importantes. Depois de várias recusas iniciais e vencida a relutância de algumas casas publicadoras que se negavam a editar o livro, ele finalmente conseguiu um acordo com a Livraria Francisco Alves que, através de Lélio de Castro, resolveu enfrentar o desafio... Mas com essa estreia começava um jogo de contradições e paradoxos que se mantiveram em toda a história de Carolina: mesmo no dia em que ela foi ver as provas de seu livro teve que vir a pé da favela, onde se levantou às 5 horas da manha, com seus filhos, sem dinheiro. A escritora teve, mesmo nesse dia importante, que catar lixo para poder dar o que comer aos filhos. Por outro lado, ficava claro que sem a edição e a ajuda do prestígio de Audálio Dantas, talvez Carolina jamais houvesse saído da obscuridade. (LEVINE, MEIHY, 2015, p. 29)

Carolina Maria de Jesus relata em sua obra "Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada", como foi a assinatura do contrato na sede da livraria Francisco Alves,

> Chegamos a livraria Francisco Alves. Perguntei pelo escritor Paulo Dantas. A senhora que estava na caixa telefonou-lhe. Ele viu-me lá do alto e deu ordem para eu ir de elevador... surgiu o Senhor Del Nero e cumprimentou-me. Surgiu o senhor Lélio de Castro Andrade e o Senhor Paulo Dantas apresentou- me. Conversamos e eu fui perdendo o acanhamento e tinha a impressão de estar no céu. A minha cor preta não foi obstáculo para mim. E nem meus trajes humildes. Foram chegando repórteres, entrevistaram-me e fotografaram-me e ficaram lendo trechos do diário. (JESUS, 1961, p.17)

Na mesma semana da assinatura do contrato, Carolina é chamada a participar, em estúdio, de um programa de televisão "Record noticias", que ia ao ar às 20:00 horas. Ela participou do programa acompanhada dos filhos, falou sobre sua vida na favela. O programa foi um sucesso, e a partir daí, Carolina Maria de Jesus se tornou alvo da imprensa

sensacionalista da época: “Iniciaram o programa. Os meus filhos estavam alegres porque estavam no palco. A Vera sorria. Fui entrevistada pelo repórter Heitor Augusto. Falamos da favela. E porque a favela é o quarto de despejo de São Paulo” (JESUS, 1961, p.13-14).

Carolina chegou a participar, levada por Audálio Dantas, que tinha certa participação nos movimentos negros paulistanos, como jornalista e ativista político, de uma atividade comemorativa do dia 13 de maio, data da abolição da escravidão,

> Tratava- se das comemorações pelo décimo aniversário de criação do Teatro Popular Brasileiro, liderado pelo poeta Solano Trindade. Amigo do poeta e folclorista negro, Audálio Dantas chegou a ter um poema dedicado a ele por Solano Trindade à época. O local estava superlotado. Carolina assistiu à peça afro-Brasileira’. Segundo Carolina, quando a peça terminou, o ‘poeta Solano Trindade apareceu no palco para falar sobre o preconceito racial na África do Sul, e da condição dos pretos dos Estados Unidos’. Depois, anunciou, solenemente, que tinha uma visita a ser apresentada, que era a própria Carolina. Audálio tinha planejado tudo, certamente identificando a simbologia do ato para esse início na nova vida de Carolina. Não seria a única vez que ele faria tal coisa. E do palco bradou o nome ‘ Carolina’, proferido por ninguém menos do que o poeta pernambucano. A escritora subiu imediatamente tão logo foi chamada, feliz de verdade, com o coração apertado, e foi muito aplaudida. (FARIAS, 2017, p. 205-206).

Após a publicação de seu livro, que ocorreu no dia 19 de agosto de 1960, Carolina passou a ser exposta diariamente pela imprensa falada, escrita e televisionada. Ela como mulher negra e favelada, e agora também escritora, se tornou um alvo do jornalismo noticioso e sensacionalista, que tinha nela a garantia de audiência, pois provocava a curiosidade e comoção por sua história de vida: a repercussão do lançamento do livro foi enorme. As principais regiões do país receberam as noticias pelos meios de comunicação.

Entre o final de 1960 e início de 1961, Carolina Maria de Jesus viveu momentos memoráveis para uma pessoa que havia passado por tantas dificuldades na vida,

> Em 1960, de agosto em diante, o país vivenciara uma experiência editorial inovadora: uma mulher negra, saída da favela, que mal frequentou a escola regular, era a escritora mais lida e festejada do momento. Na Academia de Letras da Faculdade de Direito, por exemplo, recebeu, das mãos do seu presidente, ovacionada pelos alunos, o diploma de membro honorário, galhardia então destinada a ninguém menos que Jean Paul Sartre, escritor francês, desbancado por Carolina duas vezes nas listas de livros mais vendidos do ano e na honraria que ele acabava de deixar de receber, por

> decisão unanime do corpo acadêmico, sob os dizeres: ‘A França tem Sartre, nós temos a Carolina! ’. (FARIAS, 2017, p. 303).

Outro grande momento de alegria e emoção para Carolina foi a encenação teatral baseada no seu livro, no Teatro Bela Vista, adaptado pela escritora gaúcha Edy Lima,

> No papel, a atriz Ruth de Souza, que fez intenso laboratório, praticamente viveu na favela do Canindé, catou papel nas ruas e fez contatos com os favelados, muitos dos quais conhecidos da escritora. Carolina, a principio, queria viver o papel, como atriz, mas foi aconselhada pela produtora Nídia Lícia, Audálio Dantas ou Cyro Del Nero a não se envolver nisso. Passado este momento, entregou- se de corpo e alma a personalizar Ruth de Souza, vestindo- a e preparando- a para o papel. No dia da estreia, Carolina chorou, estava muito emocionada. (FARIAS, 2017, p. 305).

Carolina deixou a favela no dia 30 de agosto de 1960, a convite do Sr. Antônio Soeiro Cabral, que lhe ofereceu um quarto em Osasco, até que ela e os filhos conseguissem coisa melhor,

> A mudança foi filmada e fotografada pela imprensa. Carolina contratou um caminhão para levar os seus cacarecos. A vizinhança se aproximou para assistir a partida e no momento final, alguns jogaram pedras, ferindo ligeiramente José Carlos, a instigadora da agressão foi a famigerada Leila, sempre pronta para brigar. Carolina acena e o caminhão parte. A família se instala num quarto nos fundos da casa do senhor Antonio Soeiro Cabral, rua Antônio Augusto, 833 e as crianças descobrem com admiração, que a agua sai quente do chuveiro. (CASTRO, MACHADO, 2007, p.71).

Com os lucros provenientes de seu contrato com a editora, Carolina consegue a tão sonhada casa de alvenaria: “com as primeiras sobras ela iniciou o pagamento de uma casa de alvenaria num bairro popular, na região de Imirim, na rua Bento Pereira, 562, no tradicional bairro de Santana. O preço da casa na época era de Cr$ 1.550.000,00, o que equivale a dizer que a casa era de um padrão compatível com as aspirações da classe media urbana de São Paulo” (LEVINE, MEIHY, 2015, p.31).

2.2 A obra "Quarto de despejo: diário de uma favelada" (1960)

"Quarto de despejo: diário de uma favelada" (1960) consiste de um compilado de diários editados por Audálio Dantas, escritos por Carolina Maria de Jesus de maneira intermitente ao longo de cinco anos (entre 1955-1960). Com a descoberta de seus manuscritos em 1958, em 1960 publica-se a obra que na noite de autógrafos, vendeu 600 livros. A perspectiva da obra literária é de quem vive a realidade de favelado cotidianamente: uma catadora de papel que só teve acesso ao segundo ano do ensino fundamental. O espaço/ temporal da obra é a primeira grande favela de São Paulo dos anos de 1960: Canindé – favela que foi desativada para a construção da Marginal do Tietê[18] –, é o cenário que bafeja a autora como uma "amarga realidade dos favelados na década de 1950" e por ela é relatado "os costumes de seus habitantes, a violência, a miséria, a fome, as dificuldades para se obter comida" (JESUS, 2014, p. 05).

Em sua obra temos testemunhos de uma personagem que não são apenas o dela, mas de várias pessoas pobres que viveram o mesmo sofrimento. Ou seja, no livro "Quarto de despejo", fica evidente, não só a figura da autora do diário, mas de toda a favela, personagem de si mesma e porta-voz da coletividade, "... Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu. E faço isto em prol dos outros" (Quarto de despejo, p. 36). A discussão social permeia toda a obra de Carolina, que acreditava que as pessoas que lessem o seu livro, com todo o realismo que ele apresentava, se conscientizariam da necessidade de acabar com as favelas. Desse modo, Carolina procura mostrar as condições precárias em que vivem seus moradores, muitas vezes em condições desumanas, como ter que catar comida poder no lixo.

A respeito do desejo de Carolina Maria de Jesus, expresso na sua obra "Quarto de Despejo", de ver as favelas serem erradicadas no Brasil fazemos um parêntese e abrimos um espaço para uma breve reflexão desses desejos implícitos ou explícitos sobre a erradicação das favelas; ainda hoje presente nas boas ou más intenções. As discussões sobre os conceitos e problemas que afligem as favelas no Brasil são de longa data.

Hoje sabemos que tais discussões requerem um estudo mais detido com apoios que envolve diferentes campos do conhecimento acadêmico, além de setores públicos e representações de membros da favela. A exemplo da sociologia, ou/e da antropologia urbana,

[18] Marginal Tietê (oficialmente denominada SP-15 ou Rod. Professor Simão Faiguenboim).

em cujo conhecimento ampliam-se nosso entendimento para as diversidades de extensões territoriais ocupadas por aglomerados urbanos tão diversos e heterogêneos. Estudos apontam para os diferentes perfis das favelas, lugares onde se descortinam realidades díspares em relação ao restante do tecido urbano. Entre as favelas há significativas diferenças e mesmo dentro delas, observação presente nos relatos de Carolina Maria Jesus.

Na atualidade dos estudos sociais sobre os fenômenos urbanos, as favelas sempre definidas como lugares de carências e necessidade de irradicações, deram lugar a novas interpretações que se propõe enxergá-las, também, como lugar de contribuição. Erradicar as favelas é um pensamento simplório que não tem mais espaço nas discussões. As favelas da atualidade possuem enraizamento sócio/cultural e porque não, econômico uma vez que não são estáticas e com o passar do tempo mudam. Hoje a necessidade que se clama é de uma política pública efetiva nestes espaços sociais periféricos. Assunto bastante polêmico desde a existência de Canindé às margens do rio Tietê. A favela ou comunidades pacificadas vem ganhando notoriedade e passam a ser entendida como um *campo* que gradativamente foi ganhando visibilidade o que pode ser entendido como *campo* de lutas onde diferentes relações e interesses se reúnem dando significado ao espaço; exercendo pressão sobre o ponto considerado (BRULON & PECI, 2019).

"Quarto de despejo", obra autobiográfica, traz à tona uma ambientação precisa: favela do Canindé, às margens do rio Tietê, cidade de São Paulo, entre os anos 1950-1960. Carolina Maria de Jesus como narradora evoca acontecimentos e espaços representativos de um momento da historia do Brasil. Sua obra coloca-nos em contato com a miséria, apesar de ter sido escrita em um período de intensificação do processo de desenvolvimento do capitalismo no país, com grande incentivo a industrialização. Nesse processo, estão incluídos o surgimento da sociedade de massas; sociedade que massifica e individualiza ao mesmo tempo. A depreciação do modo de vida agrário que passa a ser visto como sinônimo de atraso e contribui para com o acelerado crescimento urbano juntamente com o surgimento das favelas nas grandes cidades[19]. Fatores como inflação, desemprego e tendências migratórias das regiões rurais para grandes centros urbanos acelerou o crescimento das favelas a partir da

[19] No Brasil em 1887, final do século XIX, teve início a disseminação das favelas. No "Morro da Providência" no Rio de Janeiro surgiu a primeira aglomeração a qual deu-se esse nome: "O Morro da Favella". A aglomeração tratava-se da "instalação de combatentes de Canudos (1887)" que queriam exercer "pressão obre o Ministério da Guerra" que deixou de pagar-lhes o "soldo" de guerra a partir de 1897. Posteriormente "qualquer aglomerado de barracos em terrenos invadidos que não contavam com serviço público" recebiam essa denominação (BRULON & PECI, 2019).

primeira década do século XX: em 1950, 7% da população total da cidade do Rio de Janeiro morava em favelas. Em São Paulo (capital) estudos revelam que as favelas começam a aparecer justamente no fluxo migratório em que Carolina chega (1947).

Segundo levantamentos de Suzana Pasternak Taschner (1982) sobre o aparecimento e difusão das favelas na cidade de São Paulo, pode-se considerar seu surgimento ou visibilidade na década de 1940. "O Diário de São Paulo (01/10/1950) relata uma pesquisa feita pela Divisão de Estatística e Documentação da Prefeitura de São Paulo (hoje extinta) sobre a favela do Oratório, na Mooca, zona leste de São Paulo", abrigando em casebres de madeira 245 pessoas e apenas seis espaços com função de serem espaços sanitários. Ainda em 1940 há registros de uma favela na rua Guaicurus, na Lapa (zona central) com uma população de 926 pessoas morando em 230 "domicílios". "No Diário de São Paulo (06/8/1950), há um artigo sobre a favela do Ibirapuera (27 domicílios, 144 pessoas) já se comentava que os moradores desses assentamentos eram pessoas pobres e não vadios e malfeitores, fortalecendo uma evidência empírica retomada na década de 70". Outros aglomerados são mencionados como: "a favela Ordem e Progresso, na Barra Funda, zona central do município (hoje erradicada), a favela do Vergueiro, na zona sul (também erradicada) e a de Vila Prudente, na zona leste, ainda existente". Em final de 1957 a cidade de São Paulo possuía 141 núcleos de ocupação, no total somavam 8.488 barracos com cerca de 50.000 favelados (TASCHNER, 1982).

Neste contexto de expressiva pobreza periférica dos centros urbanos do Brasil, Carolina Maria de Jesus registra a falta de condições para o desenvolvimento e sobrevivência do ser humano. Carolina não queria estar à margem do modo de vida moderno: "... o meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir em favela" (JESUS, 2014, p.22), e ter que perambular pelas ruas de São Paulo a fim de catar lixo para sobreviver. Os restos que a sociedade consumidora paulistana descartava representava o sustento de Carolina e de seus filhos, mas, obviamente isso não era suficiente. Carolina não fala somente por ela, mas por todos os favelados que passam pela mesma situação. Ela não aponta só a sua relação pessoal, mas também a relação da favela com o restante da sociedade.

> Fui catar papel e permaneci fora de casa por uma hora. Quando retornei vi varias pessoas as margens do rio. É que la estava um senhor inconsciente pelo álcool e os homens indolentes da favela lhe vasculhavam os bolsos. Roubaram o dinheiro e rasgaram os documentos... preciso de dinheiro para pagar a luz. Saí e fui catar papel. Andava depressa porque já era tarde.

> Encontrei uma senhora. Ia maldizendo sua vida conjugal. Observei, mas não disse nada. Amarrei os sacos, puis as latas que catei no outro saco e vim para casa. (JESUS, 2014, p.17)

As idas de Carolina a cidade, além do sentido primeiro de conseguir dinheiro para alimentar os filhos, acaba servindo também como elemento constitutivo da narrativa do diário, pois possibilita a ela o contato com o mundo fora da favela e com as discussões politicas e econômicas que circulavam por São Paulo, alimentando seu diário com essas informações, as quais de outro modo, talvez, ela não teria acesso no mundo restrito da favela. A cidade é também para ela, lugar de violência social e racial, que sofre em suas andanças.

> Fui na dona Juana, ela deu-me paes. Passei na fabrica para ver se tinha tomates. Havia muitas lenhas. Eu ia pegar uns pedaços quando ouvi um preto dizer para eu não mexer nas lenhas que ele ia bater-me. Eu disse para bater que eu não tenho medo. Ele estava pondo as lenhas dentro do caminhão. Olhou-me com desprezo e disse:
> - maloqueira!
> - por eu ser da maloca é que você não deve mexer comigo. Eu estou habituada a tudo. A roubar, brigar e beber. Eu passo quinze dias em casa e quinze dias na prisão. Já fui sentenciada em Santos. Ele fez menção de agredir-me e eu disse-lhe: Eu sou da favela do Canindé. Sei cortar de gilhete e navalha e estou aprendendo a maneijar a peixeira. Um nordestino esta me dando aulas. Se vai me bater pode vir. (JESUS, 2014, p.82).

Na citação acima percebemos que a violência social é confrontada com a astúcia utilizada pelos grupos marginalizados em sua luta pela sobrevivência. Outro tipo de violência que com frequência Carolina se depara é a violência institucional, representada pela indiferença e humilhação com que são tratados os favelados pelas autoridades. Exemplo disso é o episódio em que a autora fica doente pelo excesso de peso do ferro que cata nas ruas. Tendo que procurar ajuda na cidade, é tratada com indiferença, "jogada" de um lado para outro, sem que resolvesse seu problema.

> Eu sei que existe brasileiro aqui dentro de São Paulo que sofre mais do que eu. Em junho de 1957 eu fiquei doente e percorri as sedes do Serviço Social. Devido eu carregar muito ferro fiquei com dor nos rins. Para não ver os

> meus filhos passar fome fui pedir auxilio ao propalado serviço Social. Foi lá que eu vi as lagrimas deslisar os olhos dos pobres. Como é pungente ver os dramas que ali se desenrola. A ironia com que são tratados os pobres. A única coisa que eles querem saber são os nomes e os endereços dos pobres.
> Fui no Palácio, o Palácio mandou-me para a sede na Av. Brigadeiro Luis Antonio. Avenida Brigadeiro me enviou para o Serviço Social da Santa Casa. Falei com a Dona Maria Aparecida que ouviu-me e respondeu- me tantas coisas e não disse nada. Resolvi ir no Palácio e entrei na fila. Falei com o senhor Alcides. Um homem que não é nipônico, mas é amarelo como manteiga deteriorada. Falei com o senhor Alcides:
> - Eu vim aqui pedir um auxílio porque estou doente. O senhor mandou me ir na Avenida Brigadeiro Luis Antonio, eu fui. Avenida Brigadeiro mandou-me ir na Santa Casa. E eu gastei o único dinheiro que eu tinha com as conduções.
> - Prende ela!
> Não me deixaram sair. E um soldado pois a baioneta no meu peito. Olhei o soldado nos olhos e percebi que ele estava com dó de mim. Disse-lhe:
> - Eu sou pobre, porisso é que vim aqui. (JESUS, 2014, p. 42).

O diário de Carolina Maria de Jesus traz como motivação central, a busca de alimento para ela e seus filhos. A partir dessa preocupação, explicam-se as idas à cidade, as críticas às autoridades, suas alegrias quando tinha "as panelas cheias", e até os seus sonhos:

> 21 de maio. Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversario da minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tiete. (JESUS, 2014, p. 39).

A fome tem, assim, uma importância muito grande na configuração no diário de Carolina. Enfatizamos a seguir alguns trechos em que ela destaca a fome, relacionando-a de diferentes formas: "O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora" (JESUS, 2014, p. 29). "Os favelados aos poucos estão convencendo-se que para viver precisam imitar os corvos" (JESUS, 2014, p.41). "Comecei a sentir a boca amarga. Pensei: já não basta as amarguras da vida? Parece que quando nasci o destino marcou-me para passar fome". "Que efeito surpreendente a comida faz no nosso organismo! Eu que antes via o céu, as arvores, as aves tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se

aos meus olhos". "Fiz a comida. Achei bonito a gordura frigindo na panela. Que espetáculo deslumbrante! As crianças sorrindo vendo a comida ferver nas panelas". A partir desses exemplos torna-se claro o valor com que a comida e o alimento são vistos na obra "Quarto de despejo" e o quanto a situação de privação da escritora acaba interferindo na sua escrita (JESUS, 2014, pp. 44-47).

Podemos observar na escrita de Carolina Maria de Jesus um certo conservadorismo, próprio do período em questão, como a sua defesa do trabalho como valor social absoluto, quando em alguns momentos ela condena a preguiça de seus vizinhos e os acusa de serem os causadores da própria miséria. Isto a aproximava da ideologia do desenvolvimentismo[20], "... nas favelas, as jovens de 15 anos permanecem até a hora que elas querem. Mescla-se com as meretrizes, contam suas aventuras. Há os que trabalham. E há os que levam a vida a torto e a direito. As pessoas de mais idade trabalham, os jovens é que renegam o trabalho". (JESUS, 2014, p.19). Com relação a essa visão conservadora, podemos perceber também nos relatos de Carolina um certo preconceito aos nordestinos. Em um trecho do diário ela descreve os nordestinos como violentos,

> ... o que eu quero esclarecer sobre as pessoas que residem na favela é o seguinte: quem tira proveito aqui são os nortistas. Que trabalham e não dissipam. Compram casa ou retornam-se ao norte"
>
> "... hoje teve uma briga. Na rua A residem dez baianos num barracão de 3 por dois e meio. Cinco são irmãos. E as outras cinco são irmãs. São robustos, mal incarados. Homens que havia de ter valor para o Lampeão. Os dez são pernambucanos. E brigaram os dez com um paraibano. Quando os pernambucanos avançaram no paraibano as mulheres abraçaram o paraibano e levaram para dentro do barracão e fecharam a porta. Os pernambucanos ficaram falando que matavam e repicavam o paraibano. Queriam invadir o barracão. Estavam furiosos igual os cães quando alguém lhes retira a cadela. (JESUS, 2014, p.63).

Desejando ascensão social, Carolina procura não se enquadrar nas representações da favela. Tanto que ela própria tem discriminação e preconceito contra os negros e as mulheres. Nota-se que a autora tem uma posição ambígua com relação às categorias raça e gênero, pois

[20] Nome dado a estratégia politica de desenvolvimento adotada durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956/1961), que visava acelerar o processo de industrialização e superar a condição de subdesenvolvimento do país. O desenvolvimentismo como ideologia de um desenvolvimento autônomo no âmbito do sistema capitalista proclamava por sua vez a riqueza e grandeza nacional, a igualdade social, a ordem e a segurança. Disponível em: www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/desenvolvimentismo.

ora ela se identifica e em alguns momentos se distancia. E essas são justamente as duas categorias sociais que mais dizem respeito a sua condição pessoal de mulher negra.

Sobre essa questão, Marisa Lajolo (1996), ao se referir ao conservadorismo ideológico de Carolina, aponta que, "Como poderia não aderir aos valores dominantes, que, aliás, são chamados de dominantes exatamente porque invadem corações e mentes? Como escapar da incorreção poética e politica quem teve só teve acesso – quando teve – às franjas desses universos, que se mostram pelo que não são, mas que talvez acabem sendo oque apregoa não ser?" (LAJOLO, 1996, p.58). O que autora ressalta é que o mesmo processo denominação e exclusão que atua no campo social, levando Carolina a pensar em muitos momentos como seus, digamos, inimigos ideológicos (racista e machista), leva a autora a defender pontos de vistas do pensamento hegemônico em sua produção literária. A seguir citamos duas passagens do seu diário para analisarmos essa relação. No dia 16 de junho, Carolina escreve:

> ... Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eu respondia-me: é pena você ser preta. Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu ate acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. È obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. È indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta. (JESUS, 2014, p.64).

Já no dia 9 de julho, Carolina registra:

> Quando eu estava preparando-me para sair a dona Alice veio dizer que dois meninos do juiz estava vagando aqui na favela. Fui ver. Estavam com roupas amarelas. Descalços e sem camisa. Só com aquele blusão em cima da pele. Eles estavam desorientados. Perguntei se queriam café. Responderam que não.
> Eu entrei e fui preparar para sair para a rua. O José Carlos acompanhou os meninos. Depois veio perguntar-me se eu podia arranjar umas roupas para os meninos.
> - Vá chama-los!
> Ele foi e voltou com os meninos. Um era mulato claro. Um rosto feio. Um narigão. O outro era branco bonito. (JESUS, 2014, p.87-88).

No primeiro trecho percebe que ela sente orgulho e valoriza sua cor. Já na segunda citação ela apresenta um aspecto negativo do biótipo do garoto negro, contrapondo-se a beleza do garoto branco. Mas indiferente dessa ambiguidade de Carolina com relação á raça, suas criticas raciais permeiam toda obra, como podemos ver no trecho abaixo,

> 13 de maio. Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da libertação dos escravos... Nas prisões os negros eram os bodes expiatórios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam feliz... E assim nos dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome. (JESUS, 2014, p. 31-32).

O discurso religioso é visto com certa desconfiança por Carolina Maria de Jesus. As tradicionais advertências de humildade da religião cristã, pregadas por pessoas que não tem de conviver com um a realidade de privação e escassez, são satirizadas pela autora:

> ... fico pensando na vida atribulada e pensando nas palavras do Frei Luis que nos diz para sermos humildes. Penso: se o Frei Luiz fosse casado e tivesse filhos e ganhasse salario mínimo, aí eu queria ver se o Frei Luiz era humilde. Diz que Deus do valor só aos que sofrem com resignação. Se o Frei visse os seus filhos comendo gêneros deteriorados, comidos pelos corvos e ratos, havia de revoltar-se, porque a revolta surge das agruras. (JESUS, 2014, p.86).

Os políticos também são alvos das criticas de Carolina. São inúmeros os trechos em que ela, a partir das experiências coletivas que vivencia, denuncia o auxilio interesseiro, os discursos demagógicos e descaso dos políticos com os moradores da favela:

> Quem nos protege é o povo e os vicentinos. Os políticos só aparecem aqui nas epocas eleitoraes. O senhor Cantidio Sampaio quando era vereador em 1953 passava os domingos aqui na favela. Ele era tão agradável. Tomava nosso café, bebia nas nossa xicaras. Ele nos dirigia as suas frases de viludo. Brincava com nossas crianças. Deixou boas impressos por aqui e quando candidatou-se a deputado venceu. Mas na câmara dos deputados não criou um projeto para beneficiar o favelado. Não nos visitou mais. Eu classifico São Paulo assim: o Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de Jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos... eu quando estou com fome quero matar o Jânio, quero enforcar o Adhemar e queimar o

> Juscelino... quando um politico diz nos seus discursos que esta ao lado do povo, que visa incluir-se na politica para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já esta ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo com os olhos semi-cerrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade... a democracia esta perdendo os seus adptos. No nosso paiz tudo esta enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que esta fraco, morre um dia. Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando ve o seu povo oprimido. (JESUS, 2014, p.38-39).

O presidente Juscelino Kubitschek, figura central do desenvolvimentismo, é citado varias vezes no diário de Carolina, geralmente de forma crítica. Ao contrário da popularidade que essa figura política tinha com as classes média e alta, devido às promessas de progresso e industrialização, Carolina o vê distanciado do povo pobre,

> ... o que o senhor Juscelino tem de aproveitável é a voz. Parece um sabia e a sua voz é agradável aos ouvidos. E agora, o sabia esta residindo na gaiola de ouro que é o Catete. Cuidado sabia, para não perder esta gaiola, por que os gatos quando estão com fome contemplam as aves nas gaiolas. E os favelados são os gatos. Tem fome. (JESUS, 2014, p.35).

A consciência de que a favela é o espaço dos descartados está registrado em vários momentos do livro "Quarto de Despejo". Carolina sabe que, nos moldes da sociedade em que vive, "o que esta no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo" (p.32). A consciência de estar em um lugar inabitável fica clara ao longo do registro dos acontecimentos do dia 19 de maio de 1958:

> ... as oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (JESUS, 2014, p.37).

A partir dessa breve análise, destacamos a atualidade dos escritos de Carolina Maria de Jesus. Pensando no panorama atual do nosso país, suas críticas continuam relevantes,

> Sua história se costura em vários temas do tecido brasileiro contemporâneo: a distancia estrema entre as classes sociais, a impermeabilidade da estratificação social, as dificuldades de adaptação de uma categoria a outra, os preconceitos contra a mulher e os negros e, sobretudo, a perpetuação dinâmica dos contingentes pobres. Neste caso, a história de Carolina, contudo, esclarece que as fronteiras de classe são mais nítidas que as raciais, posto que ela foi menos aceita por seus modos que propriamente por se preta. (LEVINE, MEIHY, 2015, p.58).

2.3 Representação do discurso feminino em Carolina Maria de Jesus

No período em que foi publicado "Quarto de Despejo – diário de uma favelada", no ano de 1960, pode- se dizer que o contexto literário brasileiro não era favorável às mulheres. Pois até esse período, havia destaque para obras canônicas, geralmente representada por homens, brancos e de classe média-alta. Sendo assim, há, então, um silenciamento de segmentos não eram autorizados a falar, como as minorias marginalizadas, dentre as quais as "mulheres, negros, homossexuais, não-católicos, operários, desempregados..." (ZOLIN, 2010, p. 185).

Nesse sentido, segundo Lúcia Osana Zolin (2010) que em seu texto visa problematizar a representação da mulher na literatura canônica, a Crítica Feminista surge inicialmente com o foco em revisitar essas obras de modo a mostrar práticas discursivas patriarcais, papéis femininos naturalizados, bem como representações estereotipadas da mulher as quais não contemplam a diversidade de identidades femininas que existem na realidade. Posteriormente, a crítica feminista volta-se para a produção das próprias mulheres, que foram se ampliando, na medida em que se avança a organização política e social das mulheres, por meio do feminismo, o que resulta na gradual conquista do direito de falar por si. Há então uma representação da mulher diferente da concepção hegemônica, a qual visa "conferir representatividade à diversidade de percepções sociais, mais especificamente, de identidades femininas antipatriarcais" (ZOLIN, 2010, p. 186).

Nas últimas décadas, a literatura de autoria feminina no Brasil vem avançando no sentido de retratar a pluralidade de perfis femininos, representativos do conjunto das diferentes perspectivas sociais das mulheres. Quanto ao papel da mulher negra, em todas as

épocas e gêneros, esses estereótipos são reproduzidos na representação literária, apresentando uma imagem deturpada, geralmente ligada ao "seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor" (EVARISTO, 2005, p. 52).

A escritora Conceição Evaristo chama a atenção para a ausência da representação da mulher negra ocupando papel de destaque, sendo frequentemente representadas isoladamente de um grupo familiar. A mesma autora enfatiza que durante "toda a formação da literatura brasileira existiram vozes negras desejosas de falar por si", porém a década de 1970 foi um período "marcante na afirmação dos textos negros" (EVARISTO, 2009, p. 09), em consonância com a nova consciência política e as pontuações ideológicas do movimento negro. Neste momento, amplia-se então um discurso negro, orientado por uma postura ideológica que levará a uma produção literária marcada por uma fala enfática, denunciadora da condição do negro no Brasil e igualmente afirmativa do mundo e das coisas culturais africanas e afro-brasileiras, o que a diferencia de um discurso produzido nas décadas anteriores, carregados de lamentos, mágoa e impotência (EVARISTO, 2009, p. 9).

Assim, as autoras negras também passam a se autorrepresentar, criando uma literatura "em que o corpo-mulher-negra deixa de ser corpo do "outro" como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira" (EVARISTO, 2005, p. 54). Citando autoras como Carolina Maria de Jesus, Maria Firmina dos Reis, Geni Guimarães dentre outras, Conceição Evaristo relata que, nessas primeiras publicações, "essas escritoras buscam produzir um discurso literário próprio, uma contra-voz a uma fala literária construída nas instâncias culturais do poder" (EVARISTO, 2009, p. 54). O gênero autobiográfico e a escrita de si com a publicação de "Quarto de Despejo", em 1960, Carolina Maria de Jesus torna-se uma das percussoras da literatura de autoria feminina negra no Brasil. Porém, ela o faz a partir de uma narrativa autobiográfica e de testemunho *in loco*, valendo-se de seu diário íntimo. É a partir de um discurso direto, que narra o presente vivido, que Carolina representa a complexidade do contexto em que ela vive.

A mulher seja ela, negra ou branca, pobre ou de classes sociais privilegiadas, não precisa de alguém que conte sua história e não deve aceitar ser relegada por uma história que também é sua. Como representante desta mulher que tem voz e quer ser ouvida, Carolina afirma "Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas são obrigadas a pedir esmola. São sustentadas por associações de caridade" (JESUS, 2014, p. 14). Carolina está se referindo ao fato de que é discriminada pelas moradoras da favela por não possuir um marido. O que importa para ela é criar seus filhos de

forma digna, alimentá-los adequadamente. “Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis” (JESUS, 2014, p. 14). Ser solteira, nesse aspecto, assume uma conotação positiva, porque lhe possibilita maior independência e, inclusive, a liberdade de permanecer escrevendo até tarde da noite. O que afeta de forma significativa Carolina é a situação subumana em que se encontra, e, neste sentido, são vastos os registros da fome, das dificuldades que enfrenta diariamente no ambiente da favela. Diante das mazelas que constantemente atingem a autora – utilizando-se de uma linguagem lírica – diz: “Parece que eu vim ao mundo predestinada a catar. Só não cato a felicidade” (JESUS, 2014, p. 72). E se a autora favelada cata todos os dias o sustento dos filhos, falando de suas próprias atitudes, fala também da situação em que se encontra exposta a mulher pobre, e, dessa forma, passa a ser a voz de uma coletividade.

Se por um lado Carolina Maria de Jesus escreve de forma a retratar as mulheres com quem compartilha o cenário da pobreza; por outro, ela mesma, a partir de seus relatos diários, se deixa conhecer pelos leitores. E, neste aspecto, há que se destacar a Carolina mãe: “Como é horrível ver um filho comer e perguntar: ‘Tem mais?. Esta palavra ‘tem mais’ fica oscilando dentro do cérebro de uma mãe que olha as panelas e não tem mais” (JESUS, 2014, p. 34). Trata-se de uma mãe que busca diariamente pelo alimento para os filhos, muitas vezes só o encontra no lixo e reclama a solidão de quem não tem com quem dividir a responsabilidade de alimentar os filhos: “Eles não têm ninguém no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar” (JESUS, 2014, p. 19). Suas queixas são análogas às de muitas outras mulheres que se vêm como as únicas responsáveis pelos próprios filhos, como se os mesmos não tivessem um pai.

Ora, se a vida como mulher é tão difícil, seria muito mais fácil ser homem. Assim pensa a Carolina menina apresentada no dia 7 de junho:

> ...Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia na Historia do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria. Então eu dizia para a minha mãe: - Porque a senhora não faz eu virar homem: Ela dizia: - Se você passar por debaixo do arco-íris você vira homem. Quando o arco-íris surgia eu ia correndo na sua direção. Mas o arco-iris estava sempre distanciado. Igual os políticos distantes do povo. Eu cansava e sentava. Depois começava a chorar. (JESUS, 2014, p. 48).

Em relação ao gênero, a dialética da aproximação e distanciamento que a autora mantém é notável, e varia entre a defesa da própria autonomia enquanto mulher que não pretende se sujeitar à figura masculina, e a figura da mulher através de estereótipos patriarcais e machistas, que reforçam sua posição subalterna. No dia 02 de junho de 1958, encontramos a seguinte descrição:

> "... O senhor Manoel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro.". (JESUS, 2014, p. 50).

Já em outro trecho ela diz que "as rascoas da favela estão vendo eu escrever e sabe que é contra elas. Resolveram me deixar em paz. Nas favelas, os homens são mais tolerantes, mais delicados. As bagunceiras são as mulheres" (JESUS, 2014, p. 21).

Notamos assim a ambiguidade da autora com relação a essa temática. Ela é uma mulher negra que ora valoriza e em alguns momentos desvaloriza a cor da sua pele; é uma mulher que em muitos momentos pauta sua vida pela completa autonomia em relação ao masculino, e em outros momentos, deixa- se contaminar em suas observações sobre as mulheres pelo machismo. Sobre isso, Amanda Crispim Ferreira aponta que as contradições presentes nos relatos de Carolina Maria de Jesus, ou seja, a forma como, em alguns momentos ela apresenta um juízo de valor a respeitos das mulheres longe de desqualificá-la como mulher "a torna emblemática do ponto de vista literário, uma vez que representam aspectos da realidade social, estilizados e ressignificados pela escritora". Por outro lado, é perceptível uma representação que foi imposta as mulheres condicionando-as a determinados "padrão de comportamento". Vemos, portanto, Carolina mulher de condição social "triplamente silenciada dentro do campo literário por ser também negra e pobre, complexifica a análise de sua obra, a um só tempo escrita sobre mulheres e escrita de mulher" (SILVA, 2016, p. 111).

CAPÍTULO 3
CAROLINA MARIA DE JESUS EM SALA DE AULA

Neste capítulo apresentamos algumas possibilidades práticas de utilização da literatura em sala de aula, através da obra "Quarto de despejo: diário de uma favelada" de Carolina Maria de Jesus, construindo caminhos que permitam a formulação de orientações didáticas com obras literárias, por meio da proposição de um produto didático pedagógico. Um material voltado para os professores e que traz sugestões de trabalho nesse campo temático (história e literatura) para a sala de aula.

A sequência didática é por nós entendida como um instrumento que pode e deve colocar à disposição do docente uma certa variedade de ações educativas que posssibilitem tratar a literatura como fonte histórica e recurso didático com autonomia. Não apresentamos atividades fechadas, oferecemos aportunidades e possibilidades de trabalhar com história e literatura, procurando estimular a produção de conhecimento histórico pelo educando, auxiliando docentes através da apresentação de sugestões de atividades, textos e reflexões.

Ao pensar nas atividades para a sequência didática, analisando nosso objeto, Carolina Maria de Jesus, além de questões já abordadas ao longo desse estudo, pensando na sua condição de mulher, negra e favelada, que ao publicar em 1960, seu livro autobiográfico, escreve de maneira apropriada sobre o racismo presente nas relações sociais de seu tempo, mas que poderiam ser ampliadas para analisar a sociedade brasileira atual. A autora partir de sua narrativa nos permite um entrever de sua vida de mulher, negra, moradora da favela e inserida num contexto de desigualdade social, de exclusão de direitos civis, politicos e sociais. Sendo assim, ao relatar o racismo em seu texto, Carolina se coloca como narradora das dificuldades vividas por tantos e tantos afrodescendentes que se vivem situações analogas.

A partir da intensificação das lutas empreendidas pelos movimentos sociais em prol da universalização dos direitos em paralelo à existência de diferentes identidades, há de se ressaltar que grandes avanços foram dados no tocante às relações étnico-raciais no Brasil, a exemplo das Leis 10.639/2003, 11.645/2008; além da própria Constituição Federal de 1988, que em seus artigos 215 e 242 redefine o reconhecimento da pluralidade étnica da sociedade brasileira e a garantia do ensino das contribuições das diferentes etnias na formação do povo brasileiro. No que diz respeito à Lei 10.639/2003, ficou estabelecido que: "Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura AfroBrasileira." (BRASIL, 2003).

> § 1o O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinente à História do Brasil."
>
> § "2o Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. (BRASIL, 2003).

Já a Lei 11.645/2008 que foi a substituta da anterior, estabelece a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e de Ensino Médio, públicos e privados do país.

Nesse sentido, outro documento que visa à transformação dessa realidade social imbuída em preconceito e discriminação são as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Por meio da educação, elas tentam oferecer respostas às demandas da população afrodescendente através de "políticas de reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura, identidade" (BRASIL, 2004, p. 10). Por esse documento fica definido que é dever do Estado a promoção de políticas de reparações que garantam a universalização dos direitos sociais, visto que, sem a intervenção do Estado, os postos à margem, entre eles os afro-brasileiros, dificilmente, e as estatísticas o mostram sem deixar dúvidas, romperão o sistema meritocrático que agrava desigualdades e gera injustiça, ao reger-se por critérios de exclusão, fundados em preconceitos e manutenção de privilégios para os sempre privilegiados (BRASIL, 2004).

Sendo assim, o reconhecimento do abismo social entre negros e brancos no território nacional traz consigo a necessidade de conhecimento e difusão acerca da história e cultura dos povos afrodescendentes; da adoção de estratégias pedagógicas que valorizem a diversidade; do diálogo e respeito à pessoa negra; de questionamentos acerca dos preconceitos relacionados às questões étnico-raciais; da importância histórica dos movimentos de resistência negra; e ainda não apenas do acesso à educação, mas, de estratégias que garantam o acesso, a permanência e êxito em toda sua vivência educacional.

Para tanto, as ações afirmativas garantidas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura AfroBrasileira e Africana estão em consonância com o Programa Nacional de Direitos Humanos, bem como a compromissos internacionais assumidos pelo Brasil, com o objetivo de combate ao racismo e a discriminações, tais como: a Convenção da UNESCO de 1960, direcionada ao combate ao

racismo em todas as formas de ensino, bem como a Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia (BRASIL, 2004, p. 12). Porém, como o próprio texto diz o sucesso dessas políticas também está diretamente relacionado com sentimento de valorização e apoio tanto de professores quanto de estudantes (negros e não negros) o que, por conseguinte, pode representar um entrave considerável nas conquistas dos seus objetivos. Pois, o cenário atual enfrentado pela docência no país não parece muito favorável, sobretudo, em virtude do crescimento dos índices de violência que acabam afetando não só o entorno das escolas, mas, a própria comunidade escolar e o professor. Além disso, a debilidade das políticas salariais do país para a carreira docente aliada a carência infraestrutural e profissional em diversas escolas espalhadas de norte a sul também ratificam esses problemas, assim como, intensificam a própria necessidade "de trabalho conjunto, de articulação entre processos educativos escolares, políticas públicas, movimentos sociais, visto que as mudanças éticas, culturais, pedagógicas e políticas nas relações étnico-raciais não se limitam à escola" (BRASIL, 2004, p. 13).

Contudo, aprender e ensinar em meios às relações étnico-raciais no Brasil tendo em vista a promoção da garantia dos direitos sociais de modo igualitário em uma sociedade que se forma a partir de diferenças continua sendo um grande desafio. Sobretudo, por que não se trata apenas da existência de leis, mas, de acordo com Petronilha Silva (2007) envolve, inclusive, uma mudança de comportamento interpessoal imbuído na perspectiva do rompimento dos sentimentos de superioridade e inferioridade. Não obstante, seguindo as ideias dessa autora, apesar da necessidade das políticas públicas de inclusão que, consequentemente, também representam ações de combate ao racismo e as discriminações, se faz necessário o desenvolvimento de uma consciência política e histórica sobre a diversidade.

Carolina Maria de Jesus, ao relatar sua compreensão do que seria uma classificação para os negros, cria sua própria construção de identidade racial. A autora não entendia os negros dentro de uma única identidade, coesa e hegemônica, tal qual muitos autores a definiam. A realidade na qual Carolina estava inserida lhe proporcionava uma compreensão que ia além de padrões estabelecidos. As identidades as quais a autora observava estavam imbuídas de outros valores e significados, que vão além da cor da pele (AZEREDO, 2018).

O estudo do material biográfico produzido sobre Carolina Maria de Jesus, e seu texto autobiográfico, nos forneceu elementos para analisar de forma crítica a ideia de "essencialização" dos grupos afrodescendentes no Brasil. Pois, através dos textos desconstrói-se a ideia de uma única origem, como também de uma única forma de construir as relações com o seu tempo. O fato de ser uma mulher, negra, moradora de favela, mãe solteira,

congrega em Carolina Maria de Jesus, uma diversidade de identidades, que não são expressas de forma a repetir um padrão, mas num processo dialético, que se ressignifica, à medida que a realidade vai apresentando seus desafios. A escolha de Carolina Maria de Jesus significou um desafio na construção de uma prática pedagógica que deveria tornar sua história conhecida e atraente aos alunos e ao mesmo tempo articulá-la à proposta de discutir as identidades étnico raciais e o racismo, na sociedade brasileira.

3.1 Sequência didática

Pensando na necessidade de alinhamento da prática docente com as leis 10.639/03 e 11.645/08, que garantem a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena na Educação Básica de todo o país buscamos no desenvolvimento da sequência didática uma forma de ensinar e aprender em meio às relações étnico raciais, e como esta problemática pode ser trabalhada de modo amenizar pensamentos racistas e excludentes.

Dessa maneira, espera-se propiciar novas experiências de ensino e aprendizagem acerca da construção do conhecimento que versa sobre o ensino das relações éticos raciais, geralmente, vinculado a estereótipos e preconceitos.

Minha experiência profissional como professora, há mais de 12 anos na educação básica, sempre foi na rede pública, em escolas de Pitanga/ PR e região. As atividades da sequência didática foram aplicadas em dois colégios da rede pública de ensino, o Colégio Estadual Antonio Dorigon localizado no centro da cidade, e o outro Colégio Estadual Arroio Grande, situado no interior do município. Trabalhamos com duas turmas do3º ano do Ensino Médio.

O Colégio Estadual Antônio Dorigon – Ensino Fundamental, Médio e Profissional, situado na zona urbana, à Avenida Brasil, 330 – centro, é um colégio que atende alunos de vários bairros da cidade de Pitanga e da zona rural do município. A dependência administrativa é estadual e pertence ao Núcleo Regional de Educação de Pitanga. No período matutino o Colégio recebe alunos de diversos bairros da cidade e alguns alunos da zona rural, gerando dessa forma uma grande diversidade sociocultural. No período vespertino os alunos são, na sua grande maioria, provenientes do campo, sendo poucos alunos da zona urbana. O período noturno é caracterizado por alunos trabalhadores rurais e urbanos, que procuram o Ensino Médio e os cursos profissionalizantes ofertados.

O Colégio Estadual do Campo Arroio Grande – Ensino Fundamental e Médio, situado na localidade do Arroio Grande, no Município de Pitanga, funciona em prédio cedido pela

Prefeitura Municipal em dualidade administrativa, mantida pelo poder Público Estadual e é administrada pela Secretaria de Estado da Educação e pertence ao Núcleo Regional de Educação de Pitanga. A comunidade assistida por este colégio pertence, em grande maioria, à uma classe social de média renda, formada por pequenos produtores rurais.

A sequência didática foi organizada em quatro oficinas intituladas: 01 – *"Preconceito contra a mulher negra"* que teve como objetivo principal resgatar a história de algumas mulheres negras a partir de suas biografias e motivar os alunos a refletirem sobre as razões sócio- históricas que condicionaram a invisibilidade de determinadas mulheres negras na história do Brasil, apresentando, o protagonismo por elas exercido em suas ações sociais, políticas e culturais, em diferentes conjunturas históricas; 02 – *"Apresentando Carolina Maria de Jesus"* é um momento em que levamos ao conhecimento dos alunos a existência da personagem escritora Carolina Maria de Jesus, promovendo o conhecimento e o reconhecimento de sua trajetória antes e depois do sucesso editorial do livro "Quarto de despejo: diário de uma favelada" (1960); 03 – *"Carolina Maria de Jesus e a obra Quarto e despejo: diário de uma favelada"* com o objetivo central em proporcionar aos alunos um contato mais direto com a obra e por fim – *"Carolinas ontem e hoje"*, trabalho que pretendeu promover a reflexão sobre o preconceito contra a mulher na sociedade brasileira ao longo do tempo, destacando sua construção e reprodução, mas também suas transformações por meio das lutas empreendidas . O material está disponível em anexo.

3.2 Aplicação das atividades e análise dos resultados

Nosso objetivo nesse tópico é relatar de que forma foram aplicadas as atividades, bem como analisar os resultados do material produzidos pelos alunos do terceiro ano do Colégio estadual do Campo arroio Grande e do Colégio Estadual Antonio Dorigon, ambos localizados no município de Pitanga – PR.

A primeira oficina **"Preconceito contra a mulher negra"** teve como objetivo principal resgatar a história de algumas mulheres negras a partir de suas biografias. Entre estas, enfatizamos que Carolina Maria de Jesus é nossa agente principal, pois através de sua biografia as demais oficinas vão continuar a problematizar essas relações em nossa sociedade, no tempo de vida de Carolina e nos dias atuais. Pretendíamos a partir das atividades propostas, motivar os alunos a refletirem sobre as razões sócio- históricas que condicionaram a invisibilidade de determinadas mulheres negras na história do Brasil, apresentando, o

protagonismo por elas exercido em suas ações sociais, políticas e culturais, em diferentes conjunturas históricas.

Na primeira atividade apresentamos aos alunos imagens de sete mulheres negras, com pequenas biografias das mesmas: Carolina Maria de Jesus, Laudelina Campos de Mello, Maria da Conceição Evaristo de Brito, Ruth de Souza, Mercedes Baptista, Jarid Arraes, Alzira dos Santos Rufino. A partir da apresentação iniciamos uma discussão com a turma, mobilizando para o debate a partir da seguinte questão: Por que estas personagens são desconhecidas pela maioria da população brasileira? O debate foi muito proveitoso e participativo, visto que praticamente todos os alunos queriam comentar de histórias de mulheres, com suas lutas e superações e também dar exemplos do silenciamento dessas mulheres.

Na aula seguinte, e a partir da discussão gerada pela atividade anterior, propusemos uma pesquisa, onde cada grupo escolheria duas personagens apresentadas anteriormente ou outras que considerassem relevantes e fariam uma pesquisa apontando as contribuições (artísticas, culturais, políticas, religiosa, sociais) de tais personagens. O resultado da pesquisa foi socializado com a turma e foi confeccionado um mural no saguão da escola expondo os trabalhos. Nessa atividade houve uma participação bem efetiva dos estudantes. Conduzidos até o laboratório, inicialmente, os alunos pensaram que iriam encontrar dificuldades na pesquisa proposta para eles, ou seja, encontrar mulheres que se destacassem. A aluna M.R.1, comentou que receava não ter personagens para todas as duplas formadas para a pesquisa. Ao término da oficina ela comentou: “Professora, eu não imaginava que fossem tantas mulheres que se destacassem na história do nosso país”.

Figura 1 – Alunos no laboratório de informática. Acervo pessoal, 2019.

Figura 2 – Alunos no laboratório de informática. Acervo pessoal, 2019.

O resultado da pesquisa foi socializado no mural das escolas, conforme imagem abaixo:

Figura 3 – Atividade da Oficina 1, mural no colégio Arroio Grande. Acervo pessoal, 2019.

Figura 4 – Atividade da Oficina 1, mural no colégio Antonio Dorigon. Acervo pessoal, 2019.

A segunda proposta de oficina (02) **“Apresentando Carolina Maria de Jesus”**, teve como objetivo apresentar a escritora Carolina Maria de Jesus promovendo o conhecimento e o reconhecimento de sua trajetória antes e depois do sucesso editorial do livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada” (1960). O protagonismo de Carolina Maria de Jesus, na literatura, representou um divisor tanto na sua vida pessoal, quanto na literatura de seu tempo. Carolina, além de sua condição racial e social, se destacou como mulher produzindo uma literatura com um olhar feminino, num contexto de desigualdade e machismo.

Para o desenvolvimento dessa oficina, além da obra de Carolina Maria de Jesus, utilizou-se também o livro “Carolina”, de Sirlene Barbosa e João Pinheiro, publicado em 2016. A obra apresenta a biografia de Carolina Maria de Jesus em quadrinhos ou Hq, trabalho que foi inspirada na vida, percepções sobre escrita e na obra” Quarto de despejo: diário de uma favelada” (1960).

Conforme afirmamos, anteriormente, o advento das tecnologias de comunicação e informação, as chamadas T.I., trouxeram mudanças consideráveis nas rotinas escolares. O uso de modelos clássicos de ensinar, em sala de aula, encontra séria disputa com celulares, tabblets, data show, entre outros recursos tecnológicos; do que segue que o ensino-aprendizagem foi ampliado em seu potencial de diversificação. Os manuais didáticos dividem espaço de proposta de conhecimento com mídias tecnológicas e impressas, a exemplo dos Hqs, quadrinhos ou "gibis".

Aqui fazemos uma pausa para uma rápida discussão sobre o uso didático dos quadrinhos ou Hq. Trata-se de um recurso bastante presente na busca por metodologias de ensino, seja nas escolas para as séries iniciais, fundamental ou médio oferecendo alterativas sedutoras. O recurso metodológico confere ao profissional de ensino atender as várias diferenças presentes em sala de aula, além de aproximar os alunos de uma reflexão interdisciplinar, uma vez que o uso das histórias e quadrinhos (Hq) conduz a um exercício de plena associação das imagens com as narrativas que compõe as artes visuais. As imagens sequenciais estabelecem sintonia com a história proposta na narrativa e com a língua portuguesa. O uso das onomatopeias componente de animação das sequências de imagens (muito presentes nos balõezinhos) se associam às linguagens não verbais de forma clara e objetiva para o leitor dando; combinação perfeita da comunicação verbal e visual (BARBOSA, 2014).

A primeira atividade consistiu na leitura da obra "Carolina". Utilizou- se uma aula para a realização dessa atividade. Cada aluno fez a leitura individual, visto que conseguimos emprestar 30 exemplares do livro de outro colégio Estadual Professora Júlia H. de Souza. Depois da leitura os estudantes puderam falar sobre suas impressões do livro.

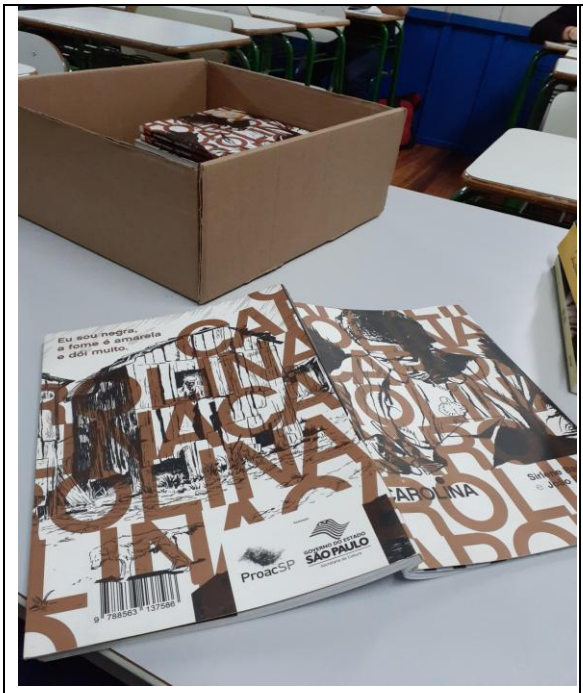


Figura 5 – Capa da obra "Carolina" (2016). Acervo pessoal, 2019.

Figura 6 – Alunos realizando a leitura da obra "Carolina" (2016). Acervo pessoal, 2019.

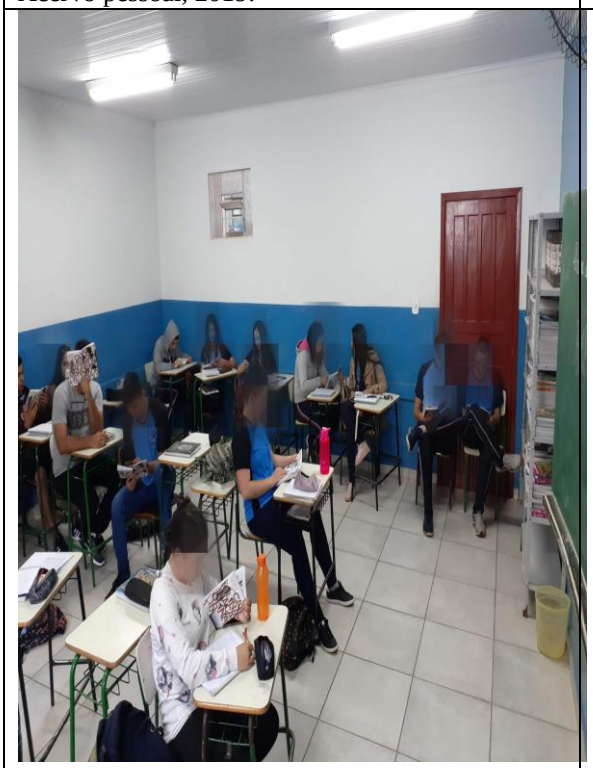


Figura 7 – Alunos realizando a leitura da obra "Carolina" (2016). Acervo pessoal, 2019.

Figura 8 – Alunos realizando a leitura da obra "Carolina" (2016). Acervo pessoal, 2019.

Dando continuidade, apresentamos alguns vídeos sobre Carolina Maria de Jesus. Depois da visualização, abrimos para a discussão e apontamentos e na sequência solicitamos uma atividade em grupo que consistia em responder as seguintes questões:

1. Identifique algumas dificuldades enfrentadas por Carolina Maria de Jesus;
2. Como Carolina fazia para superar os momentos difíceis de sua vida?
3. Identifique e transcreva o trecho onde Carolina Maria de Jesus faz um relato sobre a desigualdade social existente na favela;
4. Essa desigualdade relatada por Carolina ainda persiste em nossa sociedade? Elabore um argumento para justificar sua resposta.

A partir dessa atividade e das discussões em sala de aula, pudemos analisar na escrita dos alunos, a partir de seus exemplos, como eles percebem a desigualdade no meio em que vivem. Selecionamos abaixo alguns trechos da escrita dos educandos:

T.B.1 – "Mesmo após décadas da publicação do livro, a realidade atual ainda é muito semelhante à da época. O centro das cidades ainda é 'reservado' às classes superiores, enquanto o pobre, principalmente negros, são automaticamente, selecionados às favelas que, por sua vez, são vistas como 'casa de bandido'".

E.S.1 – "Avida de quem mora na favela, é pobre, ou tem a pele negra ainda sofre muito com a desigualdade e o preconceito, podemos assistir os jornais, os quais carregam diversos exemplos de casos onde predomina essa desigualdade. Se um pobre é preso, por exemplo, mediante a alguém de classe social mais alta, na maioria das vezes é julgado e até tratado de modo diferente".

G.S.2 – "A desigualdade que Carolina Maria de Jesus relata, ainda persiste nos dias de hoje, nunca deixou de existir. O preconceito ainda existe, principalmente por ser mulher, negra e pobre, mas isso não acontece só com mulheres negras e pobres. Nós mulheres, ainda sofremos muito com o preconceito por ser mulher, muitos homens machistas percebem a força, a inteligência, a capacidade de fazer melhor e não conseguem aceitar que nós também podemos nos destacar muito. Nós mulheres somos mais que donas de casa, com suas vassouras nas mãos e umbigo no fogão, somos mulheres fortes e temos que deixar isso claro, que podemos ocupar cargos de importância, podemos fazer muito mais que os homens pensam que somos capazes de fazer".

M.P.2 – "As pessoas que são marginalizadas sofrem com os efeitos dessas 'bolhas' sociais e econômicas, sem serem concedidas oportunidades de vida, de estudo e de crescimento profissional da mesma maneira que as outras pessoas. A sociedade atual envolve muitas

desigualdades, podendo ser pela má distribuição de renda, pelas discriminações, racismo, preconceito, entre outros".

S.A.2 – "Devido à indiferença dos governantes com relação à classe trabalhadora, um judiciário corrompido, onde só quem tem poder aquisitivo elevado tem 'direito' a justiça, dentre outros fatores, até certa ignorância da maioria dos indivíduos da nossa sociedade com relação a política. Isso tudo acarreta diversos problemas sociais, como o aumento do preço de produtos essenciais para a sobrevivência".

Na terceira oficina **"Carolina Maria de Jesus e a obra Quarto e despejo: diário de uma favelada",** nosso objetivo central foi o de proporcionar aos alunos um contato mais direto com a obra. O diário é um gênero memorialístico muito comum e conhecido, mas que não aparece com muita frequência entre os grandes clássicos da literatura.

Iniciamos a aula com as seguintes frases expostas no quadro negro:

-*"A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorre. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde moro".* (JESUS, p.2000, p.147);

-*"Eu classifico São Paulo assim: o Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos"* (JESUS, 2000, p.28);

- *"Cheguei ao inferno. Devo incluir-me, porque eu também sou da favela. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo"* (JESUS, 2005, p.33).

Solicitamos aos alunos que fizessem a leitura das frases e depois refletissem e expressassem suas opiniões sobre a relação entre a vida que a autora fala e a cor preta. Apontamos que a autora faz uma referência a lugares comuns de São Paulo, aonde os turistas normalmente vão: o Palácio do Governo e a Prefeitura, mas também fala da favela, lugar considerado como um depósito. A favela é, para Carolina, uma analogia ao quarto de despejo, que várias vezes, é descrito como o inferno. Na sequência apresentamos o vídeo com comentários de Tom farias que escreveu a obra "Carolina: uma biografia".

Destacamos para os alunos que nestes trechos tanto o lugar onde a autora mora, assim como sua condição feminina e étnica, é de extrema importância para se pensar os papéis exercidos e a identidade construída partindo de um cotidiano de atribulações documentados no livro Quarto de despejo: diário de uma favelada. No texto memorialístico, ao escrever sobre si mesmos os autores tornam-se sujeitos de si mesmos, uma vez que põem no papel seus dramas e angústias, seus medos e frustrações. Carolina torna-se sujeito social ao retratar a pobreza e a miséria presente no seu cotidiano: ela escreve sobre a favela para sair dela. Salientamos que a escrita da autora está baseada em aspectos memorialísticos bastante pessoais, enfatizando o aspecto memorialístico contrapondo-se a um contexto histórico e social. O diário começou a ser escrito em 1955, mas é possível assegurar, sem dificuldades que os problemas sociais como moradia, alimentação, atendimento médico dentre outros direitos dos cidadãos ainda são os mesmos. Também se percebe que passados mais de 50 anos da publicação do livro de Carolina, a presença da mulher negra na literatura, seja como escritora ou como personagem ainda é muito pequena, o que não representa da realidade da sociedade brasileira.

Comentamos ainda com os alunos que em 2014 Carolina Maria de Jesus completaria seu centenário e sua obra tornou-se mais conhecida com a divulgação em várias mídias, para homenageá-la, reconhecer e disseminar ainda mais sua importância para a história e para a literatura nacional. Diante do interesse dos alunos pela temática abordada, apresentamos a eles numa atividade realizada no laboratório de informática, o portal "Vida por escrito", que é parte do projeto "Vida por escrito – Organização, classificação e preparação do inventário da obra de Carolina Maria de Jesus", contemplado pelo Edital Prêmio Funarte de Arte negra, categoria Memória, em 2013. No portal estão reunidas informações sobre a vida e a obra da escritora, resultante da coleta de informações através de pesquisas nas instituições custodiadoras que abrigam partes de sua obra, e de pesquisa e levantamento bibliográfico sobre Carolina Maria de Jesus.

Como não dispúnhamos de tempo suficiente para a leitura integral do texto do livro Quarto de despejo: diário de uma favelada (1960) partimos, da seguinte metodologia: a partir da divisão da turma em grupos, distribuímos trechos da obra que seria lido pelos membros do grupo e realizado o debate, depois fizemos uma apresentação onde cada grupo fez a exposição do tema abordado para o restante da turma. Para a realização dessa atividade selecionamos alguns trechos de Quarto de Despejo sobre os diferentes assuntos que Carolina Maria de Jesus aborda em sua obra. Entre os diferentes assuntos dos trechos, sugerimos os seguintes temas

vistos na ótica da escritora: Favela; Fome; Questões sociais e políticas; Escrita. Essa dinâmica vai ajudou os estudantes a ter um contato mais próximo com a realidade de Carolina.

O tema *Favela* traz questões relevantes para mostrar a visão que Carolina Maria tinha da segregação socioespacial de São Paulo. As comparações feitas pela autora demonstram sua consciência de que a periferia faz parte de uma dinâmica urbana excludente:

> *– 19 de Maio de 1958: "Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo." (JESUS, 2014, p.37).*
>
> *– 07 de Julho de 1958: "Quando eu vou na cidade tenho a impressão que estou no paraíso. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferente da favela. as casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquela paisagem a de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da América do Sul está enferma com as suas úlceras. As favelas." (JESUS, 2014, p.85).*

Percebe- se que a exclusão da favela era tão grande, que nem era considerava como parte da cidade, como vemos no trecho acima. Usa-se a palavra "cidade" como sinônimo de centro, ao qual se opõe a favela.

O aspecto relacionado à *Fome* tem grande destaque por Carolina no decorres de sua obra. A extrema pobreza vivida na favela torna a existência dos seus moradores algo demasiadamente difícil. Podemos ver esse cenário agonizante nos seguintes trechos:

> *– 19 de Maio de 1958: "As aves deve ser mais feliz que nós. Talvez entre elas reina amizade e igualdade.(...) O mundo das aves deve ser melhor do que dos favelados, que deitam e não dormem porque deitam- se sem comer." (JESUS,2014, p. 35)*
>
> *– 20 de Maio de 1958: "Como é horrível ver um filho comer e perguntar: Tem mais? Esta palavra 'tem mais' fica oscilando dentro do cérebro de uma mãe que olha as panela e não tem mais." (JESUS,2014, p. 38).*
>
> *– 22 de Maio de 1958: "Duro é o pão que nós comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado." (JESUS, 2014, p. 41).*
>
> *– 30 de Maio de 1958: "O José Carlos chegou com uma sacola de biscoitos que catou no*

lixo. Quando vejo eles comendo as coisas do lixo penso: e se tiver veneno? E que as crianças não suporta a fome." (JESUS, 2014, p. 46).

– 14 de Junho de 1958: "Fiquei nervosa ouvindo a mulher lamentar- se porque é duro a gente vir ao mundo e não poder nem comer... Eu penso isto, porque quando não tenho nada para comer, invejo os animais." (JESUS, 2014, p. 61).

– 15 de Junho de 1958: "Pobre mulher! Quem sabe se de há muito ela vem pensando em eliminar-se, porque as mães têm muito dó dos filhos. Mas é uma vergonha para uma nação. Uma pessoa matar-se porque passa fome." (JESUS, 2014, p. 63).

Esse conjunto de citações reforça as dificuldades que a miséria causa no ser humano. A fome acarreta uma série de complicações médicas, emocionais e psíquicas, vistas na morte por destruição, na ideia de suicídio e no sofrimento da mãe em não poder cuidar bem do filho. Mas mediante de tantas dificuldades, os favelados, como nos mostra Carolina, são obrigados a serem perseverantes para lutarem pela sobrevivência. Ao longo de sua escrita, Carolina sublinha que sabia a cor da fome, ela seria amarela, e era dessa sensação que ela mais tentava fugir: "Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as arvores, as aves tudo amarelo, depois que comi tudo normalizou- se aos meus olhos." (JESUS, 2014, p. 44).

No tema relacionado á *Questões sociais e políticas,* Carolina também mostra uma visão muito clara sobre os políticos e a sociedade da época. Percebe que a atuação deles voltava-se a uma realidade social muito distante da que a favela enfrentava. Diante da situação de pobreza e desigualdades, a autora manifesta seus desgostos, indignação, reclama de seu sofrimento e sonha com mudanças pessoais e também melhorias na esfera política, que façam a situação coletiva prosperar:

– 19 de Maio de 1958 "O que o senhor Juscelino tem de aproveitável é a voz. Parece um sabiá e a sua voz é agradável aos ouvidos. E agora, o sabiá está residindo na gaiola de ouro que é o Catete. Cuidado sabiá, para não perder esta gaiola, porque os gatos quando estão com fome contempla as aves nas gaiolas. E os favelados são gatos. Tem fome" (JESUS, 2014, p. 35).

– 20 de Maio de 1958: "Quando um político diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema ele

vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olho o povo com os olhos semicerrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade" (JESUS, 2014, p. 38).

– "A democracia está perdendo seus adeptos. No nosso paiz tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que está fraco, morre um dia." (JESUS, 2014, p. 39).

_ 21 de Maio de 1958: "... Quem governa o nosso país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é fome, a dor, e a aflição do pobre. Se a maioria revoltar- se, o que pode fazer a minoria? Eu estou ao lado do pobre, que é o braço. Braço desnutrido. Precisamos livrar o paiz dos políticos açambarcadores." (JESUS, 2014, p. 39).

– 22 de Maio de 1958: "Foi lá que [no Serviço Social] que eu vi as lagrimas deslisar sobre os rostos dos pobres. (...) Como é pungente ver os dramas que ali se desenrola. A ironia com que são tratados os pobres. (...) A única coisa que querem saber são os nomes e os endereços dos pobres." (JESUS,2014, p. 42)

Interessante notar a revolta de Carolina, os relatos acima reforçam que os setores mais pobres da sociedade demandam do Estado melhorias urgentes na qualidade de vida. Além disso, cabe indicar o descaso com que eram tratados os necessitados, mesmo por órgãos estatais. Carolina de Jesus transmite bem essa mensagem quando fala do Serviço Social, mais preocupado com registros burocráticos do que com o sofrimento humano.

Na temática relacionada à *Escrita*, Carolina também relata suas atitudes pessoais e a postura que assume ao longo da sua narrativa:

_ 19 de Maio de 1958: "Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu. E faço isto em prol dos outros." (JESUS, 2014, p. 36).

– 1 de Junho de 1958: "Não tenho força física, mas as minhas palavras ferem mais do que espada. E as feridas são incicatrizáveis". (JESUS, 2014, p.48).

– 13 de Junho de 1958: "Os bons eu enalteço, os maus eu critico. Devo reservar as palavras suaves para os operarios, para os mendigos, que são escravos da miseria." (JESUS, 2014, p. 61).

Nesse trecho podemos ver uma tomada de atitude da escritora: através de seus diários fazer registros e denúncias das dificuldades enfrentadas pela população da favela. Nesse

sentido, Carolina Maria de Jesus não apenas retrata sua realidade, mas se posiciona criticamente a ela.

A atividade seguinte se deu a partir da visualização pelos estudantes do curta-metragem "O Papel e o Mar", que é um curta-metragem de aproximadamente 14 minutos de duração, dirigida por Luiz Antônio Pilar, que trata de um encontro fictício, porém histórico e representativo. O filme apresenta um diálogo imaginário entre Carolina e João, personagens que retratam Carolina Maria de Jesus, escritora, e João Cândido, o Almirante Negro – pessoas reais da história. "O papel e o Mar" (2010) consistem na performance do encontro entre esses dois personagens, que caminham e discutem sobre suas relações distintas e similares com aquilo que cada um chama de seu negócio: Carolina, com o papel, João Candido com o mar. Ambos ocuparam, cada um à sua época, por aquilo que fizeram e disseram, um lugar de contestação da posição social que lhes era imposta. Ele, conhecido como o almirante negro, líder da revolta da chibata, interpretado pelo ator e diretor de cinema Zózimo Bulbul; ela; uma mulher que ousou, em meados da década de 1950, se chamar de escritora, mesmo estando fora da redoma da academia e da literatura, catadora de papel, mãe solo de três filhos, na favela do Canindé, em São Paulo; interpretada por Dirce Thomas[21].

A partir dos debates e comentários da atividade anterior, dividimos a turma em grupos e solicitamos uma pesquisa relacionando os problemas apontados por Carolina, fazendo referência com os problemas enfrentados atualmente pela sociedade.

[21] Entre sereias, marinheiros e escritores da própria história: reflexões sobre o papel e o mar (2010) e Carolina Maria de Jesus, de. Disponível em: Travessias, Cascavel, v. 12, n. 4, ed. esp., p. 132 – 148, dez. 2018. http://www.unioeste.br/travessias.

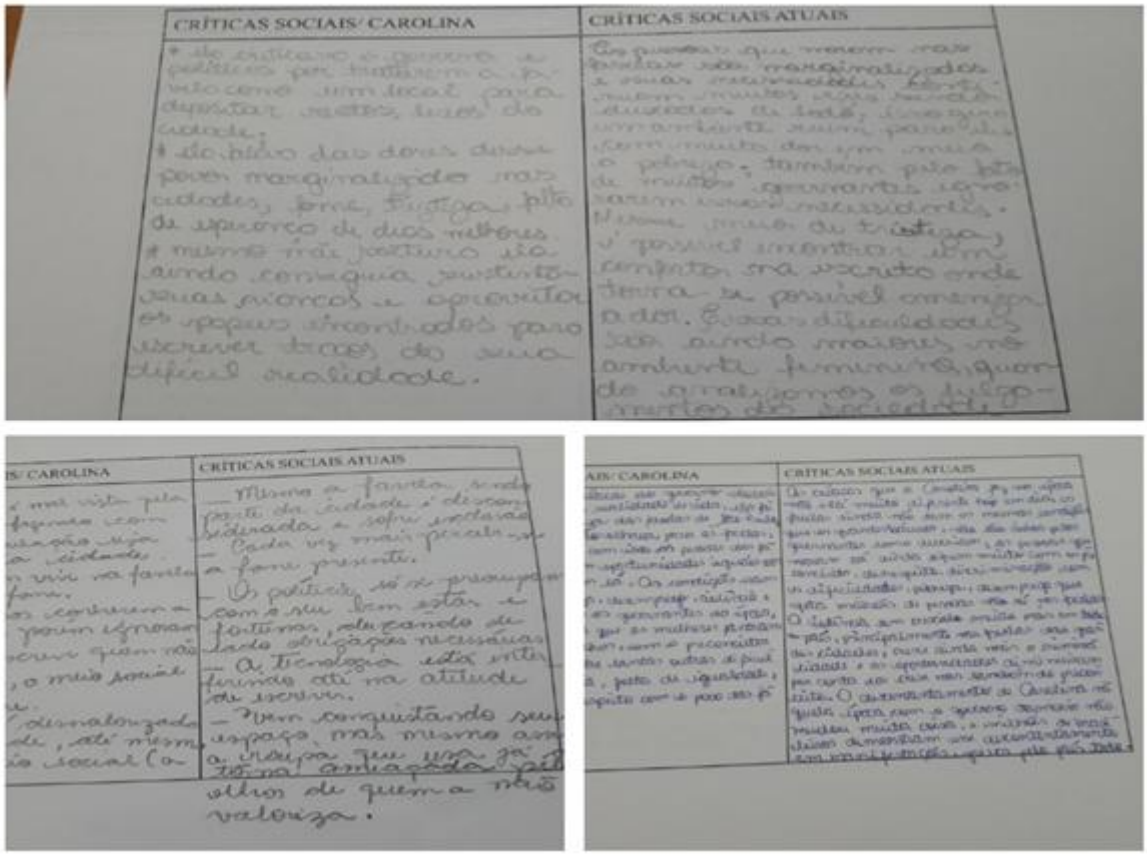


Figura 9 – Atividades realizadas pelos alunos,na Oficina 3. Acervo pessoal, 2019.

A última oficina **"Carolinas ontem e hoje"** pretendeu promover a reflexão sobre o preconceito contra a mulher na sociedade brasileira ao longo do tempo, destacando sua construção e reprodução, e também suas transformações por meio das lutas empreendidas. Através da biografia de Carolina Maria de Jesus, e de outros recursos áudio visuais propomos pensar o preconceito contra a mulher na sociedade brasileira e as lutas protagonizadas por mulheres e pelo movimento feminista, como construções sociais que não estão congelados no tempo, pois sofreram transformações a partir das diferentes estratégias de lutas. Buscamos estimular as reflexões sobre o caráter social das identidades de gênero e reconhecer o protagonismo das mulheres em processos históricos e promover a reflexão sobre a importância de pensar sua própria trajetória de vida situando identidades e relacionando-as ao contexto social e racial em que cada um está inserido

Carolina de Jesus nos estimula a refletir o quanto cada um é sujeito histórico, o quanto somos influenciados pela época em que vivemos. Explicita também que devemos dar grande importância à vivência de cada pessoa, que é protagonista de sua vida. Entretanto, o protagonismo de Carolina foi além. Ela enfrentou os preconceitos que na época recaiam sobre

as populações negra, pobre, feminina e com pouca escolaridade. Diferentemente da maioria dos seus vizinhos, cultivava o hábito de ler e teve a iniciativa de registrar criticamente a realidade da favela em seus diários. A escrita, para ela, correspondeu uma forma de tirar do anonimato o sofrimento de tantos favelados, ignorado por entre os setores dominantes da sociedade. Carolina conseguiu colocar em pauta nacional as enormes populações pobres, negras e marginalizadas do país, fazendo a sociedade, governantes e intelectuais refletirem sobre elas.

Essa oficina também procurou promover a reflexão sobre a importância de pensar sobre sua própria trajetória de vida, partindo de Carolina Maria de Jesus que, ao relatar sobre sua própria história de vida, nos possibilitou pensar sobre o enfrentamento de obstáculos, a valorização das identidades e da luta contra a desigualdade racial e social. Como Carolina, que ao relatar sua trajetória, criando um livro de conteúdo autobiográfico, a oficina buscou estimular os alunos a criarem relações entre suas biografias e os temas que foram discutidos ao longo das oficinas, ou mesmo da própria experiência de contato com o texto de Carolina Maria de Jesus.

Para a realização da primeira atividade partimos do seguinte trecho da obra Quarto de despejo: diário de uma favelada:

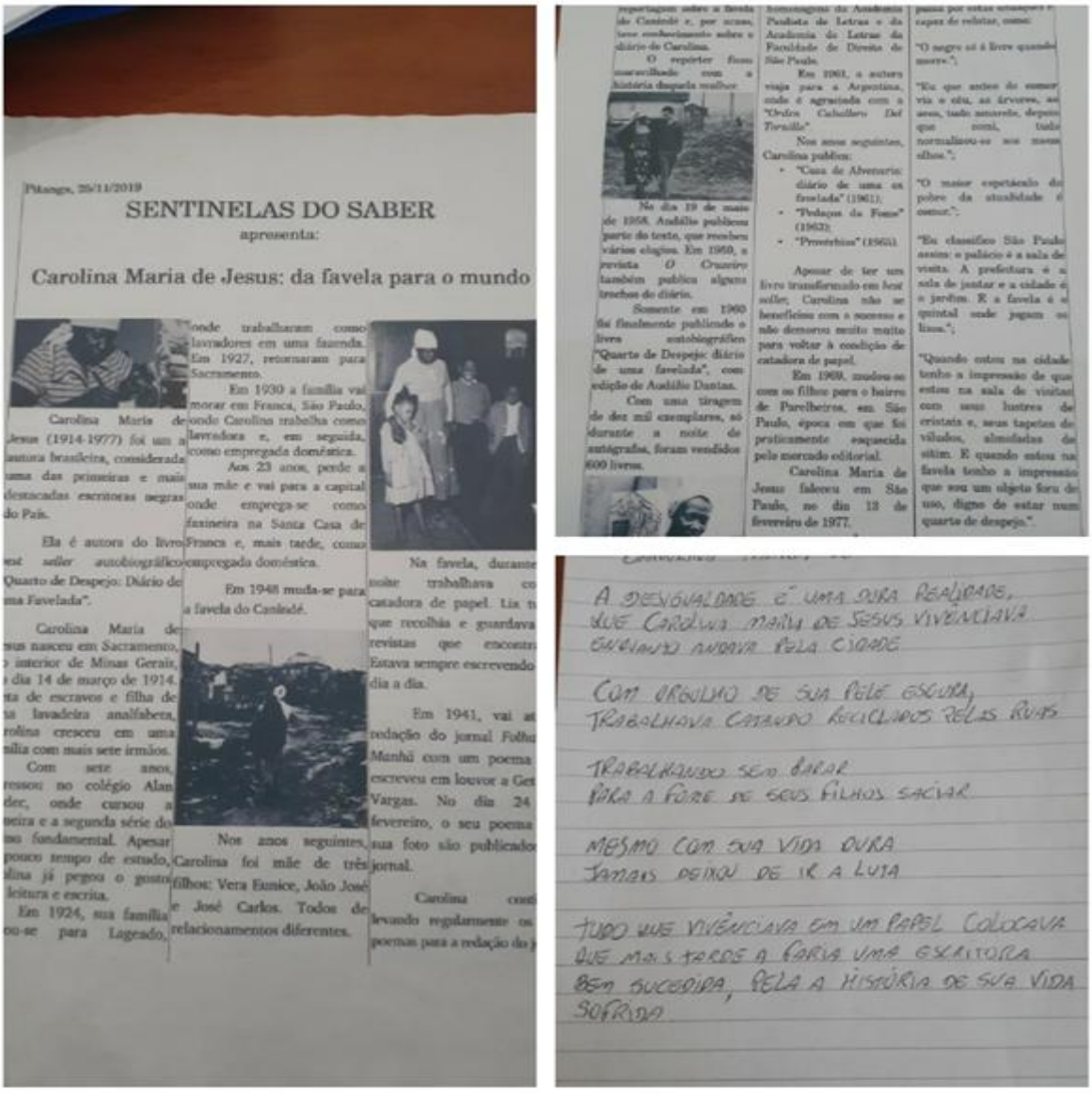
> *"Tem pessoas aqui na favela que diz que eu quero ser muita coisa porque não bebo pinga. Eu sou sozinha. Tenho três filhos. Se eu viciar no álcool os meus filhos não irá respeitar–me. Escrevendo isto estou cometendo uma tolice. Eu não tenho que dar satisfações a ninguém. Para concluir, eu não bebo porque não gosto, e acabou-se. Eu prefiro empregar o meu dinheiro em livros do que no álcool. Se você achar que estou agindo acertadamente, peço te para dizer: - Muito bem, Carolina!" (JESUS, 1960, p. 55).*

A partir da leitura e comentários propusemos a construção de um texto autobiográfico, ou a "escrita de si", no qual estivesse presente o registro da trajetória de vida dos alunos, tais como: sua origem social, racial, familiar, seus medos e sonhos.

Nossas histórias pessoais são tecidas pelos fios da história da sociedade em que vivemos e vice-versa. Por isso histórias do nosso país podem ser apreendidas a partir de experiências individuais. As Histórias de Vida de Carolina Maria de Jesus podem ajudar nossa sociedade a refletir sobre problemas que, apesar de não se manifestarem da mesma forma, ainda estão presentes em nosso dia a dia, como desigualdades sociais, raciais e de

gênero. A atividade final partiu do seguinte questionamento feito aos estudantes: Que tal apresentar as histórias de luta de Carolina Maria de Jesus a outras pessoas?

A partir da divisão da turma em grupos, solicitamos aos estudantes que a partir do tema, das fontes e do conhecimento adquirido ao longo das aulas/ oficinas, cada grupo apresentassem a vida de Carolina Maria de Jesus utilizando a linguagem que mais se identificasse. Apresentamos algumas sugestões: história em quadrinhos; um curta-metragem utilizando a câmera do celular; teatro; uma matéria jornalística; uma paródia musical. Abaixo, alguns exemplos de material produzido pelos alunos:



Pitanga, 25/11/2019

SENTINELAS DO SABER

apresenta:

Carolina Maria de Jesus: da favela para o mundo

Carolina Maria de Jesus (1914-1977) foi uma a[utora] brasileira, considerada [uma] das primeiras e mais destacadas escritoras negras do País.

Ela é autora do livro [best] seller autobiográfico Quarto de Despejo: Diário de [uma] Favelada".

Carolina Maria de [Je]sus nasceu em Sacramento, [in]terior de Minas Gerais, [no] dia 14 de março de 1914. [Fi]lha de escravos e filha de [u]ma lavadeira analfabeta, [Ca]rolina cresceu em uma [fa]mília com mais sete irmãos.

Com sete anos, [in]gressou no colégio Alan[ca]der, onde cursou a [pr]imeira e a segunda série do [en]sino fundamental. Apesar [do] pouco tempo de estudo, [Ca]rolina já pegou o gosto [pe]la leitura e escrita.

Em 1924, sua família [mu]dou-se para Lageado, [on]de trabalharam como [la]vradores em uma fazenda. Em 1927, retornaram para Sacramento.

Em 1930 a família vai [mo]rar em Franca, São Paulo, [on]de Carolina trabalha como [la]vradora e, em seguida, [co]mo empregada doméstica.

Aos 23 anos, perde a [su]a mãe e vai para a capital [on]de emprega-se como [fa]xineira na Santa Casa de [Fr]anca e, mais tarde, como [em]pregada doméstica.

Em 1948 muda-se para a favela do Canindé.

Nos anos seguintes, Carolina foi mãe de três filhos: Vera Eunice, João José e José Carlos. Todos de relacionamentos diferentes.

Na favela, durante [to]do trabalhava co[mo] catadora de papel. Lia t[udo] que recolhia e guardava [em] revistas que encontr[ava]. Estava sempre escrevendo [um] dia a dia.

Em 1941, vai at[é a] redação do jornal Folha [da] Manhã com um poema [que] escreveu em louvor a Get[úlio] Vargas. No dia 24 [de] fevereiro, o seu poema [e] sua foto são publicados [no] jornal.

Carolina [con]tinuando regularmente os [seus] poemas para a redação do [jo]rnal.

Reportagem sobre a favela do Canindé e, por assim, [um] conhecimento sobre o diário de Carolina.

O repórter ficou maravilhado com a história daquela mulher.

Na dia 19 de maio de 1958, Audálio publicou parte do texto, que recebeu vários elogios. Em 1960, a revista *O Cruzeiro* também publica alguns trechos do diário.

Somente em 1960 foi finalmente publicado o livro autobiográfico "Quarto de Despejo: diário de uma favelada", com edição de Audálio Dantas.

Com uma tiragem de dez mil exemplares, só durante a noite de autógrafos, foram vendidos 600 livros.

Acadêmica da Academia Paulista de Letras e da Academia de Letras da Faculdade de Direito de São Paulo.

Em 1961, a autora viaja para a Argentina, onde é agraciada com a "Orden Caballero Del Tornillo".

Nos anos seguintes, Carolina publica:

- "Casa de Alvenaria: diário de uma ex favelada" (1961);
- "Pedaços da Fome" (1963);
- "Provérbios" (1965).

Apesar de ter um livro transformado em best seller, Carolina não se beneficiou com o sucesso e não demorou muito muito para voltar à condição de catadora de papel.

Em 1969, mudou-se com os filhos para o bairro de Parelheiros, em São Paulo, época em que foi praticamente esquecida pelo mercado editorial.

Carolina Maria de Jesus faleceu em São Paulo, no dia 13 de fevereiro de 1977.

passou por estas situações e capaz de relatar, como:

"O negro só é livre quando morre.";

"Eu que antes de comer via o céu, as árvores, as aves, tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meus olhos.";

"O maior espetáculo do pobre da atualidade é comer.";

"Eu classifico São Paulo assim: o palácio é a sala de visita. A prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.";

"Quando estou na cidade tenho a impressão de que estou na sala de visitas com seus lustres de cristais e, seus tapetes de veludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo."

A DESIGUALDADE É UMA DURA REALIDADE,
QUE CAROLINA MARIA DE JESUS VIVENCIAVA
CAMINHO ANDAVA PELA CIDADE

COM ORGULHO DE SUA PELE ESCURA,
TRABALHAVA CATANDO RECICLADOS PELAS RUAS

TRABALHANDO SEM PARAR
PARA A FOME DE SEUS FILHOS SACIAR

MESMO COM SUA VIDA DURA
JAMAIS PENSOU DE IR A LUTA

TUDO QUE VIVENCIAVA EM UM PAPEL COLOCAVA
QUE MAIS TARDE A GORA UMA ESCRITORA
BEM SUCEDIDA, PELA A HISTÓRIA DE SUA VIDA
SOFRIDA

Figura 10 – Atividades realizadas pelos alunos,na Oficina 4. Acervo pessoal, 2019.

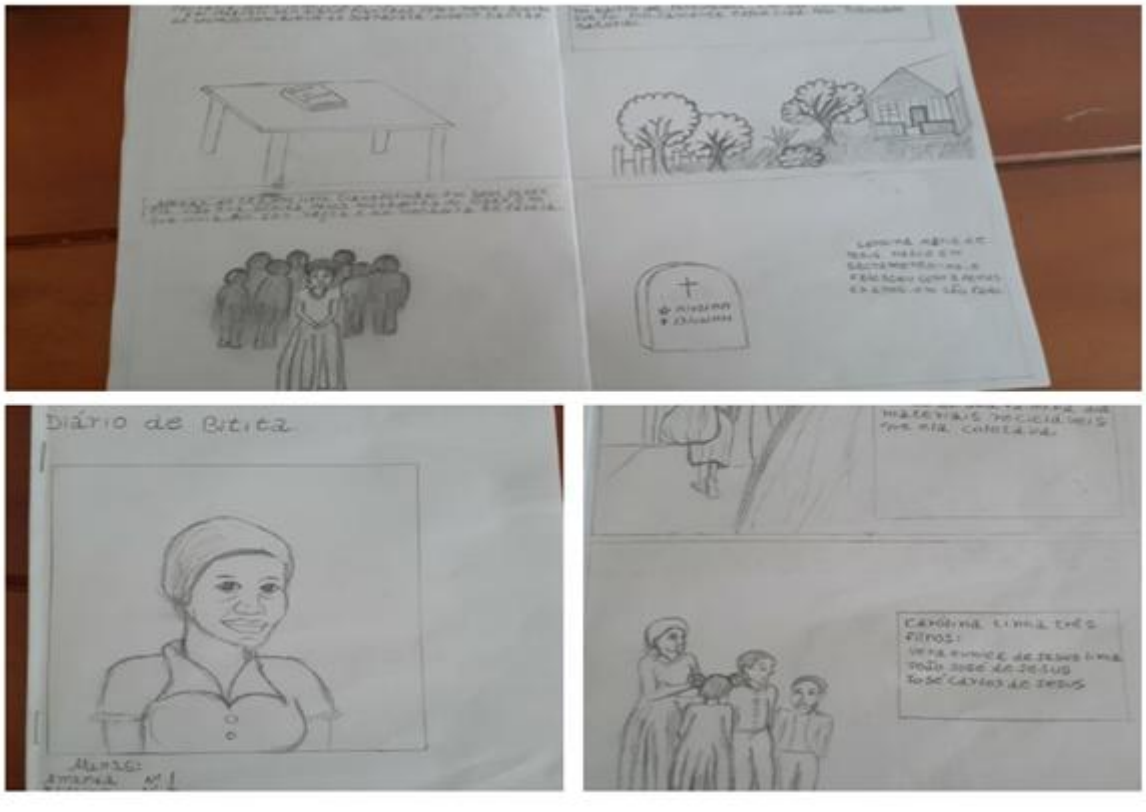


Figura 11 – Atividades realizadas pelos alunos,na Oficina 4. Acervo pessoal, 2019.

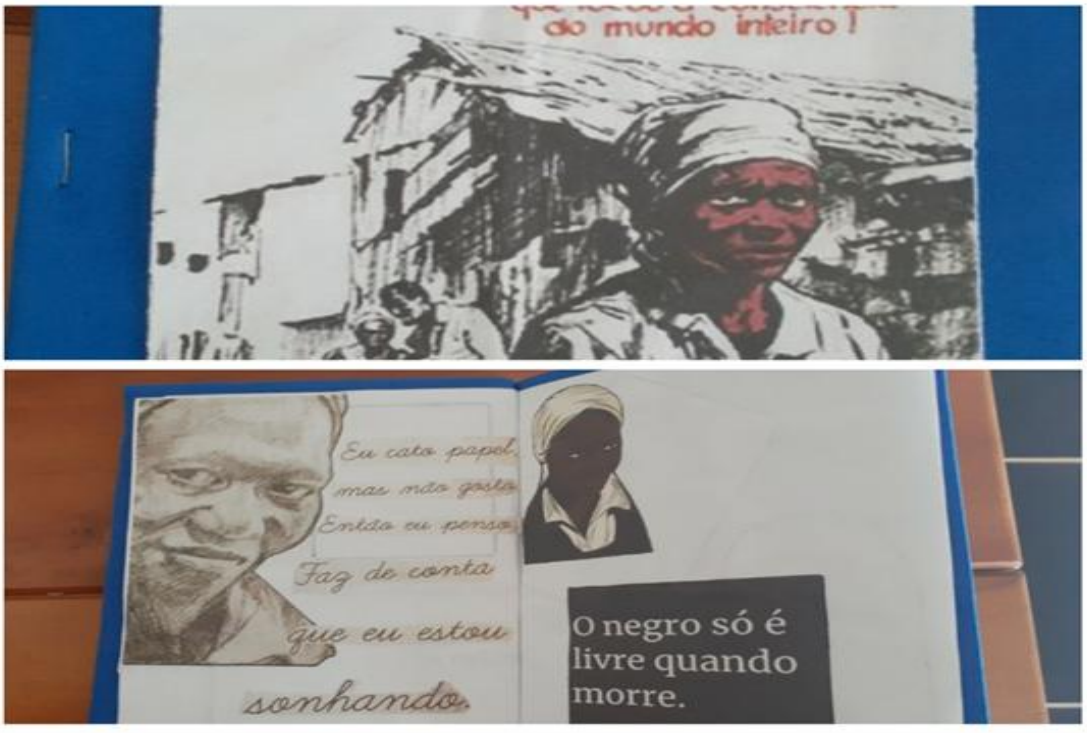


Figura 12 – Atividades realizadas pelos alunos,na Oficina 4. Acervo pessoal, 2019.

Figura 13 – Atividades realizadas pelos alunos,na Oficina 4. Acervo pessoal, 2019.

Para que esse processo de construção de saberes históricos se efetive na escola é necessária a construção da explicação histórica a ser desenvolvida pelo docente. Essa explicação pode, e em nosso ver deve levar ao desenvolvimento da produção de um conhecimento histórico em uma versão local ligada ao Ensino de História em sala de aula, adaptada as especificidades de cada turma, de acordo com suas características.

Buscamos contribuir com o processo de efetivação da construção de saberes históricos a partir da utilização da literatura em sala de aula, pois uma aula de história nunca será mera repetição de algum material historiográfico ou mesmo do material didático consultado pelo professor. Devido a essa singularidade das leituras, o professor se torna autor, pois é através do seu trabalho que o texto escrito ganha vida por meio da prática no cotidiano de sala de aula. Essa apropriação, seleção e tradução do material historiográfico a ser trabalhado em sala de aula têm como objetivo a relação entre professores e educandos no processo de ensino-aprendizagem a ser desenvolvido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da vida e obra de Carolina Maria de Jesus faz-se relevante não apenas no âmbito da literatura, mas também como manifestação de valor sociológico e histórico, já que consiste em um marco dessa literatura proveniente de grupos marginalizados e, consecutivamente, é de grande valia na revisão da história oficial. Tal valor justifica o resgate da obra muitas vezes abordada em trabalhos acadêmicos – mencionados ao longo da pesquisa –, ainda que, de certa forma, continue desconhecida de muitos estudantes, como no caso das turmas com as quais trabalhamos. Nesse sentido, entende-se que este trabalho de pesquisa possibilitou o conhecimento dos estudos já realizados a respeito dos textos de Carolina Maria de Jesus e, a partir dos mesmos, rendeu reflexões acerca do lugar ocupado por sua literatura. Além disso, é importante destacar na escrita de Carolina a construção de uma imagem da mulher brasileira que luta incansavelmente pelo sustento dos filhos e pela própria sobrevivência. Não se trata de uma imagem construída sob a ótica deturpadora do "de fora", senão que a própria mulher falando de si e daquilo que vê como sendo parte de seu convívio. É a mulher que requer o direito de escrever a própria história.

Quando a pesquisa em Ensino de História propõe um trabalho de análise e reflexão que está diretamente direcionado ao aluno da Educação Básica de ensino público, as questões locais do espaço de ensino e a realidade do público escolar devem estar postas essencialmente nas práticas pedagógicas; deve-se privilegiar a pluralidade e as diferenças presentes no espaço escolar. Todavia, é necessário refletirmos sobre o que é diversidade e qual o fio devemos seguir para entender a diversidade cultural ou social. Devemos ter claro o que propomos analisar, refletir e esclarecer sobre uma diversidade determinada por classe social ou etnicamente concebida; devemos pensa-la como parte de contextos sociais mais amplo e historicamente construídos, a fim de envolvermos nos debates, valores culturais e padrões econômicos diversos.

Refletir sobre o Ensino de História é estar receptivo a novas aprendizagens, descobertas e discussões e à construção de novos caminhos e conhecimentos. E também a própria destruição e reconstrução de muitas convicções que não dão mais conta de explicar o enredamento das relações sociais da atualidade. Um professor que não questiona a sua prática, na maioria das vezes, desempenha um papel que não atende praticamente nenhum dos interesses dos estudantes da sociedade atual. Faz-se necessário ao docente o desenvolvimento dos saberes a ensinar, dos saberes para ensinar e ainda os saberes do aprender (CAIMI, 2015)

para que se priorize além de questões importantes no âmbito social, econômico, politico e cultural, aquelas que fazem referência aos próprios sujeitos da história.

> Ao fim e ao cabo, a escola precisa contar com professores que conheçam bem sua disciplina e que saibam comunicá-la aos jovens, para fazê-los pensar historicamente. Dentre os desafios essencialmente relevantes que conformam a história escolar, podemos enumerar, sinteticamente, as tarefas de interrogar os distintos contextos contemporâneos em uma perspectiva, de interpretar esses contextos com o aporte da metodologia histórica e de construir a consciência cidadã sob a perspectiva da história. (CAIMI, 2015, p.122).

Como produto dessa dissertação apresentamos uma sequência didática, para uso dos professores com os alunos de Ensino Médio, podendo ser adaptada para outras séries/ turmas da Educação Básica. O material contém orientações didáticas para o trabalho da literatura como fonte histórica, nesse caso a vida e obra de Carolina Maria de Jesus. A sequência didática se encontra no anexo do presente trabalho e apresenta um conjunto de orientações e sugestões aos docentes que possibilitam a construção de saberes históricos juntos aos estudantes. A construção da sequencia didática se deu pensando na literatura como fonte histórica.

A literatura ocupa espaços de criação e poder ser percebida em vários níveis, como por exemplo: o espaço social, o político, o econômico e particularmente o histórico. Para além desses espaços podemos perceber a literatura no seu campo simbólico, artístico e linguístico. É na literatura que encontramos uma profusão de personagens com os quais nos identificamos heróis e anti-heróis; alguns vivendo de expedientes e artimanhas que são alternativas para fugir do sistema opressor. Ao pesquisador no campo da História caberá interrogar, contextualizar e deslindar a multiplicidade de recriações que se evidenciam nas classes populares. Estudá-los é estar aberto às possibilidades e se desembaraçar de conceitos envelhecidos e pré-conceitos; ignorar as criações das classes populares é fazê-las parecerem desprovidas de saberes.

Para tanto, uma vez definido a literatura como fonte documental para a pesquisa, buscamos dentro da temática, estabelecer objeto e objetivos. Neste caso, consideramos a reflexão acima mencionada, ou seja, alinhar a prática pedagógica ao público ao qual ela será direcionada e nossa escolha recaiu sobre a vida e obra de Carolina Maria de Jesus, “Quarto de

despejo: diário de uma favelada". Entendemos que a literatura da autora tem a singularidade de assegurar compreensão e memorização, pois, apesar de escrita e impressa possui na maneira por meio da qual se constrói a narrativa, são procedimentos próprios da oralidade. Buscamos, portanto, problematizar os temas a cada etapa ao mesmo tempo em que, sugeríamos atividades em continuidade ao processo de ensino aprendizagem. Sempre procuramos dar ênfase ao protagonismo dos alunos na construção de seus próprios saberes.

O trabalho desenvolvido com as duas turmas do terceiro ano do Ensino Médio, dos colégios estaduais Antônio Dorigon e Arroio Grande, possibilitaram a experiência de refletir sobre a minha prática pedagógica, amparada nas discussões e debates que o mestrado em Ensino de História – PROFHISTÓRIA proporcionou. Acredito que posso até dizer uma nova prática pedagógica repleta de novas observações, abordagens e amparada em uma dinâmica mais consciente para cada uma das ações e objetivos. Os alunos conheceram Carolina Maria de Jesus e participaram de discussões em torno do racismo, desigualdade social, violência contra a mulher, e ainda puderam através do exemplo de Carolina, pensar na superação, respeito a diversidade e às diferentes identidades étnicas e sociais.

No entanto, a diferença entre as expectativas e a realidade da aplicação do procedimento foi um tanto quanto desafiador. Nossa dificuldade com relação à precariedade do sistema de ensino público brasileiro, e as questões burocráticas foram fatores que contribuíram para a adaptação do que havia sido teorizado e levou a redução do tempo dedicado aos conteúdos, assim como os recursos materiais. Mas a essência foi mantida naquilo que havíamos planejado.

Nesse sentido, os resultados ficaram dentro do esperado. Houve uma boa participação dos alunos, nos debates, nas discussões e nas produções, sempre significativas na aplicação da sequência didática. Através do uso das fontes literárias para o ensino de história, pudemos contribuir para a formação de sujeitos históricos, pois acreditamos que o papel do professor é mais que cumprir um currículo pré-estabelecido, mas poder debater, conversar e através de histórias como a de Carolina Maria de Jesus corroborar na luta contra o racismo, o preconceito, contra a violência e a intolerância, avançando assim na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

ABUD, Katia Maria; SILVA, André Chaves de Melo Silva; ALVES, Ronaldo Cardoso. **Ensino de história.** São Paulo: Cengage Learning, 2013 – (Coleção ideias em ação).

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história? In: GONÇALVES, Márcia de Almeida... [et al.]. **Qual valor da história hoje?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012. pp. 21-39.

ARRUDA, Aline Alves; BARROCA, Iara Christina Silva; TOLENTINO, Luana; MARRECO, Maria Inês (orgs). **Memorialismo e resistência: estudos sobre Carolina Maria de Jesus.** Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

AZEREDO, Edson Guimarães de. **As muitas vidas e identidades de Carolina Maria de Jesus: o uso do biográfico e do autobiográfico no ensino das relações étnico raciais.** Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História. Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ UFRJ. Área de concentração: Ensino de História. São Gonçalo. 111 páginas, 2018. <Disponível em: https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/432029/2/Edson%20Azeredo.pdf> acesso em 22 de junho de 2020.

BARBOSA, Alexandre R. F. **A narrativa como ensaio para aprendizagem da História: arte e ficção na constituição do tempo e de si**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

BARBOSA, Alexandre (Org.) **Como Usar as Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula.** São Paulo: Contexto, 2014.

BARBOSA Sirlene; PINHEIRO, João. **Carolina.** História em Quadrinhos. HQ. Pesquisas e argumento de Sirlene Barbosa e desenhos de João Pinheiro. São Paulo: Editora Veneta, 2018.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e Métodos**. 4 ed. São Paulo: Cortez. 2011.

BODEI, Remo. **A História tem um sentido?** Tradução: Reginaldo Di Piero. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

BRULON, Vanessa & PECI, Alketa. **Entre consensos e discordâncias: estratégias de legitimação no campo burocrático do Estado em ação nas favelas**. 2019. Disponível em:<https://www.scielo.br/pdf/cebape/v17n3/1679-3951-cebape-17-03-474.pdf> acesso em 22 de junho de 2020.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929- 1989): A revolução francesa da historiografia.** Tradução: Nilo Odalia. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.

CAIMI, Flávia Eloisa. **História escolar e memória coletiva: como se ensina? Como se aprende**. In: MAGALHÃES, Marcelo; ROCHA, Helenice; GONTIJO, Rebeca. (org). A escrita da história escolar: memória e historiografia. 1ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p.65-79.

_____. **O que precisa saber um professor de História?** História & Ensino, Londrina, v. 21, n. 2, p. 105-124, jul./dez. 2015. Disponível em: < http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/23853> Acesso em 01/07/2020.

CANDAU, Joel. O Jogo Social da Memória e da Identidade. In: _____. **Memória e Identidade**. São Paulo, Contexto, 2011.

CARVALHO, Raul Costa. **Ensino de História, Cotidiano e Literatura: Escravidão e paternalismo nos contos de Machado de Assis.** 2016/ 132f dissertação de Mestrado em Ensino de História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências humanas. Porto Alegre, 2016.

CASTRO, Eliana de Moura; MACHADO, Marília Novais da Mata. **Muito bem, Carolina!** Belo Horizonte: C/Arte, 2007.

CERTEAU, M. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CERRI, Luiz Fernando. **Ensino de história e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

CHERVEL, A**. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa**. In: *Teoria e Educação*, 2, 1990.

EVARISTO, Conceição. **Da representação a auto representação da mulher negra da mulher negra na literatura brasileira.** Revista Palmares: cultura afro-brasileira, Brasília, ano 1, n. 1, ago. 2005. p.54.

_____. **Literatura negra: uma poética de nossa afro brasilidade**. Revista Scripta, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

FARIAS, Tom. **Carolina: uma biografia**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil.** São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado, 2001.

Boris Fausto: FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930: historiografia e história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org). O historiador e suas fontes. São Paulo. Editora Contexto, 2009.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de Ensino de História.** Campinas, SP: editora Papirus, 2003.

GALVÃO, Jerônimo A. P. C. **Biografia na Sala de Aula: a construção de saberes históricos a partir do trabalho com histórias de vida.** 2018/ 2019. 140 f. dissertação de Mestrado em Ensino de História. Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco (UFP). Recife, 2019.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento Negro Educacional. Saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUIMARÃES, Marcella Lopes. **Capítulos de História: o trabalho com fontes**. Curitiba: Aymará Educação, 2012.

GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática de ensino de História: Experiências, reflexões e aprendizados**. – 13ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada**. Rio de Janeiro: Editora Paulo Azevedo LTDA, 1961.

_____. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10ª ed. - São Paulo: Ática, 2014.

_____. **Diário de Bitita**. São Paulo: SESI- SP editora, 2014.

KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas.** 3ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

LAJOLO, Marisa. **"Poesia no quarto de despejo, ou um ramo de rosas para Carolina"**. In: MEIHY, José Carlos Sebe (Org.). Antologia pessoal. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. p. 37- 61.

LEVINE, Robert M.; MEIHY, José Carlos Sebe. **Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus.** Sacramento MG: Editora Bertolucci, 2015. 2ª Edição.

OLIVEIRA, Cristiane Reis Mattos de. **Contos da África Lusófona: Fontes literárias para o ensino de história.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-graduação em Ensino de História. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/ UFRJ. Rio de Janeiro, 76 páginas, 2018. <Disponível em: http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/12700> acesso em 25 de junho de 2020.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2004.

_____. **História e literatura:** uma velha nova história. Nuevo Mundo, Mundos Nuevos, Debates, 2006. <Disponível em: http://nuevomundo.revies.org/index1560.html> acesso em 22 de junho de 2020.

PILAR, Luiz Antonio. **O papel e o mar.** Lapidar produções, 2010.

PINTO, Júlio Pimentel; TURAZZI, Maria Inez. **Ensino de História: diálogos com a literatura e a fotografia.** São Paulo: Moderna, 2012.

PINSKY, Jaime.; PINSKY, Carla. **Por uma história prazerosa e consequente.** In: KARNAL, Leandro (Org.). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. 3. ed. São Paulo: Contextos, 2018.

REIS, José Carlos**. Escola dos Annales: a inovação em história.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica.** Brasília: UnB, 2001.

_____. **História viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico**. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília, editora da UnB, 2007.

SALVADORI, Maria Ângela Borges. **História, Ensino e Patrimônio**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin Editores, 2010.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Literacia Histórica: um desafio para a educação histórica no século XXI**. História & Ensino, Londrina, vol. 15, p. 9-22, ago. 2009.

_____; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (org.). **Jörn Rüsen e o ensino de história.** Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

_____; BARCA, Isabel; URBAN, Ana Cláudia (Org). **Passados possíveis: a educação histórica em debate.** Ijuí: Unijuí, 2014.

SILVA, Eliane da Conceição. **A Representação da Mulher em Carolina Maria de Jesus: Entre o Estereótipo e a escrita de si**. In: ARRUDA, A. A.; (et all) (Orgs.). Memorialismo e Resistência. Estudos sobre Carolina Maria de Jesus. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. **Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira lata**. Vinhedo: Horizonte, 2012.

SOUZA, Tito, E. S. & GOMES, Isaltina M. A. M. **QUARTO DE DESPEJO: AS PÁGINAS AMARELAS DO DIÁRIO DE CAROLINA MARIA DE JESUS.** Revista Literatura em Debate, v. 9, n. 17, p. 66-79, dez. 2019.. Disponível em: < http://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/view/1663/2019> Acesso em: maio de 2020.

TASCHNER, S. Pasternak. **Moradia da pobreza: habitação em saúde.** Tese em Saúde Pública – USP. São Paulo. 386 páginas, 1982. Disponível em:<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6132/tde-04012018 173054/publico/DR_170_Taschner_1982_v2.pdf> acesso em 20 de junho 2020.

TOLEDO, Cristiane Vieira Soares. **Carolina Maria de Jesus: a escrita de si.** *Lêtronica*, vol.3, n.1, p. 247-257; Porto Alegre, julho de 2010.

TOLEDO, Rilza Rodrigues. **Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus: Resgate da Memória e Construção da Identidade.** In: ARRUDA, A. A.; (et all) (Orgs.). Memorialismo e Resistência. Estudos sobre Carolina Maria de Jesus. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

VIANA Lucialene D. S. **Fontes Literárias e a Construção de Saberes Históricos: uma proposta didático-pedagógica no ensino de história**. 2017. Dissertação Mestrado Profissional em Ensino de História– Universidade federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína, 2017.

ZOLIN, Lucia Osana. **Questões de gênero e de representação na contemporaneidade.** Revista Letras Santa Maria, v. 20, n. 41, p. 183-195, 2010.

APÊNDICE

A LITERATURA E O ENSINO DE HISTÓRIA:

Carolina Maria de Jesus o “Quarto de despejo” (1960)

Sequência didática/ Material do professor

Material produzido para o Curso Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, Campus de Campo Mourão.

Autora: Andréia Aparecida dos Santos

Orientadora: Dra. Eulália Maria A de Moraes

Caro (a) Professor (a)

Elaboramos esse material com o objetivo de apontar possibilidades práticas de utilização da literatura em sala de aula, através da obra "Quarto de despejo: diário de uma favelada" de Carolina Maria de Jesus, construindo caminhos que permitam a formulação de orientações didáticas com obras literárias. Um material voltado para os professores e que traz sugestões de trabalho nesse campo temático (história e literatura) para a sala de aula. A sequência didática, é por nós entendida como um instrumento que pode e deve colocar à disposição do docente uma certa variedade de ações educativas que posssibilitem tratar a literatura como fonte histórica e recurso didático, com autonomia.

Ao pensar nas atividades para a sequência didática, analisando nosso objeto, Carolina Maria de Jesus, além de questões já abordadas ao longo desse estudo, pensando na sua condição de mulher, negra e favelada que, ao publicar em 1960, seu livro autobiográfico, escreve de maneira apropriada sobre o racismo presente nas relações sociais de seu tempo, mas que poderiam ser ampliadas para analisar a sociedade brasileira atual. A autora partir de sua narrativa nos permite um entrever de sua vida de mulher, negra, moradora da favela e inserida num contexto de desigualdade social, de exclusão de direitos civis, politicos e sociaia. Sendo assim, ao relatar o racismo em seu texto, Carolina se coloca como narradora das dificuldades vividas por tantos e tantos afrodescendentes que se vivem situações analogas.

Optamos por trazer também nesse material algumas discussões pertinentes ao fazer historiográfico (uma síntese da discussão realizada no primeiro e segundo capítulos da dissertação) e oferecemos aportunidades e possibilidades de trabalhar com história e literatura, procurando estimular a produção de conhecimento histórico pelo educando, através da apresentação de sugestões de atividades, textos e reflexões.

Boa leitura e bom trabalho!

Andréia Apª dos Santos

Professora de História

1. Literatura e o ensino de História

Para que serve a história? Qual sua utilidade? Por que estudar o passado? Esses entre tantos outros questionamentos permeiam o cotidiano de um professor de história, pois somos constantemente indagados sobre a utilidade da nossa disciplina. Enquanto professora de história da rede pública, além da pergunta "Para que serve a história?", outras questões têm propiciado o repensar de minha prática pedagógica. Entre elas, destaco: "Como ensinar história aos meus alunos?". Nas discussões relacionadas ao ensino de História, uma das questões que constantemente vêm à tona é a relação do conhecimento histórico acadêmico com o ensino de História. Durante muito tempo o trabalho do professor foi visto apenas como o de um transmissor de conhecimento produzido pela Academia. A História ensinada era vista por muitos como um subproduto, uma adaptação simplificadora da História acadêmica.

Muitos estudiosos têm se preocupado com a questão da finalidade do ensinar e aprender história na educação básica. A autora Flávia Eloísa Caimi em seu texto "História escolar e memória coletiva: como se ensina? Como se aprende?", Nos leva a refletir sobre a especificidade da história escolar e sua finalidade no processo formativo dos alunos que frequentam a escola, onde muitas vezes o professor agrega técnicas e recursos pedagógicos de forma superficial e dessa forma "…, não se desestrutura a perspectiva cronológica linear, verbalista, memorística, de verdades prontas e acabadas que tem sido característica central da história ensinada" (CAIMI, 2009, p.67).

Diante disso, é urgente discutir questões relacionadas à prática docente, considerando nosso aluno enquanto sujeito e focando em uma aprendizagem significativa que contemple a dimensão construtiva do saber, pensando no ensino de história como um instrumento para a emancipação individual e coletiva.

Com relação à prática docente é pertinente citar o estudo de Durval Muniz de Albuquerque Júnior "Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história" (2012), onde o autor afirma que a partir das várias mudanças no processo histórico e de transformações paradigmáticas no campo do conhecimento, se faz necessário refletir sobre para que serve a história e que utilidades sociais podem ter a produção e o ensino do saber histórico nos dias atuais. O autor apresenta várias ponderações sobre as funções da história, dentre as quais destacamos que a história tem a importante função de "desnaturalizar o tempo presente", de diferencia-lo em relação ao passado e ao futuro, para que o ser do presente se perceba como parte de um processo marcado por rupturas e descontinuidades, mas também

por continuidades e permanências. “A história possui, assim, essa função lúdica de brincarmos de sair do presente, de tentarmos imaginar como viviam como sentiam como pensavam os homens e mulheres do passado” (ALBUQUERQUE, 2012, p. 31).

Pensando no nosso papel enquanto professores da educação básica, considero muito pertinente a ponderação de Albuquerque sobre a utilidade da história em produzir o artefato mais complexo e mais importante da vida social – o próprio ser humano:

> Quando, muitas vezes, somos interpelados com certo ar de desprezo sobre para que serve o que ensinamos e o que escrevemos, devemos responder que a história serve para produzir subjetividades humanas, para humanizar, para construir e edificar pessoas, para lapidar e esmerilhar espíritos, para fazer de um animal um erudito, um sábio, um ser não apenas formado, mas informado, de um ser sensível fazer um ser sensibilizado. Fabricar pessoas no mundo de hoje, como em tantas outras épocas, não é tarefa das mais fáceis. (ALBUQUERQUE, 2012, p.31).

A partir dessas considerações e como professora de história da Educação básica, há doze anos, por inúmeras vezes me questionei e fui questionada quanto à finalidade da minha disciplina, via- me tão imersa no cotidiano da sala de aula e tão longe das discussões acadêmicas, tinha a sensação de que precisava de novos desafios. Foi então que fui convidada por uma amiga e colega de profissão a participar do processo de seleção para o Mestrado profissional em Ensino de História – PROFHISTORIA, fui aprovada e entrei na turma de 2018, na Unespar, em Campo Mourão, foi uma experiência única em minha vida profissional e pessoal, sou imensamente grata a todos que compartilharam comigo essa experiência, uma realidade que parecia tão longe inicialmente, mostrou- se possível e gratificante. O mestrado me proporcionou compartilhar experiências com colegas de profissão e uma aproximação entre a teoria da história em processo de reflexão didática e prática cotidiana de ensino.

Carolina Maria de Jesus pertenceu a um meio que a excluiu por não ser letrada e não conseguiu se encaixar numa sociedade de valores culturais pautados pela erudição, foi mulher de muita fibra, com plena consciência racial e social. É uma escritora especial não só pelo que escreveu, mas pela forma como o fez. Ela não teve medo de expor e também de sustentar sua fala, por vezes desvalorizada, e sua obra sempre contou com uma aliada, a verdade marginal, ou seja, a narrativa de um cotidiano conflituoso com os vizinhos moradores da favela Canindé em contraste com o restante da sociedade conforme ela mesma organiza ao definir o seu lugar social como ‘quarto de despejo’. A autora de “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada”

fez literatura de negros, escritura feminista, provou a opressão social e a negligência dos direitos humanos, colocou-se como exemplo vivo da diferença (TOLEDO, 2010).

Vivemos na era da informação e da comunicação, somos bombardeados constantemente com notícias das mais diversas áreas e assim, nossos alunos trazem muita informação para a sala de aula. Contudo, poucos sabem filtrar esse saber, pois não estão habituados a desenvolver o senso crítico e a capacidade interpretativa e questionadora dos fatos e acontecimentos. O ensino de História é alvo de críticas por parte dos alunos no Ensino Fundamental e Médio, no que diz respeito à sua finalidade: com algumas exceções, percebemos uma grande apatia em nossos alunos. Além disso**,** compreendemos que, por ser um conhecimento permeado de subjetividade, o saber histórico, para assumir um sentido prático, voltado para a realidade de nossos alunos, necessita que os sujeitos envolvidos no seu processo de ensino aprendizagem exercitem habilidades como a de interpretar, analisar, associar, comparar, reconhecer, selecionar e avaliar.

Assim, acreditamos ser de extrema importância a reflexão contínua por parte do professor de História no que se refere à sua prática pedagógica. Nesse sentido é pertinente citar a obra organizada por Leandro Karnal "História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas" (2018), que traz contribuições de especialistas em diversos recortes históricos e que apresentam contribuições significativas para o problema da renovação do enfoque da História. Leandro Karnal, na introdução da referida obra, aponta que o ofício do professor é permeado por mudanças e permanências, o "fazer histórico" é transformado pelas mudanças sociais, debate metodológico, surgimento de novas documentações, novas pesquisas e descobertas arqueológicas; e da mesma forma a "ação pedagógica" muda, porque mudam os envolvidos (professores, alunos, escola), sendo necessário assim pensar na renovação do ensino de História, "Nós professores, precisamos ter cada vez mais consciência de que qualquer prática em sala nasce de uma concepção teórica" (KARNAL, 2018, p. 9).

O uso de textos de literatura é muito comum nas aulas de história e em quase todos os livros didáticos há propostas de trabalhos que se dispõem a trazer textos literários para contribuir com o aprendizado escolar. Também são comuns em nossas escolas os trabalhos que integram história e língua portuguesa, em atividades transdisciplinares o que contribui para demonstrar que o conhecimento não é limitado pelas barreiras de uma disciplina e assim tornar o aprendizado mais significativo.

No entanto, temos que tomar alguns cuidados, com o diálogo entre história e literatura, pois para além das proximidades e semelhanças, a história e a ficção têm compromissos distintos:

> Da ficção se espera o uso sistemático da imaginação e, em boa parte dos casos, um compromisso com a verossimilhança; da história se pretende o trabalho com a verdade, mesmo que saibamos que essa verdade não é plena, total ou definitiva, mas aquela possível num dado momento e em função da documentação disponível. (PINTO; TURAZZI, 2012, p. 14).

É o que pode acontecer quando, por exemplo, utilizamos a literatura de forma simplista, apenas para ilustrar uma determinada discussão ou certo período histórico. Ou ao contrário, quando recorremos à história de forma instrumental para buscar dados que ajudem a esclarecer o texto ficcional. Assim, não se está estabelecendo um diálogo de fato entre história e ficção. Nesse sentido é que acreditamos na necessidade de examinar com mais cuidados a discussão sobre os vínculos e interações possíveis entre essas narrativas. Buscamos, em nossa pesquisa, além de colaborar com tal discussão, oferecer um recurso didático que facilite e amplie o uso de textos literários nas aulas de história.

Nos dias de hoje, na sociedade em que vivemos, temos acesso aos meios tecnológicos e ferramentas cada vez mais eficazes para a transmissão de informações com variados níveis de complexidade para iniciantes ou conhecedores dos estudos das possibilidades da Tecnologia da Internet (T.I.). A leitura de narrativas textuais ou visuais vive uma transformação sem precedentes. Assim coloca-se um desafio para os professores de história: "Como lidar com a infinidade de informações disponíveis graças à internet sem perder de vista que a grande rede também representa apenas uma 'parte do saber', mas não o saber em si"? Acreditamos no papel do professor como aquele que promove o diálogo e a interatividade com os alunos, formulando problemas, provocando situações, incentivando percursos, mobilizando experiências, enfim ajudando a compreender e interpretar o mundo em vivemos:

> Os professores tornam-se professores de História aprendendo e ensinando, relacionando-se com o mundo, com os sujeitos, com os saberes e com a história. Formação e prática não são atividades distintas para os professores. Ensinar é confrontar-se, cotidianamente, com a heterogeneidade e partilhar saberes. Assim, por caminhos distintos, movidos por visões teóricas e políticas, o papel do professor de História é contribuir para formar o cidadão. (GUIMARÃES, 2012. p. 115).

Após a publicação de “Quarto de despejo” em 1960, Carolina Maria de Jesus deixa de ser a desconhecida “favelada, catadora de papel” para viver seu sonho de escritora famosa. Como seu livro principal, a obra se posiciona nesta pesquisa como o “carro chefe”, e nos permitirá adentrar neste universo espaço/ temporal periférico. O livro, uma vez publicado “foi editado oito vezes, em tiragens de 10 mil exemplares cada”. Contudo, no ano seguinte (1961), a obra no Brasil se tornara descartável, “carta fora do baralho”. Conforme afirmaria a autora mais tarde, a curiosidade com a qual foi recebido no Brasil a sua obra variou de “artigo de consumo” ao descarte de moda passageira. Hoje, sabemos que há mais que descarte de moda passageira na obra de Carolina Maria de Jesus. No exterior ocorre um fenômeno inverso, pois as traduções da obra ganham novas geopolíticas, inicialmente Holanda, Dinamarca e na segunda metade da década de 1960 as publicações já foram traduzidas em 14 idiomas (CASTRO, 2007, p. 11).

Os pesquisadores da obra de Carolina Maria de Jesus são unânimes em reconhecer que “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” escancara, para sempre, a porta do quarto de despejo do Brasil. Desconstrói-se “a imagem romântica de alguns músicos e intelectuais sobre esse espaço”. Denuncia-se um descaso do poder público para com os pobres, em especial de um componente social afrodescendentes vivendo literalmente às margens, vivendo uma periferia que, na linha temporal, ainda está muito próxima do passado escravista – depois de séculos de escravidão as periferias urbanas do Brasil República exibiam a paisagem dos cortiços, daquilo que chegaria até nossos dias como uma precariedade de moradia humana e que receberia o nome de favelas.

Em 2014, depois de décadas de silenciamento – no ano do centenário de seu nascimento – Carolina Maria de Jesus volta à cena cultural brasileira. Aquela que viveu a ousadia de contrariar um contexto político, cultural, econômico e social excludente e foi silenciada é escritora que tem sido abordado sobre diferentes olhares: a cultura elitista e academicista, sua postura polêmica, valendo-lhe o apelido de “língua de fogo” e a sua posição literária, sem compromisso com a abstração, criam impedimento para a continuidade de sua atuação, assim Carolina Maria de Jesus com o Golpe Civil Militar de 1964, sai de cena. Nada mais destoante do que no auge do “Milagre Econômico” as confissões de uma favelada. A autora de “Quarto de Despejo” fazia literatura de negros, escritura feminista, comprovava a opressão social e a negligência dos direitos humanos, colocando-se como exemplo vivo da diferença (TOLEDO, 2010).

É impossível negar a importância, sempre atual, do ensino de história frente ao contexto histórico, social e político em que vivemos. Os autores Jaime e Carla Pinsky no texto

“Por uma história prazerosa e consequente”, apontam que o grande desafio que se apresenta neste novo milênio é adequar nosso olhar às exigências do mundo real. Afirmam que “é preciso, nesse momento, mostrar que é possível desenvolver uma prática de ensino de História adequada aos novos tempos (e alunos): rica de conteúdo, socialmente responsável e sem ingenuidade ou nostalgia” (PINSKY, 2018, p. 19). O professor não pode na busca de “dar conta de todo o conteúdo”, deixar de lado questões sociais e culturais (desigualdades sociais, raciais, sexuais, diferenças culturais), pois acreditamos que o passado deve ser interrogado a partir de questões que nos inquietam no presente. Assim devemos priorizar um ensino de História onde,

> Nosso aluno, cada aluno, tem de se perceber como um ser social, alguém que vive numa determinada época, num determinado país ou região, oriundo de determinada classe social, contemporâneo de determinados acontecimentos (…). Quanto mais o aluno sentir a História como algo próximo dele, mais terá vontade de interagir com ela, não como uma coisa externa, distante, mas como uma prática que ele se sentirá qualificado e inclinado a exercer. (PINSKY, 2018, p. 26).

O professor no seu cotidiano profissional “incorpora noções, representações, linguagens do mundo vivido fora da escola, na família, no trabalho, nos espaços de lazer, na mídia e etc. A formação do aluno/cidadão se inicia e se processa ao longo de sua vida” (FONSECA, 2003, p. 164). Desta forma, tudo que o cerca cotidianamente, como as experiências culturais, as diversas linguagens e os processos de vida que vão desde o trabalho aos espaços de convívio e lazer, são responsáveis pela formação de seus pensamentos e valores. A literatura, o cinema, a música, as tradições que o cercam são parte do ensino-aprendizagem que, hoje sabemos, não estão confinados no espaço escolar unicamente.

Assim sendo, ao oportunizar aos alunos a visão da História como um conhecimento construído por intermédio de um método, levando-os ao entendimento de questões referentes ao caráter subjetivo do ofício do historiador, está se potencializando a construção de um saber histórico que identifica o passado como algo repleto de significados em um presente. Afinal, acreditamos que essas reflexões podem levar os alunos à percepção de que são os nossos interesses que dirigem nossa compreensão histórica e, esta, por sua vez, permite que nos orientemos, no tempo.

2. Carolina Maria de Jesus e a obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada” (1960)

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento (MG) no ano de 1914 e representa, no contexto da produção literária brasileira, uma convergência valiosa de condições de ‘impossibilidades’ para uma carreira literária: é uma mulher negra, semialfabetizada, favelada, mãe solteira. A sua obra não se resume aos diários publicados, às versões organizadas pelo jornalista Audálio Dantas: Quarto de Despejo – o diário de uma favelada (1960), e Casa de Alvenaria, diário de uma ex-favelada (1961). Além desses dois títulos, que projetaram o nome de Carolina Maria de Jesus dentro e fora do Brasil em apenas dois anos, a escritora publicou por sua conta Pedaços da Fome e Provérbios (1963). Após mais de uma década no esquecimento, seu nome reaparece na capa de um livro, Diário de Bitita (1986), após a morte da escritora. Antes de ser revelada ao público, Carolina já havia tentado chamar a atenção de editores para os seus escritos: poemas, crônicas, contos, máximas e romance. Seu diário, por outro lado, chamou a atenção do público leitor da época por permitir uma visão "de baixo" das condições sociais do Brasil em plena década do desenvolvimentismo[22].

Carolina Maria de Jesus pertenceu a um meio que a excluiu por não ser letrada e não conseguiu se encaixar numa sociedade de valores culturais pautados pela erudição, foi mulher de muita fibra, com plena consciência racial e social. É uma escritora especial não só pelo que escreveu, mas pela forma como o fez. Ela não teve medo de expor e também de sustentar sua fala, por vezes desvalorizada, e sua obra sempre contou com uma aliada, a verdade marginal, ou seja, a narrativa de um cotidiano conflituoso com os vizinhos moradores da favela Canindé em contraste com o restante da sociedade conforme ela mesma organiza ao definir o seu lugar social como ‘quarto de despejo’. A autora de “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada” fez literatura de negros, escritura feminista, provou a opressão social e a negligência dos direitos humanos, colocou-se como exemplo vivo da diferença (TOLEDO, 2010).

“Quarto de Despejo: diário de uma favelada” (1960) consiste em um compilado de diários editados por Audálio Dantas que foram escritos por Carolina Maria de Jesus de maneira intermitente ao longo de cinco anos (entre 1955-1960). Com a descoberta de seus manuscritos em 1958, em 1960 publica-se a obra que, na noite de autógrafos vendeu 600 livros.

[22] Sugerimos uma visita ao portal biobibliográfico Vida por escrito, reúne informações sobre a vida e obra de Carolina Maria de Jesus e é parte do projeto "Vida por Escrito - Organização, classificação e preparação do inventário da obra de Carolina Maria de Jesus", contemplado pelo Edital Prêmio Funarte de Arte Negra, categoria Memória, em 2013. https://www.vidaporescrito.com/

Carolina recebeu homenagens acadêmicas no Brasil e em 1961 viajou para a Argentina onde foi agraciada com a "Orden Caballero Del Tornillo". A perspectiva da obra literária é de quem vive a realidade de favelado cotidianamente: uma catadora de papel que só teve acesso ao segundo ano do ensino fundamental. O espaço/ temporal da obra é a primeira grande favela de São Paulo dos anos de 1960: Canindé. Em meados dos anos 1960, o local foi desocupado para a construção da Marginal Tietê. Mas, enquanto existiu Canindé, este foi o cenário que bafejou e inspirou a autora como uma "amarga realidade dos favelados na década de 1950", e por ela é relatado "os costumes de seus habitantes, a violência, a miséria, a fome, as dificuldades para se obter comida" (JESUS, 2014, p. 05). O seu livro foi traduzido para outros 13 idiomas e segue denunciando uma realidade perversa, cruel e atual, pois a temática encerra problemas presentes, ainda hoje, em muitas regiões urbanas do país. Trata-se de condição que não afeta somente a identidade de um sujeito, mas a identidade coletiva do humano genérico.

Após a publicação de "Quarto de despejo: diário de uma favelada" em 1960, Carolina Maria de Jesus deixa de ser a desconhecida "favelada, catadora de papel" para viver seu sonho de escritora famosa. Seu livro principal, "Quarto de Despejo", obra que se posiciona nesta pesquisa como o "carro chefe" nos permitirá adentrar neste universo espaço/ temporal periférico. O livro, uma vez publicado "foi editado oito vezes, em tiragens de 10 mil exemplares cada". Contudo, no ano seguinte (1961), a obra no Brasil, se tornara descartável, "carta fora do baralho". Conforme afirmaria a autora mais tarde, a curiosidade com a qual foi recebido no Brasil a sua obra variou de "artigo de consumo" ao descarte de moda passageira. Hoje, sabemos que há mais que descarte de moda passageira na obra de Carolina Maria de Jesus, sobre este assunto retomaremos. No exterior ocorre um fenômeno inverso, pois as traduções da obra ganham novas geopolíticas, inicialmente Holanda, Dinamarca e na segunda metade da década de 1960 as publicações já foram traduzidas em 14 idiomas (CASTRO, 2007, p. 11).

A escolha da referida obra de Carolina Maria de Jesus, como objeto de pesquisa, justifica-se desde a sua apresentação com o subtítulo "Favela, o quarto de despejo de uma cidade". A perspectiva da obra literária é de quem vive a realidade de favelado cotidianamente: uma catadora de papel que só teve acesso ao segundo ano do ensino fundamental. O espaço/temporal da obra é a primeira grande favela de São Paulo dos anos de 1960: Canindé – favela que foi desativada para a construção da marginal do Tietê[23] –, é no

[23]Atualmente a Avenida Marginal Tietê (oficialmente denominada SP-15 ou Rod. Professor Simão Faiguenboim) é um conjunto de avenidas e uma rodovia longitudinal que transformam-se fisicamente em apenas uma e que margeiam o rio Tietê, na cidade de São Paulo, no Brasil.

cenário que margeia o rio Tietê que a autora, bafejada pela "amarga realidade dos favelados na década de 1950" relata um cotidiano repassado de crueza onde "os costumes de seus habitantes, a violência, a miséria, a fome, as dificuldades para se obter comida" é uma constante (JESUS, 2014, p. 05).

Os pesquisadores de Carolina Maria de Jesus são unânimes em reconhecer que a obra "Quarto de Despejo: diário de uma favelada" escancara, para sempre, a porta do quarto de despejo do Brasil. Desconstrói-se "a imagem romântica de alguns músicos e intelectuais sobre esse espaço". Denuncia-se um descaso do poder público para com os pobres, em especial de um componente social afrodescendentes vivendo literalmente às margens, vivendo uma periferia que na linha temporal, ainda está muito próxima do passado escravista – depois de séculos de escravidão as periferias urbanas do Brasil República exibiam a paisagem dos cortiços, daquilo que chegaria até nossos dias como uma precariedade de moradia humana e que receberia o nome de favelas.

TRABALHANDO COM CAROLINA MARIA DE JESUS

Em 2014, depois de décadas de silenciamento – no ano do centenário de seu nascimento – Carolina Maria de Jesus volta à cena cultural brasileira. Aquela que viveu a ousadia de contrariar um contexto político, cultural, econômico e social excludente e foi silenciada é escritora que tem sido abordado sob diferentes fatores, como seja: a cultura elitista e academicista, a sua postura polêmica, valendo-lhe o apelido de "língua de fogo". A sua postura literária, sem compromisso com a abstração criam impedimento para a continuidade de sua atuação, assim Carolina Maria de Jesus com o Golpe Civil – Militar de 1964 sai de cena. Nada mais destoante do que no auge do "Milagre Econômico" as confissões de uma favelada. A autora de "Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada" fazia literatura de negros, escritura feminista, comprovava a opressão social e a negligência dos direitos humanos, colocando-se como exemplo vivo da diferença (TOLEDO, 2010).

OFICINA 1 - PRECONCEITO CONTRA A MULHER NEGRA

Buscamos com essa oficina resgatar a história de algumas mulheres negras a partir de suas biografias. Entre estas enfatizar que Carolina Maria de Jesus será nossa agente principal, pois através de sua biografia as demais oficinas vão continuar a problematizar essas relações em nossa sociedade, no tempo de vida de Carolina e nos dias atuais. Nosso objetivo a partir das atividades propostas motivar os alunos a refletirem sobre as razões sócio- históricas que condicionaram a invisibilidade de determinadas mulheres negra na história do Brasil, apresentando, o protagonismo por elas exercido em suas ações sociais, políticas e culturais, em diferentes conjunturas históricas.

ATIVIDADE 1:

Apresentar imagens de mulheres negras - com pequenas biografias das mesmas. Abaixo sugerimos algumas:

CAROLINA MARIA DE JESUS

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento-MG, em 14 de março de 1914, filha de negros que migraram para a cidade no início das atividades pecuárias na região. Oriunda de família muito humilde, a autora estudou pouco. No início de 1923, foi matriculada no colégio Allan Kardec – primeira escola espírita do Brasil –, na qual crianças pobres eram mantidas por pessoas influentes da sociedade. Lá estudou por dois anos, sustentada pela Sra. Maria Leite Monteiro de Barros, para quem a mãe de Carolina trabalhava como lavadeira.

Mudou-se para São Paulo em 1947, quando a cidade iniciava seu processo de modernização e assistia ao surgimento das primeiras favelas. Carolina e seus três filhos – João José de Jesus, José Carlos de Jesus e Vera Eunice de Jesus Lima – residiram por um bom tempo na favela do Canindé. Sozinha, vivia de catar papéis, ferros e outros materiais recicláveis nas ruas da cidade, vindo desse ofício a sua única fonte de renda. Leitora voraz de livros e de tudo o que lhe caía nas mãos, logo tomou o hábito de escrever. E assim iniciou sua trajetória de memorialista passando a registrar o cotidiano do "quarto de despejo" da capital nos cadernos que recolhia do lixo e que se transformariam mais tarde nos "diários de uma favelada".

A escritora foi "descoberta" pelo jornalista Audálio Dantas, na década de 1950. A publicação de *Quarto de despejo* deu-se em 1960. Carolina publicou ainda mais três livros: *Casa de Alvenaria* (1961), *Pedaços de Fome*(1963), *Provérbios* (1963). O volume *Diário de Bitita* (1982), publicação póstuma também oriunda de manuscritos em poder da autora, foi editado primeiramente em Paris, com o título *Journal de Bitita*, que teria recebido, a princípio, o título de *Um Brasil para brasileiros*. Em 1997, o pesquisador José Carlos Sebe Bom Meihy, autor do volume crítico *Cinderela negra*, em que discute a vida e a obra da autora, reuniu e trouxe a público um conjunto de poemas inéditos com o título de *Antologia pessoal*. Todavia, nenhuma destas obras conseguiu repetir o sucesso de público que *Quarto de despejo* obteve. De acordo com Carlos Vogt (1983), Carolina Maria de Jesus teria ainda deixado inéditos dois romances: *Felizarda* e *Os escravos*.

Em 13 de fevereiro de 1977, a autora faleceu em um pequeno sítio, na periferia de São Paulo, quase esquecida pelo público e pela imprensa.

Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus acesso em 10/06/2019.

LAUDELINA CAMPOS DE MELLO

Laudelina nasceu em 12 de outubro de 1904, em Poços de Caldas, Minas Gerais. Aos sete anos de idade, começou a trabalhar como empregada doméstica, aos 16 anos deu início à sua atuação em organizações de cunho cultural, sendo eleita presidenta do Clube 13 de Maio, agremiação que promovia atividades recreativas e políticas entre os negros de sua cidade.

Aos 18 anos, Laudelina mudou-se para São Paulo, onde se casou, mudando-se para Santos em 1924. Participou junto com seu marido da agremiação Saudade de Campinas, grupo cultural negro de Santos. Somente depois da separação (1938), e já com seus dois filhos, ela passaria a agir de forma atuante em movimentos populares. Sua militância ganhou conteúdo político e reivindicatório com sua filiação ao Partido Comunista Brasileiro, em 1936. Ainda em 1936, fundou a primeira Associação de Trabalhadores Domésticos do país, fechada durante o Estado Novo, e voltando a funcionar em 1946. Trabalhou para a fundação da Frente Negra Brasileira, militando na maior associação da história do movimento negro, que chegou a ter 30 mil filiados ao longo da década de 1930.

Laudelina mudou-se para Campinas em 1955, entrou para o movimento negro da cidade e participou de atividades culturais e sociais, especialmente com o Teatro Experimental do Negro (TEN), cujo objetivo era elevar a autoestima e a confiança da juventude negra, através da formação de grupos de teatro e dança. Criou uma escola de música e de balé na cidade. Trabalhou como empregada doméstica até 1954, quando abriu seu próprio negócio, uma pensão, e passou a vender também salgados nos dois campos de futebol da cidade (Guarani e Ponte Preta). A partir daí ela se dedicou integralmente à militância sindical e cultural, inclusive promovendo, em 1957, um baile de debutantes (Baile Pérola Negra) para jovens negras, no Teatro Municipal de Campinas.

Fundou, com o apoio do Sindicato da Construção Civil do município de Campinas, o sindicato/associação das domésticas em Campinas. À frente da associação, apoiou dois tipos de ações: um voltado para alfabetização, pois considerava que seria o primeiro passo para conscientização e entendimento da legislação trabalhista e consequentemente reivindicação dos direitos da classe; e atividades que tinham como objetivo estimular a solidariedade entre as trabalhadoras.

Laudelina acumulou experiência com a fundação das associações e foi convidada, a partir de 1962, para participar da organização de diversos sindicatos (ainda na forma de associação) da categoria, como o do Rio de Janeiro e o de São Paulo. A militância sindical não a fez deixar de lado as demandas sociais, sempre participando dos movimentos negros e feministas.Faleceu em 12 de maio de 1991 em Campinas, deixando sua casa para o sindicato de Campinas.

Disponível em: http://antigo.acordacultura.org.br/herois/heroi/laudelina acesso em 10/06/2019.

CONCEIÇÃO EVARISTO

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 1946. De origem humilde, migrou para o Rio de Janeiro na década de 1970. Graduada em Letras pela UFRJ, trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital fluminense. É Mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, com a dissertação *Literatura Negra*: uma poética de nossa afro-brasilidade (1996), e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, com a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos* (2011), na qual estuda as obras poéticas dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edimilson de Almeida Pereira em confronto com a do angolano Agostinho Neto.

Participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra em nosso país, estreou na literatura em 1990, quando passou a publicar seus contos e poemas na série *Cadernos Negros*. Escritora versátil, cultiva a poesia, a ficção e o ensaio. Desde então, seus textos vêm angariando cada vez mais leitores. A escritora participa de publicações na Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos. Seus contos vêm sendo estudados em universidades brasileiras e do exterior, tendo, inclusive, sido objeto da tese de doutorado de Maria Aparecida Andrade Salgueiro, publicada em livro em 2004, que faz um estudo comparativo da autora com a americana Alice Walker. Em 2003, publicou o romance *Ponciá Vicêncio*, pela Editora Mazza, de Belo Horizonte.

Em 2011, Conceição Evaristo lançou o volume de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres*, em que, mais uma vez, trabalha o universo das relações de gênero num contexto social marcado pelo racismo e pelo sexismo. Em 2013, a obra antes citada *Becos da memória* ganha nova edição, pela Editora Mulheres, de Florianópolis, e volta a ser inserida nos catálogos editoriais literários. No ano seguinte, a escritora publica *Olhos D'água*, livro finalista do Prêmio Jabuti na categoria "Contos e Crônicas". Já em 2016, lança mais um volume de ficção, *Histórias de leves enganos e parecenças*.

Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo acesso em 10/06/2019.

RUTH DE SOUZA

Ruth de Souza é reconhecida como uma das principais atrizes brasileiras, de fama nacional e internacional, atuou em teatro, televisão e cinema. Sua sólida carreira foi construída através de dedicação e perseverança, abrindo caminhos para diversos atores negros que até então não tinham espaço, seja no teatro, na televisão ou no cinema brasileiro.

Ruth Pinto de Souza nasceu em 1921, no Engenho de Dentro, Rio de Janeiro, filha de Alaíde Pinto de Souza e Sebastião Joaquim Souza. Ainda muito pequena, foi morar no sítio que o pai tinha em Minas Gerais, lá viveu parte da infância com os pais e os dois irmãos mais novos, Maria e Antônio.

Em 1944, decidida a aprender teatro, mas sem saber por onde começar, Ruth de Souza tomou conhecimento da existência de uma companhia de teatro recém-criada chamada Teatro Experimental do Negro, que na época se reunia na UNE (União Nacional dos Estudantes). A atriz estreou no primeiro espetáculo do grupo, a peça O Imperador Jones, quando fez o papel de uma escrava. A estreia ocorreu no Teatro Municipal, em 8 de maio de 1945.

Com o Teatro Experimental do Negro, Ruth ainda interpretou, entre outros espetáculos, Todos os Filhos de Deus Têm Asas e Moleque Sonhador, de Eugene O'Neill, Otelo, de Shakespeare, - quando interpretou Desdêmona ao lado de Abdias do Nascimento – Aruanda, escrita especialmente para o grupo por Joaquim Ribeiro, O Filho Pródigo, escrita por Lúcio Cardoso, também especialmente para o grupo e Orfeu da Conceição, de Vinicius de Moraes, encenada em 1956.

Em 1960 Ruth de Souza interpretou nos palcos a escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, na peça O Quarto de Despejo, considerado pela própria atriz um dos trabalhos mais significantes da sua carreira, embora não tenha sido um sucesso de público. Mais tarde, em 1983 ela interpretaria o mesmo papel na televisão, para a série Caso Verdade da Rede Globo, considerado por ela mesma seu melhor trabalho na televisão.

A partir de 1965, Ruth passou a trabalhar, além do teatro e cinema, na televisão. Primeiro trabalhou nas TVs Tupi e Record. Teve proeminência em novelas da extinta TV Excelsior e mais tarde na TV Globo, onde estreou em 1969. Na rede Globo interpretou, além de minisséries, inúmeras telenovelas, com destaque para A Cabana do Pai Tomás (1969), quando foi protagonista, O Bem Amado (1973), Sinhá Moça (1986), quando mais uma vez contracenou com o amigo Grande Otelo e O Clone (2001).

Além de dois Prêmios Saci, por Sinha Moça e Fronteiras do Inferno, Ruth recebeu em 1988 a Comenda do Grau de Oficial da Ordem do Rio Branco, do então Presidente José Sarney e o prêmio de Melhor Atriz no Festival de Gramado de 2004 pelo filme Filhas do Vento. Sua carreira conta mais de trinta longas-metragens, mais de 25 peças de teatro e cerca de 30 telenovelas.

Disponível em: http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/hist%C3%B3ria-e-mem%C3%B3ria/historia-e-memoria/ acesso em 10/06/2019.

MERCEDES BAPTISTA

Ícone da dança no Brasil, Mercedes Baptista foi a primeira bailarina clássica negra brasileira, primeira mulher negra a passar no exigente concurso e fazer parte do corpo de baile do Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

Mercedes Ignácia da Silva nasceu em 1921 no município de Campos dos Goytacazes no Rio de Janeiro. Filha de João Baptista Ribeiro e Maria Ignácia da Silva, Mercedes foi criada em uma família humilde que sobrevivia do trabalho de sua mãe, que era costureira. Antes da dança, ela trabalhou em uma gráfica, em uma fábrica de chapéus, foi empregada doméstica e também trabalhou em uma bilheteria de cinema.

Mercedes recebeu a formação em balé clássico e dança folclórica pela bailarina Eros Volúsia, especialista em cultura brasileira. Na década de 1960, Mercedes uniu sua formação erudita com a valorização da cultura negra, lançando o balé afro, voltado para o estudo dos movimentos ritualísticos do candomblé e das danças folclóricas. Suas criações coreográficas permanecem até hoje identificadas como repertório gestual da dança afro.

Em 1963, Mercedes idealizou a coreografia da comissão de frente do desfile da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro, que venceu o Carnaval daquele ano. Entre outras realizações, Mercedes ministrou cursos fora do Brasil – Nova York e Califórnia. Recebeu diversas homenagens e em 2007 o livro Mercedes Baptista: a criação da identidade negra na dança, de autoria de Paulo Melgaço, foi publicado pela Fundação Cultural Palmares.

Disponível em: http://www.palmares.gov.br/?page_id=33210 acesso em 10/06/2019.

ALZIRA RUFINO

Alzira dos Santos Rufino, nascida em 1949, é graduada em Enfermagem e se autointitula “batalhadora incansável pelos direitos da mulher, sobretudo da mulher negra”. Empenhada em desenvolver um trabalho político de combate ao racismo, fundou, em 1986, o “Coletivo de Mulheres Negras da Baixada Santista”. Atualmente é coordenadora geral da “Casa de Cultura da Mulher Negra”, localizada em Santos/SP, que é uma organização não-governamental criada em 1990 e que, além de outras atividades de assistência jurídica e psicossocial à mulher negra, possui um programa de combate à violência doméstica e racial, dirigido pela própria escritora. Além disso, a “Casa de Cultura Mulher Negra” promove a publicação da revista semestral Eparrei, da qual Alzira Rufino é editora. É criadora do coral de crianças negras Omó Oyá e o Grupo de Dança Afro Ajaína.

Poeta e contista com várias publicações em *Cadernos negros*, a autora recebeu prêmios em concursos de poesia de várias cidades brasileiras. Sua produção afina-se com a tendência da chamada "Geração Quilombhoje", no sentido de uma literatura empenhada em promover a cultura afro-brasileira, a autoestima da população afro-descendente e o combate a todos os tipos de discriminação racial. Outro detalhe significativo é o ponto de vista adotado na escrita dos seus textos, o qual não ressalta apenas o olhar negro, mas o olhar negro e feminino.
http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/528-alzira-dos-santos-rufino acesso em 10/06/2019.

JARID ARRAES

Jarid Arraes nasceu em Juazeiro do Norte, cidade localizada na região do Cariri, interior do Ceará, em 12 de Fevereiro de 1991. Desde a infância teve forte contato com a literatura, sobretudo pela influência do seu avô, Abraão Batista, e de seu pai, Hamurabi Batista, ambos cordelistas e xilogravadores.
Começou a publicar seus escritos aos 20 anos de idade, no blog Mulher Dialética. Logo passou a colaborar em blogs como o Blogueiras feministas e o Blogueiras Negras e em 2013 se tornou colunista da Revista Fórum, onde manteve o blog Questão de Gênero até Fevereiro de 2016. Na Revista Fórum, atuava também como jornalista e escrevia matérias sobre as mais diversas ramificações dos Direitos Humanos, como feminismo, movimentos de luta contra o racismo, direitos LGBT, entre outros.
Jarid morou em Juazeiro do Norte/CE até 2014 e participou de coletivos regionais, como o Pretas Simoa (Grupo de Mulheres Negras do Cariri) e o FEMICA (Feministas do Cariri), o qual fundou. Em dezembro de 2014 mudou-se para São Paulo, onde passou a fazer parte da ONG Casa de Lua até o seu fechamento.
Em Julho de 2015, Jarid Arraes publicou "As Lendas de Dandara", seu primeiro livro em prosa e em edição independente que contou com ilustrações de Aline Valek. Em menos de 1 ano, a tiragem foi completamente esgotada e a obra foi republicada em dezembro de 2016 pela Editora de Cultura. O livro nasceu da necessidade de resgatar a história de Dandara dos Palmares, contada como esposa de Zumbi dos Palmares, e tem a proposta de misturar lendas e fantasia com fatos históricos sobre a luta quilombola no período da escravidão no Brasil.
Além do livro "As Lendas de Dandara", suas obras mais conhecidas são os cordéis da Coleção Heroínas Negras da História do Brasil; neles, são resgatadas biografias de grandes mulheres negras que marcaram a história brasileira, como Antonieta de Barros, Carolina Maria de Jesus, Tereza de Benguela, Laudelina de Campos, entre outras. A autora também possui cordéis infantis, como "A menina que não queria ser princesa" e "A bailarina gorda" e "Os cachinhos encantados da princesa".

Em Junho de 2017, Jarid lançou o livro “Heroínas Negras Brasileiras em 15 cordéis” pela Pólen Livros e realizou eventos de lançamento em São Paulo e no Rio de Janeiro, ambos recorde de vendas da Blooks Livraria com exemplares totalmente esgotados.
Em Julho de 2018, Jarid Arraes lançou seu primeiro livro de poesia, “Um buraco com meu nome”, publicado pelo selo Ferina
Disponível em: http://jaridarraes.com/biografia/ acesso em 10/06/2019

A partir dessa apresentação, propor a discussão com a turma e mobilizar para o debate: Por que estas personagens são desconhecidas pela maioria da população brasileira?

ATIVIDADE 2 :

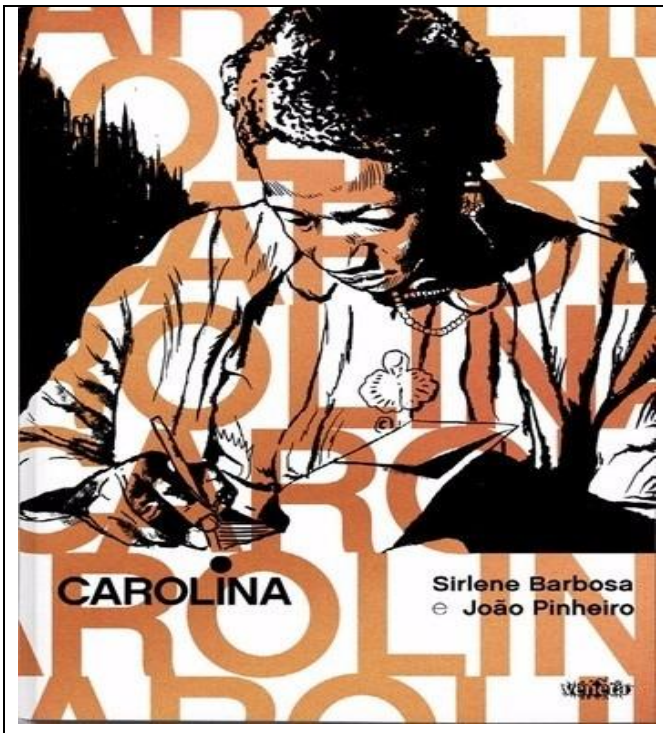
A partir da discussão gerada pela atividade anterior, propor uma pesquisa em grupos, onde cada grupo escolherá duas personagens apresentadas anteriormente ou outras que considerarem relevantes e farão uma pesquisa apontando as contribuições (artísticas, culturais, políticas, religiosa, sociais) de tais personagens.

O resultado da pesquisa será socializado com a turma e será confeccionado um mural no saguão da escola para expor o resultado da pesquisa.

OFICINA 2: APRESENTANDO CAROLINA MARIA DE JESUS

Essa oficina tem como objetivo apresentar a escritora Carolina Maria de Jesus promovendo o conhecimento e o reconhecimento de sua trajetória antes e depois do sucesso editorial do livro "Quarto de despejo: diário de uma favelada" (1960). O protagonismo de Carolina Maria de Jesus, na literatura, representou um divisor tanto na sua vida, como também na literatura de seu tempo. Carolina além de sua condição racial e social se destacou como mulher produzindo uma literatura com um olhar feminino, num contento de desigualdade e machismo.

Para o desenvolvimento da oficina, vamos utilizar a obra "Carolina" de Sirlene Barbosa e João Pinheiro, publicada em 2016. O livro apresenta a biografia de Carolina Maria de Jesus em quadrinhos, e foi inspirada na vida, percepções sobre escrita e na obra "Quarto de despejo: diário de uma favelada" (1960).



Capa da obra "Carolina" (2016).

ATIVIDADE 1 :

Leitura da história em quadrinho "Carolina". Dividir a turma em grupos para a leitura da obra.

Após a leitura exibir alguns vídeos sobre Carolina:

https://www.youtube.com/watch?v=Chl-lg87LVQ

https://youtu.be/OfzC36k1gjo

https://www.youtube.com/watch?v=E5V8SvEN2lI

https://www.youtube.com/watch?v=oK9TiWtIYpE

Questões para responder e socializar:

- Identifique algumas dificuldades enfrentadas por Carolina Maria de Jesus;
- Como Carolina fazia para superar os momentos difíceis de sua vida?
- Identifique e transcreva o trecho onde Carolina Maria de Jesus faz um relato sobre a desigualdade social existente na favela;
- Essa desigualdade relatada por Carolina ainda persiste em nossa sociedade? Elabore um argumento para justificar sua resposta;

OFICINA 3 - CAROLINA, MULHER NEGRA: DO LIXO ÀS EDITORAS: A OBRA "QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA" (1960).

"Não digam que fui rebotalho, que vivi à margem da vida. Digam que eu procurava trabalho, mas fui sempre preterida. Digam ao povo brasileiro que meu sonho era ser escritora, mas eu não tinha dinheiro para pagar uma editora".

Carolina Maria de Jesus

Numa favela, 1958, o jornalista Audálio Dantas descobriu uma escritora: Carolina Maria de Jesus, que ficaria conhecida mundialmente por Quarto de despejo: diário de uma favelada, um clássico da literatura brasileira, traduzido em 13 idiomas. O diário é um gênero memorialístico muito comum e conhecido, mas que não aparece com muita frequência entre os grandes clássicos da literatura. O Objetivo dessa oficina é proporcionar aos alunos o contato com a obra a partir da leitura e análise alguns trechos.

Iniciar com a leitura do seguinte excerto do livro Quarto de despejo: diário de uma favelada, para os (as) alunos (as):

"A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorre. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde moro" **(JESUS, p.2000, p.147).**
Pedir aos alunos(as) que reflitam sobre o excerto e expressem sua opinião sobre a relação entre a vida que a autora fala e a cor preta.
"Eu classifico São Paulo assim: o Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos" **(JESUS, 2000, p.28).** Apontar que a autora faz uma referência a lugares comuns de São Paulo, onde os turistas normalmente vão, o Palácio do Governo e a Prefeitura, mas também fala da favela, lugar considerado como um depósito.
"Cheguei ao inferno. Devo incluir-me, porque eu também sou da favela. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo" **(JESUS, 2005, p.33).**
A favela é, para Carolina uma analogia ao quarto de despejo, que várias vezes, é descrito estar no inferno:

Percebe-se, nestes trechos que tanto o lugar onde a autora mora, assim como sua condição feminina e étnica são de extrema importância para se pensar os papéis exercidos e a identidade construída partindo de um cotidiano de atribulações documentados no livro.

O diário começou a ser escrito em 1955, mas é possível assegurar, sem dificuldades que os problemas sociais como moradia, alimentação, atendimento médico dentre outros direitos dos cidadãos ainda são os mesmos.

Também se percebe que passados mais de 50 anos da publicação do livro de Carolina, a presença da mulher negra na literatura, seja como escritora ou como personagem ainda é muito pequena, o que não representa da realidade da sociedade brasileira.

Em 2014 Carolina Maria de Jesus completaria seu centenário sua obra tornou-se mais conhecida com a divulgação em várias mídias, para homenageá-la, reconhecer e disseminar ainda mais sua importância para a história e para a literatura nacional.

ATIVIDADE 1:

Antes de expor o conteúdo, é interessante selecionar alguns trechos de Quarto de Despejo sobre os diferentes assuntos que Carolina Maria de Jesus fala e fornecê-los para os alunos, separados em grupos. Cada grupo recebe trechos diferentes, os lê e troca entre si as impressões que tiveram. Após isso, cada grupo relata à sala o que discutiu. Essa dinâmica vai ajudar os estudantes a ter um primeiro contato com a realidade de Carolina.

Entre os diferentes assuntos dos trechos, sugerimos os seguintes temas vistos na ótica da escritora:

Favela

Esta questão é relevante para mostrar a visão que Carolina Maria tinha da segregação socioespacial de São Paulo. As comparações feitas pela autora demonstram sua consciência de que a periferia faz parte de uma dinâmica urbana excludente.

– 19 de Maio de 1958: "Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo" **(JESUS, 2014, p.37).**

– 07 de Julho de 1958: "Quando eu vou na cidade tenho a impressão que estou no paraíso. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferente da favela.

***as casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquela paisagem a de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da América do Sul está enferma com as suas úlceras. As favelas"* (JESUS, 2014, p.85).**

Percebe- se que a exclusão da favela era tão grande, que nem se a considerava como parte da cidade, como vemos no trecho acima. Usa-se a palavra "cidade" como sinônimo de centro, ao qual se opõe a favela.

Fome:

Este tema tem grande destaque por Carolina no decorres de sua obra. A extrema pobreza vivida na favela torna a existência dos seus moradores algo demasiadamente difícil. Podemos ver esse cenário agonizante nos seguintes trechos:

***– 19 de Maio de 1958: "As aves deve ser mais feliz que nós. Talvez entre elas reina amizade e igualdade.(...) O mundo das aves deve ser melhor do que dos favelados, que deitam e não dormem porque deitam- se sem comer"* (JESUS, 2014, p. 35).**

***– 20 de Maio de 1958: "Como é horrível ver um filho comer e perguntar: Tem mais? Esta palavra 'tem mais' fica oscilando dentro do cérebro de uma mãe que olha as panela e não tem mais"* (JESUS, 2014, p. 38).**

***– 22 de Maio de 1958: "Duro é o pão que nós comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado"* (JESUS, 2014, p. 41).**

***– 30 de Maio de 1958: "O José Carlos chegou com uma sacola de biscoitos que catou no lixo. Quando vejo eles comendo as coisas do lixo penso: e se tiver veneno? E que as crianças não suporta a fome"* (JESUS, 2014, p. 46).**

***– 14 de Junho de 1958: "Fiquei nervosa ouvindo a mulher lamentar- se porque é duro a gente vir ao mundo e não poder nem comer... Eu penso isto, porque quando não tenho nada para comer, invejo os animais"* (JESUS, 2014, p. 61).**

***– 15 de Junho de 1958: "Pobre mulher! Quem sabe se de há muito ela vem pensando em eliminar-se, porque as mães têm muito dó dos filhos. Mas é uma vergonha para uma nação. Uma pessoa matar-se porque passa fome"* (JESUS, 2014, p. 63).**

Esse conjunto de citações reforça as dificuldades que a miséria causa no ser humano. A fome acarreta uma série de complicações médicas, emocionais e psíquicas, vistas na morte por destruição, na ideia de suicídio e no sofrimento da mãe em não poder cuidar bem do filho. Mas mediante de tantas dificuldades, os favelados, como nos mostra Carolina, são obrigados a serem perseverantes para lutarem pela sobrevivência.

Ao longo de sua escrita, Carolina sublinha que sabia a cor da fome, ela seria amarela, e era dessa sensação que ela mais tentava fugir:

"Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as arvores, as aves tudo amarelo, depois que comi tudo normalizou- se aos meus olhos" **(JESUS, 2014, p. 44).**

<u>Questões sociais e políticas</u>

Carolina também mostra uma visão muito clara sobre os políticos e a sociedade da época. Percebe que a atuação deles se voltava a uma realidade social muito distante da que a favela enfrentava. Diante da situação de pobreza e desigualdades, a autora manifesta seus desgostos, indignação, reclama de seu sofrimento e sonha com mudanças pessoais e também melhorias na esfera política, que façam a situação coletiva prosperar.

– 19 de Maio de 1958 "O que o senhor Juscelino tem de aproveitável é a voz. Parece um sabiá e a sua voz é agradável aos ouvidos. E agora, o sabiá está residindo na gaiola de ouro que é o Catete. Cuidado sabiá, para não perder esta gaiola, porque os gatos quando estão com fome contempla as aves nas gaiolas. E os favelados são gatos. Tem fome" **(JESUS, 2014, p. 35).**

– 20 de Maio de 1958: "Quando um político diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olho o povo com os olhos semicerrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade" **(JESUS, 2014, p. 38).**

– "A democracia está perdendo seus adeptos. No nosso paiz tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que está fraco,

morre um dia" **(JESUS, 2014, p. 39).**

_ 21 de Maio de 1958: "... Quem governa o nosso país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é fome, a dor, e a aflição do pobre. Se a maioria revoltar- se, o que pode fazer a minoria? Eu estou ao lado do pobre, que é o braço. Braço desnutrido. Precisamos livrar o paiz dos políticos açambarcadores" (**JESUS, 2014, p. 39).**

– 22 de Maio de 1958: "Foi lá que [no Serviço Social] que eu vi as lagrimas deslisar sobre os rostos dos pobres. (...) Como é pungente ver os dramas que ali se desenrola. A ironia com que são tratados os pobres. (...) A única coisa que querem saber são os nomes e os endereços dos pobres" **(JESUS,2014, p. 42).**

Interessante notar a revolta de Carolina, os relatos acima reforçam que os setores mais pobres da sociedade demandam do Estado melhorias urgentes na qualidade de vida. Além disso, cabe indicar o descaso com que eram tratados os necessitados, mesmo por órgãos estatais. Carolina de Jesus transmite bem essa mensagem quando fala do Serviço Social, mais preocupado com registros burocráticos do que com o sofrimento humano.

Escrita

Carolina também relata suas atitudes pessoais e a postura que assume ao longo da sua narrativa.

_ 19 de Maio de 1958: "Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu. E faço isto em prol dos outros" **(JESUS, 2014, p. 36).**

– 1 de Junho de 1958: "Não tenho força física, mas as minhas palavras ferem mais do que espada. E as feridas são incicatrizáveis" **(JESUS, 2014, p.48).**

– 13 de Junho de 1958: "Os bons eu enalteço, os maus eu critico. Devo reservar as palavras suaves para os operarios, para os mendigos, que são escravos da miseria" **(JESUS, 2014, p. 61).**

Podemos ver assim, uma tomada de atitude da escritora: fazer dos seus diários registros e denúncias das dificuldades enfrentadas pela população da favela. Nesse sentido, Carolina Maria de Jesus não apenas retrata sua realidade, mas se posiciona criticamente a ela.

ATIVIDADE 2:

Passar para os(as) alunos(as) o curta-metragem O Papel e mar, adaptação do diretor Luiz Antônio Pilar para a obra da autora que leva o mesmo nome.

Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=73cWnIOfZXM

https://www.youtube.com/watch?v=AkeYwVc2JL0

Refletir com os(as) alunos(as) que, apesar de sua célebre obra ter repercutido bastante, Carolina morreu como viveu: pobre.

A partir dos debates e comentários da atividade anterior, dividir a turma em grupos e propor uma pesquisa relacionando os problemas apontados por Carolina, fazendo referência com os problemas enfrentados atualmente pela sociedade. Montar um painel com os resultados da pesquisa, conforme modelo abaixo:

CRÍTICAS SOCIAIS/ CAROLINA	CRÍTICAS SOCIAIS ATUAIS

OFICINA 4 - CAROLINAS ONTEM E HOJE

Essa oficina pretende promover a reflexão sobre o preconceito contra a mulher na sociedade brasileira ao longo do tempo destacando sua construção e reprodução, mas também suas transformações por meio das lutas empreendidas.

E através da biografia de Carolina Maria de Jesus e de outros recursos áudio visuais propomos pensar o preconceito contra a mulher na sociedade brasileira e as lutas protagonizadas por mulheres e pelo movimento feminista, como construções sociais que não estão congelados no tempo pois sofreram transformações a partir das diferentes estratégias de lutas.

Assim, Carolina de Jesus nos estimula a refletir o quanto cada um é *sujeito histórico*, o quanto somos influenciados pela época em que vivemos. Explicita também que devemos dar grande importância à vivência de cada pessoa, que é protagonista de sua vida. Entretanto, o protagonismo de Carolina foi além. Ela enfrentou os preconceitos que na época recaiam sobre as populações negra, pobre, feminina e com pouca escolaridade. Diferentemente da maioria dos seus vizinhos, cultivava o hábito de ler e teve a iniciativa de registrar criticamente a realidade da favela em seus diários. A escrita, para ela, correspondeu uma forma de tirar do anonimato o sofrimento de tantos favelados, ignorado por entre os setores dominantes da sociedade. Carolina conseguiu colocar em pauta nacional as enormes populações pobres, negras e marginalizadas do país, fazendo a sociedade, governantes e intelectuais refletirem sobre elas.

Também pretende- se promover a reflexão sobre a importância de pensar sobre sua própria trajetória de vida, partindo de Carolina Maria de Jesus que, ao relatar sobre sua própria história de vida, nos possibilitou pensar sobre o enfrentamento de obstáculos, a valorização das identidades e da luta contra a desigualdade racial e social.

Como Carolina, que ao relatar sua trajetória, criando um livro de conteúdo autobiográfico, a oficina quer estimular os alunos a criarem relações entre suas biografias e os temas que foram discutidos ao longo das oficinas, ou mesmo da própria experiência de contato com o texto de Carolina Maria de Jesus.

ATIVIDADE 1:

“Tem pessoas aqui na favela que diz que eu quero ser muita coisa porque não bebo pinga. Eu sou sozinha. Tenho três filhos. Se eu viciar no álcool os meus filhos não irá respeitar–me.

Escrevendo isto estou cometendo uma tolice. Eu não tenho que dar satisfações a ninguém. Para concluir, eu não bebo porque não gosto, e acabou-se. Eu prefiro empregar o meu dinheiro em livros do que no álcool. Se você achar que estou agindo acertadamente, peço te para dizer: - Muito bem, Carolina!" (JESUS, 1960, p. 55)

Propor a construção de um texto autobiográfico, ou a "escrita de si", no qual esteja presente no registro a trajetória de vida do (a) aluno (a), tais como: sua origem social, racial, familiar, seus medos e sonhos.

ATIVIDADE 2:

Nossas histórias pessoais são tecidas pelos fios da história da sociedade em que vivemos e vice-versa, por isso histórias do nosso país podem ser apreendidas a partir de experiências individuais. As Histórias de Vida de Carolina Maria de Jesus podem ajudar nossa sociedade a refletir sobre problemas que, apesar de não se manifestarem da mesma forma, ainda estão presentes em nosso dia a dia, como desigualdades sociais, raciais e de gênero.

Que tal apresentar as histórias de luta de Carolina Maria de Jesus a outras pessoas?

Orientações para atividade: Dividir a turma em quatro grupos e a partir do tema, das fontes e do conhecimento adquirido ao longo das aulas/ oficinas, cada grupo deve apresentar sobre a vida de Carolina Maria de Jesus, utilizando a linguagem que mais se identificar segue-nos exemplos:

- história em quadrinhos
- um curta-metragem utilizando a câmera do celular
- teatro
- uma matéria jornalística
- uma paródia musical

REFERÊNCIAS

ABUD, Katia Maria; SILVA, André Chaves de Melo Silva; ALVES, Ronaldo Cardoso. **Ensino de história.** São Paulo: Cengage Learning, 2013 – (Coleção ideias em ação).

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história? In: GONÇALVES, Márcia de Almeida... [et al.]. **Qual valor da história hoje?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012. pp. 21-39.

ARRUDA, Aline Alves; BARROCA, Iara Christina Silva; TOLENTINO, Luana; MARRECO, Maria Inês (orgs). **Memorialismo e resistência: estudos sobre Carolina Maria de Jesus.** Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

AZEREDO, Edson Guimarães de. **As muitas vidas e identidades de Carolina Maria de Jesus: o uso do biográfico e do autobiográfico no ensino das relações étnico raciais.** Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História. Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ UFRJ. Área de concentração: Ensino de História. São Gonçalo. 111 páginas, 2018. <Disponível em: https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/432029/2/Edson%20Azeredo.pdf> acesso em 22 de junho de 2020.

BARBOSA, Alexandre R. F. **A narrativa como ensaio para aprendizagem da História: arte e ficção na constituição do tempo e de si**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

BARBOSA, Alexandre (Org.) **Como Usar as Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula.** São Paulo: Contexto, 2014.

BARBOSA Sirlene; PINHEIRO, João. **Carolina.** História em Quadrinhos. HQ. Pesquisas e argumento de Sirlene Barbosa e desenhos de João Pinheiro. São Paulo: Editora Veneta, 2018.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e Métodos**. 4 ed. São Paulo: Cortez. 2011.

BODEI, Remo. **A História tem um sentido?** Tradução: Reginaldo Di Piero. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

BRULON, Vanessa & PECI, Alketa. **Entre consensos e discordâncias: estratégias de legitimação no campo burocrático do Estado em ação nas favelas**. 2019. Disponível em:<https://www.scielo.br/pdf/cebape/v17n3/1679-3951-cebape-17-03-474.pdf> acesso em 22 de junho de 2020.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929- 1989): A revolução francesa da historiografia.** Tradução: Nilo Odalia. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.

CAIMI, Flávia Eloisa. **História escolar e memória coletiva: como se ensina? Como se aprende**. In: MAGALHÃES, Marcelo; ROCHA, Helenice; GONTIJO, Rebeca. (org). A escrita da história escolar: memória e historiografia. 1ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p.65-79.

_____. **O que precisa saber um professor de História?** História & Ensino, Londrina, v. 21, n. 2, p. 105-124, jul./dez. 2015. Disponível em: < http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/23853> Acesso em 01/07/2020.

CANDAU, Joel. O Jogo Social da Memória e da Identidade. In: _____. **Memória e Identidade**. São Paulo, Contexto, 2011.

CARVALHO, Raul Costa. **Ensino de História, Cotidiano e Literatura: Escravidão e paternalismo nos contos de Machado de Assis.** 2016/ 132f dissertação de Mestrado em Ensino de História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências humanas. Porto Alegre, 2016.

CASTRO, Eliana de Moura; MACHADO, Marília Novais da Mata. **Muito bem, Carolina!** Belo Horizonte: C/Arte, 2007.

CERTEAU, M. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CERRI, Luiz Fernando. **Ensino de história e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

CHERVEL, A**. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa**. In: *Teoria e Educação*, 2, 1990.

EVARISTO, Conceição. **Da representação a auto representação da mulher negra da mulher negra na literatura brasileira.** Revista Palmares: cultura afro-brasileira, Brasília, ano 1, n. 1, ago. 2005. p.54.

_____. **Literatura negra: uma poética de nossa afro brasilidade**. Revista Scripta, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

FARIAS, Tom. **Carolina: uma biografia**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil.** São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado, 2001.

Boris Fausto: FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930: historiografia e história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org). O historiador e suas fontes. São Paulo. Editora Contexto, 2009.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de Ensino de História.** Campinas, SP: editora Papirus, 2003.

GALVÃO, Jerônimo A. P. C. **Biografia na Sala de Aula: a construção de saberes históricos a partir do trabalho com histórias de vida.** 2018/ 2019. 140 f. dissertação de Mestrado em Ensino de História. Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco (UFP). Recife, 2019.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento Negro Educacional. Saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUIMARÃES, Marcella Lopes. **Capítulos de História: o trabalho com fontes**. Curitiba: Aymará Educação, 2012.

GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática de ensino de História: Experiências, reflexões e aprendizados**. – 13ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada**. Rio de Janeiro: Editora Paulo Azevedo LTDA, 1961.

_____. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10ª ed. - São Paulo: Ática, 2014.

_____. **Diário de Bitita**. São Paulo: SESI- SP editora, 2014.

KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas.** 3ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

LAJOLO, Marisa. **"Poesia no quarto de despejo, ou um ramo de rosas para Carolina"**. In: MEIHY, José Carlos Sebe (Org.). Antologia pessoal. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. p. 37- 61.

LEVINE, Robert M.; MEIHY, José Carlos Sebe. **Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus.** Sacramento MG: Editora Bertolucci, 2015. 2ª Edição.

OLIVEIRA, Cristiane Reis Mattos de. **Contos da África Lusófona: Fontes literárias para o ensino de história.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-graduação em Ensino de História. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/ UFRJ. Rio de Janeiro, 76 páginas, 2018. <Disponível em: http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/12700> acesso em 25 de junho de 2020.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2004.

_____. **História e literatura:** uma velha nova história. Nuevo Mundo, Mundos Nuevos, Debates, 2006. <Disponível em: http://nuevomundo.revies.org/index1560.html> acesso em 22 de junho de 2020.

PILAR, Luiz Antonio. **O papel e o mar.** Lapidar produções, 2010.

PINTO, Júlio Pimentel; TURAZZI, Maria Inez. **Ensino de História: diálogos com a literatura e a fotografia.** São Paulo: Moderna, 2012.

PINSKY, Jaime.; PINSKY, Carla. **Por uma história prazerosa e consequente.** In: KARNAL, Leandro (Org.). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. 3. ed. São Paulo: Contextos, 2018.

REIS, José Carlos**. Escola dos Annales: a inovação em história.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica.** Brasília: UnB, 2001.

_____. **História viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico**. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília, editora da UnB, 2007.

SALVADORI, Maria Ângela Borges. **História, Ensino e Patrimônio**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin Editores, 2010.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Literacia Histórica: um desafio para a educação histórica no século XXI**. História & Ensino, Londrina, vol. 15, p. 9-22, ago. 2009.

_____; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (org.). **Jörn Rüsen e o ensino de história.** Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

_____; BARCA, Isabel; URBAN, Ana Cláudia (Org). **Passados possíveis: a educação histórica em debate.** Ijuí: Unijuí, 2014.

SILVA, Eliane da Conceição. **A Representação da Mulher em Carolina Maria de Jesus: Entre o Estereótipo e a escrita de si**. In: ARRUDA, A. A.; (et all) (Orgs.). Memorialismo e Resistência. Estudos sobre Carolina Maria de Jesus. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. **Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira lata**. Vinhedo: Horizonte, 2012.

SOUZA, Tito, E. S. & GOMES, Isaltina M. A. M. **QUARTO DE DESPEJO: AS PÁGINAS AMARELAS DO DIÁRIO DE CAROLINA MARIA DE JESUS.** Revista Literatura em Debate, v. 9, n. 17, p. 66-79, dez. 2019.. Disponível em: < http://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/view/1663/2019> Acesso em: maio de 2020.

TASCHNER, S. Pasternak. **Moradia da pobreza: habitação em saúde.** Tese em Saúde Pública – USP. São Paulo. 386 páginas, 1982. Disponível em:<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6132/tde-04012018 173054/publico/DR_170_Taschner_1982_v2.pdf> acesso em 20 de junho 2020.

TOLEDO, Cristiane Vieira Soares. **Carolina Maria de Jesus: a escrita de si.** *Lêtronica*, vol.3, n.1, p. 247-257; Porto Alegre, julho de 2010.

TOLEDO, Rilza Rodrigues. **Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus: Resgate da Memória e Construção da Identidade.** In: ARRUDA, A. A.; (et all) (Orgs.). Memorialismo e Resistência. Estudos sobre Carolina Maria de Jesus. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

VIANA Lucialene D. S. **Fontes Literárias e a Construção de Saberes Históricos: uma proposta didático-pedagógica no ensino de história**. 2017. Dissertação Mestrado Profissional em Ensino de História– Universidade federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína, 2017.

ZOLIN, Lucia Osana. **Questões de gênero e de representação na contemporaneidade.** Revista Letras Santa Maria, v. 20, n. 41, p. 183-195, 2010.